GUSTAVO BARROSO

ESPIRITO DO SECULO XX

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A.
Rua Sete de Setembro, 162 1936 Rio de Janeiro

"Todas as cousas humanas exigem um ideal ou uma alma".

(*Th. Carlyle* — "O passado e o presente")

"O espirito tradicional não póde morrer, porque, em essencia, é superior á morte e ás transformações".

(*René Guenon* — "La crise du monde moderne"-

ESPIRITO DO SECULO XX

Nós saímos dum seculo cetico, em que a desordem das filosofias varreu a fé de todos os corações, dum seculo que perdeu o criterio das verdades eternas e se deixou guiar pela fraude e pela corrupção generalizadas. Foi o seculo da analise e da negação. O seculo atual reage, necessariamente, contra êle, para o restabelecimento do equilibrio e da harmonia: é o seculo da sintese e da afirmação.

Por isso, a democracia-liberal, projeção politica duma doutrina filosofica que sómente viu a vontade e a razão humanas, o individuo, está em vias de desaparecer. Ela apoiava-se em bases falsas que a não poderiam sustentar por muito tempo — as maiorias quantitativas, as contradições civis dos partidos, a luta sem mercê dos egoismos individuais e a divisão dos poderes publicos.

"A crise da democracia — escreveu Vladimir Berdiaeff — começou ha muito tempo. A primeira decepção foi a propria Revolução Francêsa. As democracias modernas encontram-se numa encruzilhada tragica, num estado doloroso de impotencia e insatisfação, estraçalhadas pela discordia e pelas contradições internas. Não ha nelas nada de duravel, nada de organico, nenhum elemento de eternidade. Elas só amam a liberdade no sentido de indiferença ao bem e ao mal, isto é, á verdade e á mentira. A decepção causada pela democracia e a crise que ela atravessa estão em relação com seu caráter personalista e sem substancia".

A' sombra dela, aproveitando suas concessões e fraquezas, o socialismo, cujo termo fatal na opinião mais do que autorizada de Proudhon, é o comunismo, ganhou terreno e acabou sendo, no DESERTO DEMOCRATICO E LAMARTINEANO DE HOMENS E IDÉAS, por algum tempo, a unica ideologia merecedora de atenção. O comunismo veiu nas suas aguas, fazendo insidiosa e daninha propaganda, procurando destruir nos espiritos tudo quanto se salvára da dissolução do liberalismo, negando todos os valores morais e todas as forças do espirito, sem ter em conta a prudencia do velho Kant: "Nem a experiencia nem as deduções nos instruem suficientemente para podermos saber se o homem contem uma alma (COMO SUBSTANCIA HABITANDO NÊLE, DISTINTA DO CORPO E CAPAZ DE PENSAR INDEPENDENTEMENTE DÊSTE, ISTO É, ESPIRITUAL) ou se a vida não é antes uma propriedade da materia". Esquecendo êste avisado conselho, o comunismo estabeleceu logo o dogma materialista: o pensar é função do existir.

Esquecido daquela afirmação categorica de Chamberlain de que a historia não nos mostra UM UNICO EXEMPLO de revolução determinada UNICAMENTE pelas causas economicas e de que a economia é uma ciência moral de base pratica, erigiu o fenomeno economico como pilastra, creador e guia de tudo o mais, produzindo superestruturas culturais, mentais e morais. Olvidou que a industria, o comercio e o trabalho são manifestações de civilização e não de cultura. Porque cultura é sentido moral da vida. E, querendo tudo arrazar, prometeu sómente a mediocridade de es-

tomagos fartos e sexos contentes á custa da Familia, da Pátria e de Deus.

Todo o Ocidente reagiu contra essa doutrina oriental, que vem de Moscovo e da Judéa. A cultura artistica e cientifica dos povos ocidentais mergulha as raizes na Grecia; sua cultura social mergulha-as em Roma; sua cultura moral mergulha-as na universalidade transcendental do cristianismo. Eis aí porque o gesto fascista de Roma deteve a marcha das anarquias vermelhas favorecida pela inercia, a indiferença, o egoismo suicida da anarquia liberal.

Acima dos fascismos pela sua espiritualidade cristã sem eiva de paganismo e cesarismo, pela sua concepção do Estado Revolucionario, dínamo eterno da sociedade, eternamente recompondo os equilibrios sociais, o Integralismo incarna o espirito do seculo XX e será a idéia vitoriosa dêsse seculo contra o liberalismo do seculo XVIII e o comunismo do seculo XIX.

QUANTIDADE E QUALIDADE

Em um livro recente, "La mystique démocratique", Louis Rougier processa a civilização moderna e a leva á barra do tribunal da inteligencia. Filha da Reforma de Lutero, que iniciou o periodo das guerras religiosas, e da Revolução Francêsa, que produziu as guerras entre as nações e as guerras civis, prepara-se para terminar seu ciclo com o Comunismo, produto da guerra social, da guerra entre as classes.

Conseguiu tudo isso creando uma mistica falsa, a mistica democratica, que se basêa nos principios da falsa liberdade, da falsa igualdade e da falsa fraternidade, os quais sómente produziram uma plutocracia sem alma, uma burguesia vil, uma casta de negocistas, civilização grosseira, em que os letrados, os artistas e os filosofos não são tomados na devida consideração, se sentem deslocados e fa-

dados a desaparecer. "A republica não precisa de sabios" — declararam os revolucionarios de 1793.O operariado não carece da ciência burguêsa — afirmam os comunistas. Abriu-se e fechou-se o ciclo das revoluções com o mêsmo sentido contrário á verdadeira cultura. E', pois, uma civilização que prega o desaparecimento dos inteletuais. Prega e realiza o que prega. Êsse desaparecimento empobrecerá de modo muito sensivel a humanidade, tornando-a sem direção, sem guias, sem educadores e esclarecedores. Mais facilmente, assim, ela poderá ser reduzida á escravidão pelo poder secreto judaico que se apoderou das manivelas de direção do mundo.

Louis Rougier escreve: "A humanidade perdeu em idealismo o que ganhou em força material. Perdeu em espiritualidade o que adquiriu em conforto pelo uso de técnicas que só se preocupam com o exito".

Exito barato. Exito fácil. Exito seja como fôr! Eis a alavanca da civilização de nossos dias. Civilização de milhões, milhões em tudo e por tudo. Até o valor dos edificios se mede pelo numero de andares. Estatisticas e mais estatisticas. Graficos e mais graficos. Razão sobra a Guglielmo Ferrero em afirmar que a Reforma e a Revolução Francêsa transformaram a civilização do Ocidente de "qualitativa" em 'quantitativa".

Rougier ainda declara: "Os verdadeiros sacrificados do mundo atual são justamente todos aquêles que fizeram a grandeza e foram o lustre das civilizações qualitativas. O grave problema do futuro não depende tão sómente do conflito entre o Capital e o Trabalho, cujos interesses a pratica vai diariamente demonstrando não serem incompativeis, mas solidarios; porém, tambem, do recrutamento de uma "elite" espiritual bastante independente, respeitada e forte, que possa consagrar as enormes riquezas creadas pelo regime capitalista á realização dos fins desinteressados já definidos no humanismo grego: atividade estetica, ciência pura e arte de viver moralmente, unicos que podem qualificar uma civilização digna dêsse nome".

Por toda a parte, na imprensa, nos panfletos e nos livros, ao lado de uma intensa e monótona propaganda comunista, se vai sentindo pelo mundo inteiro um intenso fluxo

de renovação espiritual que consola e eleva o espirito.

As forças espirituais do mundo despertam ao toque de rebate dos inteletuais ainda não pervertidos. Despertam e se organizam no sentido de oferecer um dique á inundação do materialismo grosseiro. Contra a falsa mistica da democracia, contra a falsa mistica do comunismo, ela ergue a mistica verdadeira dos Grandes Principios morais que sempre nortearam os homens civilizados. A força dessa reação se alastra pelo planeta como uma corrente eletrica. E tenhamos fé que, como sempre e por toda a parte, a "Qualidade" vencerá a "Quantidade".

ATITUDE — DOUTRINA — MÍSTICA

Vivemos numa época em que tudo se confunde e nada se define. Ninguem possúe uma linha definida de conduta — linha moral, religiosa ou filosofica. O ecletismo e o diletantismo porfiam no dominio de todas as mentalidades. O culto da incompetencia é o resultado da ausencia de rumos inteletuais firmes. O horror das responsabilidades, o da ausencia de lineamentos de ordem moral. E' a época da mestiçagem generalizada, do caldeamento de tudo o que os seculos XVIII e XIX apartaram e analisaram, para a grande sintese que o seculo XX promete. Mistura de raças. Mistura de culturas. Mistura de civilizações. Mistura de credos. Mistura de teorias. *Abáshia* — a Grande Confusão.

Nêsse maremagno de sistemas contraditorios, de desencontros espirituais e de incompreensões reciprocas, em que a prudencia bur-

guêsa aconselha abstenção e cuidado, o Integralismo começa por ser uma atitude destemerosa, linheira, altiva, decidida, que aponta os perigos e as indiferenças, que aponta, e vence o maior de todos os adversarios — o ridiculo.

Todos se esquivam duma atitude, porque atitude implica responsabilidade e o seculo XIX lhe tem horror. E' o tempo da expressiva frase atribuida a um homem de governo: 'Deixar estar como está para vêr como fica". O espirito do seculo XX é um espirito de atitudes e responsabilidades. O Integralismo encarna-o.

Define-se de público, á distancia por uma camisa-verde, por um simbolo — o sigma, por um gesto largo, por um grito de incitamento e de guerra: anauê! Define-se moralmente, afirmando um novo conceito de vida, uma disciplina. Define-se politicamente, afirmando um novo conceito de Estado. Define-se economicamente, afirmando uma nova fórma de economia. Define-se administrativamente, afirmando uma nova concepção do municipio e da provincia. Define-se socialmente, afirmando o corporativismo cristão. Define-se intelectualmente, afirmando novos rumos culturais,

uma doutrina sua, baseada em estudos seus. Define-se espiritualmente, afirmando a verdade e a profundidade das idéas com que o cristianismo fundamentou toda a civilização ocidental.

Define-se quando tudo é indefinido.

Enquanto os partidos politicos do liberalismo, chafurdados no charco das preocupações eleitorais e pessoais, mal podem atingir ás raias dum programa, o Integralismo estatúe uma doutrina capaz de conter uma infinidade de programas. Essa doutrina não vem de fóra, através de traduções, como a dos marxistas. Ela nasce do sentimento, da compreensão e do amor á realidade brasileira. Ela vem da tradição cristã da nossa vida. Ela se projéta em dezenas de volumes de autores nacionais integralistas. Não é um emprestimo; é uma creação.

Os partidos politicos organizam programas, visando fins unicamente eleitorais. Estando na oposição, tudo prometem. As plataformas de seus candidatos são cheias de promessas mirificas. A realidade desfaz todas essas miragens.

O Integralismo não faz plataforma. Ele apresenta um corpo de doutrina, declarando: entendo o universo desta fórma, o homem desta, a sociedade desta, a economia desta, etc. Dessas minhas maneiras de entender essas cousas decorrem as organizações e os sistemas com que serão resolvidos os problemas atinentes a cada uma. Não vou resolver problemas para agradar eleitorados ou para cumprir promessas, porem vou resolvê-los, porque sua resolução resulta do meu modo de encará-los e compreendê-los.

Êsses problemas se impõem de ha muito á consciência nacional. Não fôram resolvidos, porque os observaram de pontos de vista falsos, quer só teoricamente, quer só pragmaticamente. O Integralismo os aprecia dum ponto de vista fundamental, doutrinario, profundo. E eis porque os poderá resolver na verticalidade, enquanto o liberalismo se perdia na sua horizontalidade.

Dessa atitude nova —, destemor, fé, afirmação; dessa doutrina nova, — principios, meios, finalidades definidas para o Homem e para o Estado, naturalmente resulta uma mistica politica, que envolve a pessôa do Chefe Nacional e a aureola.

E' preciso compreender essa mistica para não confundi-la com uma especie de fanatismo ou sectarismo impregnado de qualquer tonus religioso. O Chefe é humano, cheio de defeitos e de erros como qualquer homem; mas êle encarna, como chefe, a idéa que gerou o movimento. O misticismo que se projeta sobre a sua pessôa visivel visa a idéia invisivel. Êle não é um fundador de religião, mas um creador de nova concepção social e politica. Fundador de religião, a palavra de Deus ecoaria pela sua bôca e uma parcela do divino poder por êle se transmitiria. Creador duma concepção social e politica, exprime a realidade nacional através do seu genio. E' a força dessa concepção que gera a mistica integralista.

No seu senso mais profundo, o misticismo é uma necessidade de comunhão tão intima com o divino, que leva até os páramos do extase, do dom completo de si. A mistica integralista é uma necessidade de comunhão tão intima com as idéas do Integralismo que leva ao extremo do sacrificio da propria vida pelo seu triunfo.

OS JACAÚNAS

O Integralismo, como a Igreja, é intolerante em materia de doutrina. O Integralismo, como a Igreja, é tolerante e recebe de braços abertos todo os arrependidos. A Igreja exige dos pecadores que voltam ao seu seio, se reconciliem com Deus, um arrependimento sincero e a penitencia. O Integralismo exige dos brasileiros transviados pelo liberalismo ou pelo comunismo a mêsma sinceridade de contrição e um juramento de obediencia. Assim, os carcomidos, os revolucionarios decepcionados "et magna concomitante caterva" poderão vestir a camisa verde, formar ombro a ombro com os nossos milicianos e prestar serviços, talvez pela primeira vez, á causa da nação.

Os Integralistas não devem temer essas adesões. Se elas são sinceras, devemos nos regosijar de haver salvo mais alguns patricios e de ter dado ás nossas hostes mais alguns bons

soldados. Aliás, nosso jubilo deve ser maior com a entrada dum grande pecador do que com a entrada de brasileiros puros. Porque êstes já são nossos e aquêles nós conquistamos. E, quanto mais empedernida fôr a sua alma marxista ou liberal, maior a nossa vitória em tê-la transformado completamente.

Entretanto, devemos estar sempre vigilantes contra a infiltração de elementos que pretendam mudar os rumos do nosso movimento ou realizar suas ambições pessoais á sombra de nossa bandeira. Para isso, a melhor defesa é aquela intolerancia e intransigencia em materia de doutrina e de disciplina. Porque os homens passam e variam ao sabor dos fátos, dos interesses e das circunstancias, e a doutrina se mantém inalteravel, nos seus pontos básicos, através dos seculos. E só uma doutrina assim póde conservar unidos os homens, cujas tendencias naturais são para a divisão e a contradição.

Se o Integralismo defender dia e noite a sua doutrina de qualquer modificação por mais ligeira que pareça, poderá zombar de todas as tentativas de elementos infiltrados para destrui-lo. E' o segredo da Igreja Católica resis-

tindo aos milenios. Toda e qualquer tentativa esbarrará nêsse muro de aço. Os insinceros ou se encolherão ou irão embora.. Os sinceros mostrarão que crearam alma nova e que poderão pelo proprio esforço chegar aos altos postos, recompensa de seus novos serviços na sua vida nova. Não fôram os grandes pecadores os maiores santos da Igreja? São Paulo não perseguiu o Cristianismo nascente até que a voz do Senhor o acordou do erro? E alguem, depois disso, póde exprobar-lhe o passado, vendo-o pregar aos gentios a palavra de Deus?

Todos são capazes de voltar da estrada de Damasco inundados de luz. O Integralismo é mais do que uma ação politica-social, o Integralismo é a vitória da Moral, o primado do Espirito sobre a Materia. E', pois, além dum movimento de nova vida, um movimento de regeneração. Seus olhos fitam o futuro, mas êle o prepara com os elementos do presente e com os elementos do passado. E somente poderá diminuir as consequencias produzidas por êsse passado desintoxicando os aparelhos humanos e sociais que êle envenenou. Iluminando com outra luz as consciencias, esclarecendo com novos dados os entendimentos, creando a fé

sobre as ruinas das desesperanças, êle não poderá regenerar a sociedade sem regenerar os homens que a compõem.

Se as portas do Integralismo estão por êsses motivos abertas de par em par aos arrependidos de todas as castas e especies, se o Integralismo recebe festivamente os filhos pródigos, se póde dar a mêsma paga aos trabalhadores da undécima hora, isto não quer dizer que andemos atráz dêles ou que os incitemos a procurar os cartões de inscrição. Venham, se sentem como sentimos as dôres da pátria; venham, se estão dispostos a tudo dar por ela e a nada esperar como recompensa; venham, se o seu espirito abandonou os orgulhos do exito e da materia, e é capaz de humilhar-se na presença de Deus.

Não sentindo isso, não venham. Nós não precisamos de adesões, não solicitamos adesões.

Na minha cidade natal, havia um velho muito feio que tinha um filho unico chamado Jacaúna. Era um rapaz perdido, que só servia para dar desgostos ao seu progenitor. Aos vinte e dois anos, apanhou uma tuberculose galopante e morreu. O velho ficou inconsola-

vel, chorando dia e noite. Um de seus amigos de infancia, levando-lhe pesames, e não sabendo como consolá-lo naquela aflição, bateu-lhe afetuosamente no ombro e disse-lhe:

— Fulano, não te atormentes assim. Tem paciencia! Foi Deus que levou o teu Jacaúna para a sua gloria!

Mal acabava estas palavras, o velho esbravejava junto dêle, com os olhos esbogalhados, feio como um sapo, e uns restos de lagrimas correndo pelas faces de couro engelhado:

— Deus?! Ora, vá para o diabo!... O Jacaúna, coitado, era um peralvilho, jogava, bebia, não pagava a ninguem, só fazia me dar desgostos... E para que Deus haveria de querer o Jacaúna, criatura?!...

Ha muitos Jacaúnas politicos por aí, cuja desmoralização pública é tão grande que os força a procurar abrigo nas nossas fileiras como táboa de salvação. Porque êles sabem que no Integralismo não se admitem os processos em que são useiros e vezeiros, que o Integralismo tem chefes que sabem mandar e se fazer obedecr, que o Integralismo exige ciência e consciência, que o Integralismo possúe uma doutrina inamolgavel. Sabendo tudo isso e conhecendo-se a si proprios, êles só podem procurar o Integralismo, se não estão arrependidos sinceramente, como capa de pseudo-regeneração que os livre dá desmoralização em que mergulharam e lhes permita novas aventuras...

Ora, pergunto eu, como o velho lá da minha terra:

— Para que o Integralismo quer êsses Jacaúnas?...

LARVAS E LÊSMAS

Todos os exploradores da finança e da indústria que vivem da miseria operaria e camponêsa; todos os exploradores da politica que vivem á custa da pátria transformada em casa de comercio; todos os burguêses estupidos e passivos que, quando muito, sómente são capazes dum palavreado bonito, mas que nunca foram nem jámais serão capazes duma bela ação; todos os cristãos de mentalidade judaica que se babam com os escandalos dos jornais, que perdem no jogo, sorrindo, dezenas ou mesmo centenas de contos de réis, porem negam um auxilio para a defesa da sociedade e das tradições nacionais; todos os aventureiros da politiqueira, emprezarios de fraudes e de traições, que desmoralizam tudo em que tocam; todos os judeus daninhos e parasitários, tanto os grandes tubarões da finança internacional acastelados nos bancos de fama mundial quanto certos sórdidos comerciantes a prestações, agentes do comunismo, do caftismo e do trafico de entorpecentes; todos êsses vanguardeiros da dissolução social e da escravização ao messianismo judaico fantasiado de reivindicações proletarias em marcha para o bolchevismo. toda essa bôrra ha tres anos se está agitando no Brasil deante do nosso grande e sagrado movimento integralista. Nós somos uma ação regeneradora em todos os sentidos e, naturalmente, essa regeneração tende a destruir o clima propicio á proliferação dessas larvas. Elas revoltam-se e nos combatem sob qualquer pretexto. Deus nos livre que nos apoiem. No dia em que semelhante corja nos elogiar, nós estaremos perdidos, porque teremos descido até ela...

O Integralismo é uma luta a pról de idéas. Por essas idéas os integralistas sacrificam tudo sem o menor arrependimento. Êles cumprem um dever e querem ter a consciência de o cumprirem até o fim.

Entretanto, diante das angústias nacionais, dos perigos que corre a pátria, dos esforços que representa a nossa luta, muitos e mui-

tos *que se dizem brasileiros* não cumprem o seu dever para com a nação, por ignorancia, indiferença, incompreensão, malicia ou comodismo. Nem todos, é verdade, podem vestir uma camisa-verde e formar nas nossas milicias; mas todos podem ajudar de qualquer modo, segundo suas posses e suas condições. Entretanto, não movem uma palha.

Em verdade, em todos os povos, ha sempre uma "raça" de homens capazes de morrer pela pátria e uma outra "raça" que só é capaz de viver pela pátria. Na luta que ora se trava no nosso país, onde a democracia-liberal apodrece e a onda da invasão judaica sobe diariamente de nivel, entre o comunismo e o integralismo, muitos homens de certa fortuna, medicos, engenheiros, bachareis, inteletuais, grandes e pequenos empregados, comerciarios, magistrados, militares, operarios e camponêses, mêsmo sacerdotes humildes de varios cultos, formam denodadamente nas nossas fileiras, sacrificando seu tempo, sua saude, seus meios de vida; outros se alistam contra nós; e aquêles que mais responsabilidades e recursos possuem se quedam indiferentes. Essa situação põe nitidamente aquelas *duas raças* de homens

frente a frente. Entre elas duas é que se decidirão os destinos do Brasil.

A esses indiferentes que olham sem ver e ouvem sem ouvir, verdadeiras lêsmas que não teem a coragem de ajudar a esmagar as larvas do judaismo e do comunismo, e que só pensam em aderir pelo visgo á fimbria do manto do vencedor, a palavra do integralista deve ser esta:

— Não é em vossa defesa, em defesa do vosso dinheiro e do vosso conforto que nós trabalhamos contra as larvas, ó lesmas, ó burguêses egoistas! Nós estamos nos sacrificando em defesa do Brasil. E, no dia seguinte ao grande combate e á grande vitória, nós ajustaremos contas.

A REVOLUÇÃO INTEGRALISTA

— A' Revolução Integralista, tres anauês!

Êste grito ritual rebôa nas reuniões integralistas, espantando a burguesia e a policia. Como se atrevem êsses homens de camisa-verde a aclamar uma revolução nas barbas das autoridades e na praça pública?

E' que burguêses e policiais entendem como revolução uma cousa e nós entendemos outra. Para êles, revolução é barulho, tiroteio, desordem, ataque de quarteis, sublevações de tropas e de Estados para depôr o governo e tomar conta do poder. Para nós, revolução é uma mudança de atitude do espirito em face dos problemas que se lhe apresentam, em qualquer ordem moral ou material. Isto é: ontem, eu entendia os fundamentos dêsses problemas dum modo; hoje, entendo-os de outro. E, como o meu espirito vê as cousas por outro

prisma, sobre elas projeta sua ação de modo diverso.

Chamamos a isso uma Revolução Espiritual, uma Revolução Interior, porque ela se realiza no nosso intimo e somente após essa realização vai modificar o determinismo ambiente, interferindo na sucessão de causas e efeitos, afim de crear novas causas que dêem como resultado novos efeitos. Por essa razão, a revolução integralista é invencivel. Contra ela de nada valem leis de segurança, medidas violentas, repressões policiais, intrigas judaicas da imprensa, metralhadoras ou artilharia. Ela se processa no sacrário do ser humano, lá no fundo da consciência, onde o homem, no gozo de sua plena liberdade moral, conversa sozinho com Deus no imenso silencio do pensamento. Qual o governo, qual a autoridade que possam chegar até ali?

Realizada essa revolução interior, creou-se um homem novo, "nasceu outra vez" como o Evangelho diz dos revolucionarios cristãos. Êsse homem novo naturalmente vai crear um mundo novo, de acôrdo com as exigencias de sua nova alma. Então, a sua revolução espiritual se projetará externamente, se projetára fó-

ra dêle nos campos abstratos e nos campos concretos, realizando uma revolução moral, uma revolução economica, uma revolução politica e uma revolução administrativa.

Uma *revolução* de quarteis ou de Estados muda homens e fórmas de governo. Uma Revolução interior, espiritual, muda idéas e regimes. A primeira projeta-se somente no ámbito politico nacional. A segunda projeta-se em todos os ámbitos da nação e vai alem, influenciando os destinos duma civilização e os destinos do proprio mundo.

Assim, foi o Cristianismo, a maior Revolução da história; assim, é, em muito menor escala embora, a revolução integralista. E' uma revolução que alcança todos os criterios e os transforma, — o espiritual, o inteletual, o geografico, o economico, o politico, o dos grupos naturais, o profissional, o individual. E' uma revolução que muda todos os conceitos e dá um novo sentido de vida.

O Integralismo revoluciona os espiritos, exigindo dêles disciplina, sacrificio, heroismo, o altruismo, o dom de si, para salvar o Brasil. E' uma revolução que se processa com idéas e homens cheios dessas idéas, não correndo o

perigo de vêr á sua frente, no dia da vitória, um deserto de homens e de idéas.

E' por isso que, em público, sem mêdo da policia, nós podemos bradar ritualmente:

— A' Revolução Integralista, três anauês!

O MODUS DA REVOLUÇÃO

Uma Revolução como a integralista avança pela conquista pacifica das almas. Primeiro, com a doutrina; segundo, com o exemplo.

Até agora, o que os homens e os partidos teem feito, apresentando plataformas e programas cheios de promessas tentadoras, que nunca fôram cumpridas, é mentir. E essas mentiras tantas vezes repetidas são uma verdadeira falta de respeito ao povo brasileiro.

Eis a razão porque o Integralismo não deve fazer promessas. A obra que tem de empreender é árdua, a começar pela propria transformação interior, do brasileiro, é uma obra que dará formidaveis resultados, mas que depende de formidaveis sacrificios; é necessario arriscar-se, correr perigos, dar-se para realizá-la. E o Integralismo não mente nem falta ao respeito ao povo brasileiro, convidando-o

para o sacrificio e a dôr pela libertação da Pátria.

Mentiras, faltas de respeito, decepções, o ceticismo que lhe inoculou o cosmopolitismo do litoral, tudo isso fez com que o povo brasileiro não acredite mais em ninguem e em cousa alguma. Assistem-lhe justas razões para isso. O povo brasileiro, esgotado em suas reservas economicas, sugado pelo emprestimo e pelo imposto; esgotado em suas reservas de confiança; anemiado por sucessivas revoluções estéreis, formadoras de desertos de homens e de idéas; anquilosado por forças secretas, entregue a uma anarquia mental peor do que a anarquia material, em nada mais crê e como que nada mais espera. Dêsde 1857 que traz enrolada ao pescoço, estrangulando-o, a giboia dum contráto perene com Rotschild. Ninguem nunca lhe revelou sua existencia. Antes pelo contrário, sempre procuraram ocultá-la. A sua angústia, disseram-lhe, era a "ominosa e corrupta monarquia". A república seria a salvação. Fez-se a república. Não foi. Apelou-se para o positivismo e êste feneceu, sem fecundar outra cousa a não ser uns almirantes e generais cheios de idéas ante-diluvianas. Apelou-se para a mo-

cidade com um tal de Jardim da Infancia. O jardim foi arrazado pela garotada da politica e da imprensa. Então, uns apelaram para o civilismo, boquiabertos deante da cultura de Rui Barbosa, e outros, para o militarismo, fazendo a "apologia dos não preparados", afim de justificar a entrega do poder a um marechal de poucas letras. O marechal foi um desastre. Mal se passaram alguns anos, começou a agir o chamado "espirito revolucionario". Uma quantidade enorme de oficiais produziu uma quantidade enorme de quarteladas, rebeldias, revoltas e rebeliões, batizadas de revoluções, em casernas, em fortalezas, em guarnições, em couraçados, em cidades e em capitais, até que, a ajuda de governos estaduais conluiados a forças secretas deu a vitória aos que de ha muito vinham minando o governo federal e agora estavam de mãos dadas a politicos, seus inimigos da véspera. Não se discutem os átos de bravura, sacrificio e heroismo de muitos dêsses homens. Discutivel, porem, é a orientação do seu revolucionarismo. Faltava-lhes de tal modo a segurança duma doutrina que nunca souberam ou puderam explicar o que era "o espirito revolucionario" de que tanto falavam; que uns

fôram achar no comunismo, outros nos proventos dos bons postos e outros até na falsificação de estampilhas...

A revolução de 1930, como a república, o positivismo, o Jardim da Infancia, o civilismo, o militarismo e o espirito revolucionario, não salvou cousa alguma. Nunca houve no Brasil maior deserto de homens e de idéas.

O povo não póde, portanto, acreditar mais da noite para o dia em homens e idéas. Está cansado de promessas mentirosas, de esperanças vãs e de desenganos dolorosos. Exigir que do pé para a mão acredite no Integralismo e querer que faça rapidamente a Revolução Integralista seria tolice. Ao Integralismo compete fazer com que o povo brasileiro acredite nêle e por êle se sacrifique. E isso somente conseguirá pelo exemplo.

Esse exemplo tem de ser continuado, reiterado, incançavel, até que o povo brasileiro olhe e diga: — Agora, posso acreditar na sinceridade dêsses homens e na grandeza de suas idéas. Para isso, é necessario que cada camisa-verde seja um exemplo da revolução espiritual que prega e que representa. Para obrigar o povo brasileiro a crêr no Integralismo, o camisa-

verde deve ser o melhor estudante de sua aula, o mais disciplinado soldado de seu quartel, o melhor oficial de sua classe, o funcionário mais cumpridor de deveres de sua repartição, o operario mais trabalhador e mais digno de sua oficina, o mais expedito e honesto empregado de seu escritorio, o melhor cidadão, o melhor homem, o melhor filho, o melhor esposo e o melhor pai. Assim, os integralistas serão apontados a dêdo: aquêle é capaz de átos dignos, porque é integralista; aquêle é incapaz de átos indignos, porque é integralista.

Não se salva, não se constrói uma nação com leis, com estados de sitio ou de guerra; mas com uma doutrina, com moral, salvando primeiro os homens que constituem a nação. Não se regenera um povo senão regenerando os individuos um a um. A Revolução Integralista é essa regeneração pela *disciplina*, pela *honestidade*, pela *bondade*, pelo *sacrificio* e pelo *heroismo*.

Que importa se apontem integralistas, haja integralistas que não procedam desta sorte, que antes procedam mal? E' porventura isso culpa da doutrina? Não. E' culpa dêles. A doutrina está certa. Êles, como homens, mi-

seros e faliveis, estão errados. Ainda não realizaram a revolução interior. Talvez um dia a façam. Todos são capazes de fazê-la.

Na sua projeção sobre o cenario politico-social, a Revolução Integralista vencerá pacificamente, sem dúvida, respeitando a ordem até o momento de substitui-la por uma ordem nova, por infiltração e saturação. Tomai, por exemplo, um ovo, e a comparação é adequada, porque o bom humor dos nossos inimigos deu aos integralistas a alcunha de galinhas-verdes. Tomai o ovo e olhai-o pelos raios-x. Vereis dentro do envolucro calcareo, forrado por uma membrana placentaria, clara e gema, que se unem em um ponto dado. E' nêsse ponto que começa o misterio da formação do pinto, que vai crescendo, fortalecendo-se, emplumando, dentro do ovo, á custa da gema e da clara, até o dia em que, com o bico suficientemente forte, rompe o envoltorio e se precipita na vida exterior.

O Integralismo crescerá desta sorte dentro do Brasil, alimentando-se com as forças do proprio Brasil, até o dia em que romperá o envolucro e cantará seu *anauê!* triunfal á luz do sol. Então, terá absorvido a gema e a clara

da nação. Somente restarão irredutiveis a casca e o envolucro placentario. Irredutiveis e inúteis. Uma vassourada bastará para atirá-los ao lugar destinado ás cousas irredutiveis e inúteis: o lixo.

GOVERNO FRACO

O governo liberal é um governo fraco e suicida.

Por que fraco?

E' fraco porque a sua autoridade está subdividida pela divisão dos poderes; porque permite a formação de forças paralelas ou divergentes que o manietam, ameaçam ou influenciam; porque depende de grupos politicos ou financeiros; porque se apoia em organizações partidarias superficiais, temporarias, periclitantes, que se combatem hoje e se conchavam amanhã, ao sabor de seus pequeninos interesses de pessôas ou corrilhos; porque resulta dêsses combates ou dêsses conchavos e lhe falta autoridade moral; porque, quando ameaçada a ordem pública, é obrigado, com o *estado de sitio* ou o *estado de guerra*, a suspender as garantias que oferece e de que se orgulha, demonstrando que não tem força intrinseca e que

carece que outro poder, o legislativo, lha dê por certo e determinado tempo...

Não se apoiando nas classes unidas, na nação unida, porem sim na nação *partida*, a fraqueza do governo liberal se afirma em razão direta de suas violencias e arbitrariedades. Comete-as contra os adversarios justamente por lhe faltarem meios de ação legais e fortes. Não é energico e sereno; é violento e nervoso. Usa de negaças e de mentiras.

Por que suicida?

Em nome da liberdade, da qual se apregôa corifeu, o governo liberal permite a propaganda de todas as idéas, mêsmo as que visem destrui-lo, dêsde que essa propaganda se exerça dentro da ordem. Ora, isto somente póde ser desconhecimento da propria natureza humana ou profunda hipocrisia. Porque ninguem faz propaganda de idéas para ficar eternamente nessa propaganda. A propaganda tem um fim: preparar a ação. E' um preparo da ação. A propaganda de hoje será fatalmente ação amanhã. Quem permite a propaganda sabe de fonte limpa que ela se concretizará em átos, mais cedo ou mais tarde. Se permite a propaganda contra si proprio, suicida-se.

Toda idéa passa fatalmente do ámbito do sonho para o da realização. O governo liberal fomenta o sonho e pune ou impede a realização. A's vezes, quando quer punir ou impedir, é tarde. A realização o esmaga: suicidou-se.

Ha um conto de Wells, intitulado "A Ilha do Epiornis" que é uma verdadeira parábola a respeito do Estado liberal. Um náufrago que deu ás costas duma ilha deserta da Oceania encontrou, em perfeito estado, um ovo do Epiornis, ave monstruosa ante-diluviana, Simurgh dos arabes, passaro Roca das "Mil e uma noites". Resolveu chocá-lo, afim de fazer nascer o animal antigo que, vivo, quando fôsse achado por um navio salvador, lhe daria uma fortuna colossal. Meteu o ovo na lama quente e tanto fez que o chocou. Nasceu o pássaro do tamanho dum avestruz. Alimentou-o cuidadosamente com peixes. E o bicharrão o acompanhava dia e noite, como um cão fiel.

Mas nada de aparecer um navio nas aguas da ilha. Passaram-se muitos mêses e começou a contar o tempo por anos. O Epiornis foi crescendo e se tornou um monstro faminto que o náufrago não podia mais alimentar.

Então, o passaro contemporáneo dos megaterios quis comer o homem que o criara. Êste passou a ter uma vida angustiosa, escondido durante todo o dia nos pantanais, mal saindo á noite em busca de escasso alimento. Aquilo era um inferno! Emfim, certa vez deu com o Epiornis dormindo e conseguiu matá-lo. Acabara-se o pesadelo.

O Estado fraco é um verdadeiro creador de Epiornis. Aquece-os, choca-os, alimenta-os; depois, teme-os, foge aos seus ataques e ou é obrigado a matá-los de surpresa ou sucumbe aos seus golpes traidores...

A SOBERANIA

O Estado liberal é somente soberano pela metade ou um terço, porque, orgulhando-se de sua soberania politica, abandonou as outras soberanias aos individuos e grupos. Sobretudo a soberania economica. Todavia ninguem fala mais alto da *soberania popular* do que êle. Tambem a denomina com impáfia — *soberania das urnas*.

Quando um de seus partidos, sòzinho ou aliado a outro ou outros, chega ao poder e o exerce, mente afirmando que representa a soberania nacional. A verdadeira soberania nacional se exerce em todos os dominios e provem de toda a nação.

Que é soberania? Na verdade, é a suprema autoridade. E', segundo os tratadistas, o *conjunto* de direitos de que goza um Estado. Uns a fizeram vir de Deus, como Suarez; outros, dum contrato social, como Grotius; ou-

tros ainda dêsse contrato e do velho pátrio poder augustiniano, como Hobbes. Emfim, Rousseau atribuiu-a á vontade geral do povo. A Revolução Francêsa declarou-a indivisivel, inalienavel, indelegavel, ilimitada e infalivel. Mas todos êsses admiraveis atributos fôram concernentes á soberania no sentido politico. O Estado esqueceu nas mãos de individuos e de grupos sua soberania cultural, sua soberania moral e sua soberania economica.

Dêsde Joseph de Maistre e Benjamin Constant a Bluntschli e Esmein, todos quantos se teem ocupado do conceito da soberania, nesta ou naquela escola, somente a olham do ponto de vista dos seus tres poderes: executivo, legislativo e judiciario. Nenhum se lembra de atribuir ao Estado soberania moral ou economica. Os fátos morais e os fátos economicos, dentro do liberalismo, escapam ao ámbito do Estado.

O partido ou grupo de partidos que tomam o poder, alem de só encontrarem nêle essa soberania cotó, mentem, dizendo que representam a soberania nacional. Esta pertence a toda a nação e não a maiorias ocasionais. Uma parte da soberania fica sempre com o

partido que foi derortado, fica sempre com as minorias e daí a teoria vencedora, nas ultimas transformações do Estado liberal, da representação das minorias.

O Integralismo afirma a soberania nacional em todos os dominios e não quer o poder senão com a totalidade da nação, afim de exprimi-la integralmente. Sua base de soberania não póde ser um conchavo, uma aliança, uma combinação de forças *partidarias*, mas uma reunião de forças *nacionais*, a consciência da Nação Brasileira que, devidamente esclarecida e preparada, lhe deu *consentimento* para o exercicio do poder soberano.

Assim, depois dum periodo transitório de exercicio dêsse poder no sentido de realizar praticamente suas idéas, o Integralismo com certeza fará á nação uma consulta plebiscitaria, com o fim de saber se ela consente que continúe a sua obra. Não haverá para isso conluios partidarios, porem uma pergunta leal e franca ao povo brasileiro devidamente ilustrado sobre o assunto e livre de insidias, confusões e intrigas.

A soberania da nação, na doutrina integralista, deve ser posta acima de tudo, dos ho-

mens e das instituições. Como necessidade natural, imprescindivel da ordem social ela emana da natureza e, portanto, do Creador, de Deus que dirige os destinos dos povos. Como *munus*, como delegação áquêles que a exercem para o bem social, ela emana do consentimento geral da nação devidamente esclarecida.

O PODER

Só se pode realizar uma reforma social, praticamente, tendo o poder nas mãos. O poder, portanto, é a meta de todos os movimentos politicos e sociais que tragam uma reforma no seu bojo.

Pela ansia da posse do poder se mede a sinceridade de qualquer dêsses movimentos. Para todos êles, sequiosos de prestigio e ação, o poder é tudo e o poder já. Querem conseguí-lo de qualquer fórma, com as mãos sujas de sangue ou com as mãos sujas de lama, pela conspirata, pelo pronunciamento, pela traição, aliando-se comunistas a liberais ou liberais a comunistas, seja como fôr.

Entretanto, para o Integralismo, quanto mais cedo chegar ao poder, peor para êle. O Integralismo precisa de varios anos de calma, de tranquilidade e de alheiamento do poder, afim de se tornar possivel sua obra de catequése e renovação dos espiritos. A sua vitória somente pode resultar duma união sagrada na-

cional em torno duma doutrina. Para haver tal união, preciso é que cessem, dentro da nação, os desentendimentos, dissidios e desuniões, as lutas e as intrigas que levam os partidos a verdadeiras batalhas dentro dos Estados e os Estados a verdadeiras guerras, uns contra os outros, disputando predominios e hegemonias. A nação, assim, tem ido pouco a pouco rolando para a anarquia.

Se circunstancias imprevistas, produzidas pela mesquinha perseguição dos governos liberais ou pela brutalidade de surtos comunistas, apressarem o advento do Integralismo, sem que tenha sido convenientemente processada sua revolução cultural e espiritual, será isso muito de lamentar. Porque o exercicio do poder prejudicará êsse trabalho de mudar a atitude das almas, que melhor se processa na tranquilidade e desinteresse dos ostracismos voluntarios, ou dentro das perseguições que temperam os caractéres.

Ao contrario de liberais e comunistas, que só vêem o poder, só almejam o poder, os integralistas devem ter medo do poder. Não desejar o poder já, ter medo do poder já, porque não estão preparados para exercê-lo. No liberalismo e no comunismo, os homens servem-se do poder; no Integralismo, os homens servem ao poder. O seu receio nasce da consciência de sua responsalidade.

O cultivo dessa consciência da responsabilidade é por si só uma verdadeira revolução interior. Vivemos, no liberalismo, um ambiente em que os individuos se permitem todas as ambições, mêsmo aquelas que são as menos explicaveis em relação á sua propria pessôa. Um réles politiqueiro sem letras compendia em volume meia dúzia de discursos acacianos e forças as portas duma Academia de Letras com a maior desfaçatez dêste mundo. Qualquer bacharelete de meia tigela se julga capaz de dirigir um ministerio. A's vezes, o repontar duma dessas ambições descomedidas e inexplicaveis nos espanta como se vissemos nascer chifres de rena na cabeça dum canario...

Entregando, teoricamente, ao proletariado a ditadura e, praticamente, a meia dúzia de judeus que agem por si ou através de elementos inferiores, os comunistas mostram a ausencia de tal consciência, que seria espantosa, aliás, num regime em que tudo está invertido, dêsde suas bases filosoficas, quando afirma que o

incosciente, a materia, produz o consciente, o espirito.

O poder, para o verdadeiro integralista, é uma ascése. Quem se dedica ao serviço do poder, não se entrega a delicias sensuais. Entrega-se a uma existencia de privações e de encargos. O poder é uma nova célula do Escorial, onde se encerram noite e dia, sem alegria e sem gozos, os homens preocupados pelo bem público e emaciados nas vigilias da Pátria.

O grande Arcanjo que levava a luz das auroras eternas, o mais belo e poderoso e forte espirito que o Senhor creára no misterio das primeiras idades do Cósmos, impando de orgulho, recusou um dia o preito de obediencia devido ao Altissimo.

— *Non sérviam!* disse. Não servirei!

Precipitado através dos espaços siderais, mergulhou para sempre nas trevas cheias do ranger de dentes. A sua lição frutifica pelo mundo nas desobediencias, nas revoltas e nas anarquias. O mundo quer poder para *não servir*, para *servir-se*.

O Integralismo contraria isso em tudo. Seu lema é: — *Sérviam! Servirei!* E êle quer o poder para *servir*.

O CHEFE

Sobre seu leito de morte, El Rei D. Fernando dizia, segundo o texto de Fernão Lopes, em que se abeberou Antonio Sardinha: "Todo esso creo como fiel christão, e creo mais que Elle (Deus) me deu estes Reynos para os manteer em direito e justiça; e eu por meus pecados o fiz de tal guisa, que lhe darei delles muy máo conto, e em dizendo esto, chorava de voontade, rogando a Deos que lhe perdoasse". Assim entregou a alma ao Creador aquêle amigo de seu povo, administrador e legislador bem intencionado, que a paixão por Leonor Teles, a Vibora Loura, desgarrou para o máu caminho.

Êsse conceito do poder real como outorga acidental, como manifestação em determinada pessôa do Supremo Poder, é filho do famoso Direito Divino, concepção admiravel e

sublime que o Judaismo envenenou na alma dos povos modernos para poder substitui-la pela desmoralizada soberania popular ou pelo resultado das lutas de classe, de modo a não só rebaixar o poder, como a pô-lo ao alcance das mediocridades enfatuadas e sem escrúpulos. Êle se entrona naquela declaração dos concelhos portuguêses sagrando D. Afonso V "pastor não mercenario" e vem brilhar ainda naquela declaração de D. João IV, em que êle se intitula "procurador dos descaminhos do Reyno".

O mundo inteiro acorda hoje do sonho ilusorio das chamadas "liberdades publicas". Verificou-se que a delegação da soberania somente alcança os mediocres, os despistadores e os despotas de meia tijela. Esquecendo a lição dos reis antigos, dos verdadeiros reis que acreditavam na realeza e a praticavam, não os reis "pedreiros-livres", farristas ou boulevardeiros da atualidade, os liberais-democratas abandonaram as regras morais e os patrimonios espirituais, apossando-se das pátrias e tornando-as feitorias que as camarilhas secretas, os filhotes e os judeus internacionais exploram a seu bel prazer.

O resultado é o personalismo levado ao cúmulo. Estamos vendo entre nós no triste apodrecimento dum regime as cenas vergonhosas, ás vezes tragicas, ás vezes de entremês. Tudo só apodrece e fede depois da morte. O Liberalismo fede e apodrece antes de morrer.

E' tempo de nos levantarmos como os lusitanos do Seculo XV e de proclamarmos um "pastor não mercenario", que seja bondade e direitura, que não engane ao povo, que não minta á nação, que não se torne joguete das forças ocultas e inconfessaveis. Os brasileiros de mentalidade e caráter livres, aquêles que ainda não perderam a alma, a liberdade humana e a dignidade pessoal no charco dos interesses individuais, os moços que estão angustiados pelo futuro da patria, os velhos que sofrem por verem esquecido o passado, o trabalhador que sente fome, o inteletual que experimenta a tortura da incompreensão do ambiente, os soldados e marinheiros que amam o Brasil, todos repelem com o seu coração, enquanto não puderem repelir materialmente, o arbitrio de homens que não representam o Brasil, seus anseios, suas aspirações, seu Espirito

Nacional, e todos querem, como bradavam os hebreus a Samuel: — "Um chefe que marche á sua frente e lute juntamente com êles".

Aigitado e desunido está o Brasil, as classes, os sexos, os politicos e até os esportes. De norte a sul e de leste a oeste, militares ou civis se reelegem ou tonitrôam ameaças para guardar o poder, propriedade sua . Desordens se sucedem. Desvairos se alastram. Desmandos se multiplicam. Descaminhos se acumulam. No meio do fragor das tempestades comunistas, que rosnam nos horizontes carregados, nós Integralistas, sorrimos de pé tranquilamente. Nós temos o nosso Chefe comandando a manobra salvadora. Nós o escolhemos livremente e nós o nomeamos já "Procurador dos Descaminhos do Brasil"...

ESTADO FORTE E DITADURA

O Integralismo preconisa a instituição *sine qua non* dum Estado Forte, que paire acima das influencias de partidos, grupos financeiros ou classes; um Estado que não permita a creação de forças paralelas a êle, que condene as forças divergentes e que se oponha ás forças ocultas.

Aproveitando a afirmação do Estado Forte, do Governo Forte, os confusionistas badalam que o Integralismo quer a ditadura. Então, se levanta uma celeuma perfeitamente injustificavel nos arraiais comunistas e liberais contra o Integralismo *ditatorial*. Perfeitamente injustificavel, pois que o comunismo exige a *ditadura proletaria* para levar o mundo ao paraiso marxista que Trotski nos descreve com um Platão e um Aristoteles a cada canto. Perfeitamente injustificavel, pois que a mais perfeita doutrina social gerada pelo seculo do ca-

pitalismo, resultante da filosofia naturalista do seculo XVIII, o positivismo, tambem exige uma *ditadura cientifica*, afim de conduzir á humanidade aos maravilhosos dias em que a perfeição dos homens produzirá a ausencia dos governos.

E perfeitamente injustificavel ainda, pois que o liberalismo não passa sem ditaduras, vive sempre á procura dum homem, precisa sempre dum pulso forte, á menor ameaça suspende as garantias constitucionais e unicamente se póde defender de inimigos internos e externos, *ditatorialmente*, fóra da constituição, o que demonstra que a constituição é a melhor aliada de seus inimigos...

Ora, se assim é, como se rebelam tão hipocritamente contra essa ditadura atribuida ao Integralismo, tanto o positivismo como o comunismo e o liberalismo? Puro pretexto para criticar e condenar. Desculpa de máu pagador...

Não é verdade que o Integralismo queira o estabelecimento duma *ditadura*. O que êle quer é o estabelecimento dum Estado Forte, o que é muito diferente duma ditadura, e justamente para evitar as ditaduras.

Que é ditadura?

E' o exercicio *temporario e ilimitado* (1) da autoridade, segundo a lição da história e do direito romano. Em Roma, ao tempo da República, o governo era exercido pelo Senado que creava as leis, cuja execução era realizada pelos consules anuais. Em certos momentos dificeis, de comoção interna ou de guerra estrangeira, compreendia-se a necessidade do comando unico, da concentração de poderes em uma só pessôa. Então, se proclamava a ditadura, que devia cessar, quando cessassem, os motivos, que a determinavam. A ditadura é, pois, no seu conceito original, uma magistratura extraordinaria, com raras limitações ou sem limitação de ordem alguma.

Êsse conceito sobrenada ainda nos regimes republicanos, quando se proclamam os estados de guerra ou de sitio, com maior ou menor amplitude, transformando-se o presidente constitucional em ditador pelo prazo votado nas Camaras.

A constante fraudação do regime liberal nos países republicanos, personalizou as ditaduras e as vimos exercidas por pseudos repu-

(1) Conforme a constituição da Republica Romana, ao ditador só não era permitido meter as mãos no erario.

blicanos, generais ou paisanos, uns por dezenas de anos como Porfirio Diaz, outros até a morte como Juan Gomez. E, ao lado dêsses ditadores mais ou menos blandiciosos, mais ou menos poderosos, mais ou menos duradouros, resultando de revoluções liberais ou de quarteladas, em número incontavel, outros verdadeiros monstros de fórma humana.

O Governo Forte distingue-se da ditadura em primeiro lugar porque não é temporario, é permanente. Em segundo, porque não resulta duma suspensão de garantias constitucionais, resulta da propria constituição do Estado. Em terceiro, porque a ditadura póde ser tiranica quando personalizada e sem prazo certo, e êle não póde ser tiranico, porque é antipersonalista e definitivo.

Êle integra a nação numa harmonia total. Não resulta dum partido que venceu eleições nem duma classe que esmagou outra classe. O desaparecimento dos partidos na união nacional e a cooperação das classes para o bem geral deram-lhe a força com que se apresenta na liça. E' um todo, é a expressão duma homogeneidade. Êle sincroniza o destino dos individuos com o destino da pátria. Dentro dêle, não

ha mais contradições civis, nem desencontros espirituais, nem choques economicos. O poder dêsse Estado é mais forte do que o de qualquer ditadura ou tirania, porque sua base é toda uma nação. Mas, enquanto aquelas se agitam sem nórmas limitativas de sua arbitrariedade e de sua violencia, êste se auto-limita pela propria moral que o elevou.

Governo Forte é o governo dum Estado tão profundamente identificado com todas as forças vivas da nação, naturais e espirituais que não precisa de fazer concessões em troca de apoio. E' forte porque exprime uma nação forte, isto é, perfeitamente unida e identificada com êle, uma nação moralizada e trabalhadora. Aos interesses superiores dessa nação todas as forças, utilidades, meios e interesses estarão subordinados. Todas essas energias serão controladas pelo Estado. No regime liberal, elas estão nas mãos de individuos e grupos. Quasi sem excepção, o capitalismo internacional se apodera delas. Enfraquecido, o Estado liberal depende de quem maneja as forças vivas do país. O Estado Integral, o Estado Forte é que maneja tais forças e, assim, ao invês de ser seu escravo, torna-se seu senhor.

A ESCRAVIDÃO NACIONAL

Somente um Governo Forte, representando uma nação unida e forte, poderá libertar o Brasil das cadeias e algemas de sua longa e dolorosa escravização ás seguintes forças:

a) Forças ocultas da maçonaria, da Burschenchaft e do judaismo.

b) Forças aparentes da imprensa e da politica manejadas por aquelas.

c) Forças economicas e financeiras internas.

d) Forças economicas e financeiras internacionais.

Estudemo-las com algum cuidado.

AS FORÇAS OCULTAS:

I — Á maçonaria

Demos o primeiro lugar, entre essas forças ocultas, á maçonaria por ser a mais antiga, tanto no mundo como no Brasil. Não esqueçamos seu relevante papel ao tempo de Dom Pedro I, o grão mestre Guatimozin, nem sua ação, ás vezes visivel, em todos os grandes acontecimentos da nossa história. As ligações entre a maçonaria e o judaismo teem sido provadas á saciedade inúmeras vezes por grande número de autores. Seus simbolos, passes, palavras, titulos são todos judaicos. Seus grandes orientadores, judeus. Ela é internacional como o judaismo, o capitalismo e o comunismo. E' um Grande *Oriente* e não um Grande *Ocidente*...

Por uma circular constante do "Boletim do Grande Oriente do Brasil" de junho de

1935, o Soberano Grão Mestre declara que, em tese, "a maçonaria não faz politica de partidos; é instituição que está acima dos partidos". Essa circular declarava-se simpatica á Aliança Nacional Libertadora. Outra condenava o Integralismo. Entretanto, um parecer do Sr. Artur Murat do Pilar, membro do *Sacro Colegio* e chancheler da Ordem do Grande Oriente do Brasil, opinou a 23 de setembro de 1935 que não havia razão para a maçonaria condenar o Integralismo como subversivo, porquanto *lealmente reconhecia* que no manifesto integralista, "apreciado no seu conjunto, não ha uma declaração positiva que autorize a segurança da citada afirmação".

Ha nêsse parecer trechos que merecem ser citados: "A comissão tambem não póde aceitar a extensão que se quer dar aos bons costumes exigidos pela maçonaria para a iniciação de qualquer profano, ligando-os estreitamente á noção de ordem pública. *Sua pátria restringe-se á vida domestica e á atividade do maçon...*".

Vê-se pela propria declaração por escrito da maçonaria, oficialmente, que ela não admite a idéa de pátria no maçon. Com a sua vida secreta, destrói a pátria, pois que a do maçon é a sua atividade maçonica. O Integralismo vive e age ás claras. O Integralismo constrói uma pátria. E' impossivel, pois, qualquer aliança ou ligação entre êle e a maçonaria. A ausencia da pátria implica no internacionalismo, que é eminentemente judaico e se exprime na fórma capitalista e na fórma comunista, quer no ámbito público, quer no ámbito maçonico. O Integralismo, sendo contra qualquer internacionalismo que dissolva as pátrias é contrario á maçonaria.

Alem disso, é forçoso convir que ninguem se reune secretamente, com cuidados de toda a sorte, para fazer cousa bôa. O que é bom se faz em público, claramente. Muito maçon ha que ainda não percebeu a verdade do que existe oculto por trás das primeiras camadas que são as unicas que lhe deixam ver. Um dia rasgar-se-á o véu do templo e recuará horrorizado.

A maçonaria contraria hoje o sentido, o espirito do seculo XX com o ridiculo romantismo do seu ritual secreto. Isso não seduz mais as mentes da mocidade. Ela quer luz, sol, amplidão, as grandes massas em formatura, as esquadrilhas de aviação rosnando no azul, as flo-

restas de braços verdes que se erguem e abaixam, os gritos bárbaros que ecôam no espaço ensolado, a força duma nação moça ostentando-se á luz do dia.

Nenhum moço quer mais saber de templos ou cavernas forrados de negro ou de vermelho, de tibias encruzadas e de caveiras, de esqueletos no fundo de alcôvas ou de bódes pretos satanicos, de embuçados e de punhais, de testamentos filosoficos e de juramentos terriveis.

O seculo XX é um seculo arejado, de janelas abertas e sem teia de aranhas.

A maçonaria brasileira, segundo o capitulo XIII da "Constituição", inserta no "Codigo Maçonico", mantem representantes junto ás *Potencias Maçonicas Estrangeiras* e delas recebe representantes. E', pois, um Estado secreto em ligação, pelo menos diplomatica, com outros Estados que a si mêsmos se denominam *potencias*. Se se abrir o "Regulamento Geral", tambem inserto no aludido codigo, veremos pelo capitulo I que a maçonaria tem quatro poderes: legislativo, judiciario, liturgico, e executivo. Um Estado no Estado.

A afirmação de que a maçonaria não é politica, não se mete na politica, não procede. Seus proprios documentos a desmentem e provam que é eminentemente politica. Leiamolos: "Convent du Grand-Orient", 1929, pag. 13: "Quando um maçon é recebido numa loja, presta juramento: se é deputado, é responsavel perante seus eleitores, mas tambem o é perante nós". Idem, 1888, pags. 529-530: "Organizamos no seio dos parlamentos verdadeiros sindicatos de maçons". Idem, 1923, pag. 365: "Os parlamentares maçons, que são de certo modo emanação da Ordem, devem, durante o mandato, continuar tributarios dela... Sua grande obrigação é jámais esquecer os principios maçonicos que permitiram sua carreira politica e nunca deixar de prestar contas ás suas lojas". Idem, 1922, pag. 362: "Deve se sentir a maçonaria em toda a parte; não se deve descobri-la em parte alguma".

Que é isso senão politica e politica não em prol dos interesses nacionais, porem dos interesses maçonicos?

A falecida "A Manhã", no seu número de 14 de novembro, salvo engano, publicou com estrondo a noticia da "deflagração de for-

midavel combate ao fascismo brasileiro" pelos militares-maçons de Curitiba. Ora, o mais curioso foi terem alguns oficiais do Exercito assinado um telegrama notorio a êsse respeito, destinado ao deputado Plinio Tourinho, sem que o sr. Ministro da Guerra houvesse tomado a menor providencia contra êles.

O general João Gomes declarou em documento publico que vestir uma camisa verde era "vilipendio" e prendeu o coronel Newton Braga, porque com essa camisa fez uma conferencia publica sobre a viagem do "Jahú". Entretanto, s. ex. não proíbe seus oficiais de usarem secretamente o avental e as faixas da maçonaria. No Integralismo, tudo é público, até o juramento que o Chefe suspendeu para os militares. Na maçonaria, tudo é secreto, inclusive o "testamento filosofico" e o juramento. Maiores razões teria o sr. ministro, se fosse justo, de impedir a entrada de seus comandados numa associação de caráter secreto e suspeito, do que num partido politico que age ás claras.

Além disso, o Integralismo é todo brasileiro, não tem a menor ligação com instituições ou organizações de fóra do país enquanto

que a maçonaria, apesar de suas negativas, é internacional, como o comunismo, o judaismo, estando unida aos Grandes Orientes do ôco do mundo... Tanto assim que um fascista ou um nazista, vindo ao Rio, nada tem com o Integralismo e nem serão incluidos nos seus quadros; mas um maçon inglês ou chinês será recebido em qualquer loja "brasileira" e desde que "se regularize" funcionará nela, com o mêsmo direito que os brasileiros.

Dizem os ignorantes que a maçonaria nada mais vale, e os cégos que ela não passa duma simples instituição de caridade. Instituição de caridade secreta, não é? Em verdade, a maçonaria é, simplesmente, como diz um amigo meu, a "fabrica de judeus artificiais".

A maçonaria ajuda seus membros a arranjarem empregos, fama e fortuna. O que uns obteem duramente, pelo seu esforço constante e merito proprio, os maçons conseguem á custa do auxilio mútuo dos "irmãos", em detrimento dos que não são "irmãos", dos "profanos". Como de ha muito, segundo estudos e documentos conhecidissimos, a maçonaria esteja sob o dominio do judaismo internacional,

o maçon não passa, ás vezes, sem se aperceber, dum escravo dos judeus.

O judeu-judeu, o legitimo, age fóra dos países, para comprá-los, escravizá-los, o maçon-judeu artificial age dentro de cada pátria, vendendo-a, auxiliando o trabalho da escravização. Isso dá logar a inúmeros crimes que se occultam sob o biombo das tres palavras magicas: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A propria maçonaria se encarrega de desmenti-las. Peado pelos seus juramentos de obediencia céga e pelo segredo, o maçon é o ente menos livre deste mundo. Escalonados em graus hierarquicos, não ha a menor igualdade entre êles na escala do mando, dos conhecimentos, das honrarias e dos segredos. A sua fraternidade é falsa, porque existe sómente entre si, entre os irmãos, não alcançando os profanos. Tóda fraternidade que não seja sem limites, universal, não é fraternidade, passa a ser "coterie" e produz efeitos contrarios aos da verdadeira fraternidade.

Pelo *covenant* de setembro de 1934, do Grande Oriente de França, como resultado do parecer sobre a tese A — "Estudos das doutrinas fascista e dos meios de combatê-las", a

maçonaria resolveu bater-se pela "dissolução das organizações armadas". Vimos o que fez nêsse sentido no Brasil e estamos vendo o que está fazendo em França. Maçonaria e fascismo são inimigos natos.

Pela maçonaria, o judaismo controla em varios países a distribuição dos empregos públicos, de modo a influir na marcha da administração. Sua influencia nos exercitos póde ser medida por aquêle doloroso e vergonhoso "affaire des fiches", que fez com que, em pleno parlamento, o deputado Syveton, destinado a ser morto pela maçonaria, esbofeteasse o ministro da guerra, general André.

Como as influencias judaicas, diretamente ou indiretamente, governam o mundo, agindo melhor naquêles que não acreditam nelas e julgam essa historia de judaismo invenção louca de Hitler ou conto "á dormir debout", aí temos a diferença de tratamento pelo ministro da Guerra a oficiais maçons e integralistas: aquêles podem continuar a prestar seu juramento secreto e a vestir o avental da acacia, porque o fazem ocultamente: êstes não devem jurar em publico, nem vestir a camisa-verde

na rua, á luz do sol ou em recintos em que todos podem entrar.

Escondido, com senhas, contrasenhas, palavras de passe, linguagem figurada e sinais ocultos de reconhecimento, o militar não sofre vilipendio, embora se transforme num "judeu artificial". A's claras, erguendo o braço, bradando anauê, ostentando a camisa-verde e pregando a defesa da pátria com suas instituições e tradições, sim, estará vilipendiado.

Em verdade, vivemos numa epoca de tanta confusão que, para muitos, um avental vale mais do que uma camisa...

II — A Bucha

E' êsse o nome que se dá correntemente em S. Paulo, á Burschenchaft, sociedade secreta ali fundada pelo judeu alemão Julius Frank em 1835, a qual tem governado a seu talante o Brasil republicano. Do mêsmo modo que a Bruderschaft, sociedade de irmãos, a Burschenchaft, sociedade de companheiros, ambos ligados ao maçonismo judaico, procuraram estender seus tentaculos pelo mundo todo.

O judeu Julius Frank, simples professor dum curso de humanidades em S. Paulo, foi sepultado no páteo da Faculdade de Direito daquela cidade, honra que nenhum mestre brasileiro de direito, dos mais insignes, jamais conseguiu. Sobre seu túmulo, seu busto e na pilastra a inscrição singela: "A Julius Frank, seus amigos". O velho edificio da Faculdade foi posto abaixo com todas as suas tradições brasileiras. O monumento judaico, não. Lá está guardado por uma armação de madeira e só dali será arrancado por um Brasil livre.

A Bucha, fingindo-se de sociedade beneficente, destinada a ajudar estudantes pobres, joeirava os estudantes com personalidade, afastando-os e marcando-os para o resto da vida, enquanto acolhia e encaminhava os que, abdicando de sua liberdade de consciência, a ela se escravizavam. Assim, pouco a pouco, foi preparando gerações que dela dependiam, foi encaminhando mediocridades até que cobriu todo o Estado e a politica brasileira com a rêde dos seus filiados. Somente a Bucha, que agia sob o rótulo do famoso Clube Onze de Agosto, explica a carreira feliz de certos individuos sem valor mental ou moral que

chegaram de repente aos mais altos cargos da nação.

Durante todo o segundo reinado, os bucheiros fôram preparando seu dominio até que, com o advento da República, dêsde o primeiro governo civil até hoje, passando através de mutações politicas e de revoluções, a Bucha tem exercido secretamente o Governo do Brasil. Presidentes, ministros, magistrados, juristas, parlamentares, diplomatas, escritores, chanceleres, todos sáem da Bucha ou entram para ela. Os que a repudiam não fazem carreira. E muitas mortes misteriosas, pelo punhal ou pelo veneno, lhes são atribuidas.

A história da Bucha ha de ser feita documentadamente um dia e será a verdadeira história do Governo Secreto do Brasil, aquêle que está por trás do governo que toda a gente conhece, aquêle que ninguem conhece, que muitos politicos liberais de bôa fé nem suspeitam, que outros não querem acreditar exista; mas que, por ser das trevas, é o maior escravizador da nação a interesses subalternos de pessôas e de empresas judaicas.

III — O Judaismo

Por que através dos seculos um clamor de maldição persegue os judeus por toda a parte? Será porque sejam fanaticos, perversos ou invejosos os povos que os acolhem? Ou será porque o judeu se mantem invariavel e irredutivel na sua insociabilidade e no seu parasitismo?

Estudando o assunto em meados do seculo passado, muito antes de revelados os famosos "Protocolos dos sábios de Sião", que só vieram a lume no começo do seculo XX, o erudito Ernesto Desjardins, professor da Universidade de Paris, provou sobejamente que êles se conservam estrangeiros na lingua, nos costumes, no espirito, onde quer que habitem ou nasçam. Fogem a todos os onus impostos aos cidadãos e reclamam todos os direitos dos mêsmos, burlando as leis. São ignorantes, charlatães, pretensiosos, usurarios, falsos e sujos, prejudiciais até á higiene pública. As populações não os hostilizam por motivos raciais ou religiosos e sim pelas explorações de que as tornam vitimas.

Continuando seus estudos, que mereceram ataques soezes dos "Arquivos Israelitas", o notavel professor e sociologo afirmava que os judeus não passam duma nação estrangeira, cujos interesses são opostos aos do povo que a hospeda, nação que procura conquistar á surdina, economica e moralmente, as outras, perturbando profundamente a vida dos Estados e agravando dia a dia essa perturbação em proveito proprio.

A economia brasileira tem sido perturbada interiormente pelos grupos de banqueiros e negocistas judeus que agem aqui dentro, como por exemplo a famigerada firma Murray e Simonsen de S. Paulo, o elenco judaico do "Estado de S. Paulo" com os Mesquitas e Moretzsohns á frente.

O professor Desjardins demonstra cabalmente que as influencias sociais, locais e oficiais não teem o menor efeito sobre os judeus, enquanto que êles influenciam *imoralmente* o meio cristão em que penetram. Seus monopolios e manobras arruinam o comercio, a lavoura e a industria, destruindo o equilibrio das forças economicas nacionais. "Os capitais produzidos pelo comercio, que frutificavam antes

nas mãos dos nacionais e voltavam a alimentar novamente as fontes de produção são alienados ou desviados de sua esfera de atividade nacional, o que faz com que se comece a sentir por toda a parte o enervamento e a inercia. Possuidores de somas imensas, naturalmente inclinados a explorar os outros povos, impelidos pelo seu espirito predominante de rapacidade, os judeus se entregam á usura sem a menor reserva e de tal modo que, em pouco tempo, despojam e reduzem á miseria grande número de gente antes opulenta ou remediada".

A usura judaica é uma verdadeira lepra. Ela esgota, as fontes de vida duma nação e lhe corrói a alma. A monopolização monetária que dela resulta é uma das grandes causas das crises que assoberbam os povos. De posse dos cargos técnicos, os judeus e seus asseclas inventam mil razões que ocultam as razões verdadeiras.

O judaismo é simplesmente o predominio exclusivista dos judeus, que só aparentemente se submetem ás leis, costumes e interesses nacionais. Êles não se integram nessas leis, costumes e interesses. Êles não deixam que no seu espirito se apague a idéa do *Estado*

Judaico messianico e dominador. O judaismo é a afirmação duma nacionalidade dentro das outras nacionalidades. A religião e a raça são bandeiras sob que se disfarça a invasão em todos os campos: no saber, na moral, na politica e na economia. Por isso, o judeu não pertence á pátria onde nasce; é sempre, imutavelmente judeu.

Entretanto, a ação do judaismo se exerce em função da religião judaica. Opressiva e exclusivista, ela não admite ninguem dentro da familia religiosa, condenando ao odio e á perseguição, perpetuamente, todos quantos não pertençam ao *povo eleito*. O "Talmud" guerreia as idéas morais de que estão penetradas as instituições dos Estados cristãos. Luiz Veuillot, o grande panfletario catolico, resumiu o judaismo nestas poucas palavras: "O judeu é o nosso *amo latente* e quer ser, no futuro, o *amo patente*".

No Brasil, não temos nem devemos ter preconceitos de seita ou de raça. Devemos querer que se fundam num só corpo e, mais ainda, num só espirito os brasileiros de todas as côres, credos, e procedencias. Essa fusão num molde unico somente pode ser atingida

sem êsses preconceios e é o grande ideal Integralista. Defendendo tais preconceitos com o fim de ludibriar os altos interesses da nação, o judaismo contraria a união nacional e se sobrepõe ao destino do Brasil.

Eis a razão por que o Integralismo tem de se afirmar anti-judaico.

AS FORÇAS APARENTES:

I — A Imprensa

Se a imprensa refletisse as verdadeiras aspirações e os verdadeiros interesses da nação, seria uma das suas maiores forças educativas e construtoras. Mas a imprensa caiu sob o poder das forças ocultas e se tornou uma das fórmas de sua ação aparente. Por isso, mente, estabelece a confusão, faz a critica desmoralizante de homens e instituições, eleva as mediocridades, dissolve os principios morais e corrempe o meio social á medida de sua propria corrupção.

Chega ao ponto de se tornar tanto mais espalhafatosa em titulos e letreiros quanto mais pobre de virtude e competencia.

Como a todas as outras forças vivas da nação escravizadas a subalternidades, o Integralismo terá de libertá-la, educando-a, disciplinando-a, moralizando-a e espiritualizando-a.

II — A Politica

Manietada e manejada pelas mêsmas forças, a politica deixa de ser a nobre ciência de governar os homens para torná-los melhores e mais felizes, reduzindo-se a uma arte equivoca de despistamentos e fraudes, apta somente a favorecer ambições de grupos ou individuos.

Recái, assim, num eleitoralismo sem entranhas, dentro do qual as mais absurdas pretensões encontram meios de alçar o vôo, eleitoralismo produtor de burocracias estéreis, ávidas e formalistas. A visão dos problemas nacionais se restringe aos regionalismos, aos localismos, aos partidarismos e aos individualismos, de modo que a nação, incapaz de produzir chefes com plena consciencia de seus altos deveres e pesadas responsabilidades, não passa duma chocadora artificial de fornadas e mais fornadas de funcionarios. E o mal da politicagem se alastra a todos os dominios: á ciência, á arte, á propria literatura, que passam a depender dos vicios e caprichos politicos.

AS FORÇAS ECONOMICO-FINANCEIRAS INTERNAS:

Produzidas no corpo da nação, influenciadas pelas forças internacionais ou associadas a elas, tais forças operam nos bancos, nos transportes, nas aguas e nas minas, sugando a produção e as riquezas nacionais. Elas contribuem para os desequilibrios economicos que ora se alastram pelo mundo, perturbando de tal modo a vida dos povos que se destróem utilidades aqui quando ali se morre de fome. Ao invés dos homens dominarem a economia, a economia domina e devora os homens.

Chegamos ao extremo de ver nos Estados Unidos, em 1934, se destruirem 2 milhões de toneladas de milho, se lançarem aos rios cerca de 300 milhões de litros de leite, se incinerarem 6.420.000 porcos, apodrecerem 500 mil laranjas, matarem-se 60 mil vacas, enterrarem-se 40 mil salmões, lançar-se fóra toda a

colheita de peras do vale da Roque (1). Queimaram-se carneiros na Argentina e na Australia. Nas Indias Holandêsas e em Ceilão, arrojaram-se ao mar 30 mil toneladas de chá! Cremaram-se no Canadá os depositos de trigo e, no Brasil, atiraram-se ao mar ou se incendiaram 7.750.000 sacas de café!

A moral desertou da vida economica dos povos, dando lugar aos desregramentos da especulação. Entre nós, a especulação atinge ás raias por meio dos bancos. Abre-se aqui um banco estrangeiro. Não traz capital. Traz uma carta de credito. Monta uma séde luxuosa e ostenta uma taboleta de banco estrangeiro celebre, o qual não se responsabiliza pela sua agencia. A economia nacional faz nela seus depositos a 2 e a 3 %. Os correntistas enchem-lhe os cofres e ela começa a emprestar á industria, ao comercio e á lavoura do Brasil o dinheiro dos brasileiros a 9 e a 10 %.

Realizam êsses bancos lucros formidaveis que são remetidos para o estrangeiro. Uma dúzia dêles obteem por ano lucro maior do que o *quantum* dum orçamento de grande Esta-

(1) Dados estatisticos da "London-Paris-Agency".

do, como o de S. Paulo, por exemplo, que escorchou a população. O Integralismo quer o monopolio bancario para o Estado, afim de dar melhores juros ao correntista nacional, menor taxa á indústria, á lavoura e ao comercio, diminuindo os impostos á proporção dos lucros dêsse monopolio.

Outros sangue-sugas são as casas de penhores que exercem sua atividade no ámbito das classes menos abastadas. O monopolio do Monte Socorro pelo Estado favoreceria essas classes e acabaria com tais sangue-sugas.

As riquezas circulam pelos transportes. Toda circulação deixa elementos de vida dêsde o ponto em que é produzida até aquêle por onde se escôa. Com raras excepções, nossas empresas de transportes, de frigorificos e de portos estão sob o contrôle estrangeiro. Que importa se chame uma Madeira-Mamoré, a outra Leopoldina Railway, a outra Port of Pará, a outra Compagnie des Chemins de Fer de l'Est Brésilien, se por trás dos letreiros inglêses, francêses, etc., estão os judeus de lá de fóra, de mãos dadas com os daqui de dentro, devorando o que produzimos por todo o percurso? Uma especie de *cadeia da felicidade* liga to-

das essas companhias: Levi, diretor gerente do Banco de Paris e dos Paizes Baixos, suponhamos, é diretor tesoureiro da Madeira-Mamoré; Isaque, diretor tesoureiro desta é diretor secretario da Port of Pará; Gerson, diretor secretario desta é administrador da Chemins de Fer ou de qualquer outra; e assim por deante, de sorte que os cordões dêsses titeres vão se acumular todos nas mãos dum Horacio Finaly, por exemplo, manobrador dêsse *grand-guignol* de empresas e de homens...

Deus nos deu as cachoeiras que cantam dia e noite no recesso sombrio da floresta. O dono da terra aliena a cachoeira a uma empresa judaica que lhe capta a força para a cidade proxima, fornecendo luz e energia. Não se contenta com um prazo suficiente para se indenizar do capital empregado no maquinário e instalações, ganhando bons juros. Quer a mamata por noventa anos e ainda prorrogação. E, ás vezes, cobra em ouro o que a nossa cachoeira produz em agua pura...

Quando pesôas que habitam uma cidade, como se dá em Blumenau, reunem algum capital para dotá-la de energia e luz sem mira em tão longos e fartos proventos, mas com a

preocupação patriotica do bem público, depois de pago o capital empregado e o seu rendimento, os fornecimentos passam a custar o necessario para manutenção e conservação das obras, aliviado o povo de mais um encargo. Êsse alivio o Integralismo terá de promover para o brasileiro escravizado ao judaismo através das empresas hidro-eletricas.

Em dois livros muito interessantes, ultimamente publicados, "La Grande Revolution qui vient" e "La Grande Relève des Hommes par la Machine", o sr. Jacques Duboin, antigo ministro em França, tem procurado mostrar documentadamente que uma das causas mais poderosas da crise atual no mundo inteiro é a exploração gananciosa das fontes produtoras de energia. O problema resume-se no seguinte. Até o seculo XVIII, o homem agiu com sua força muscular ou empregou a dos animais. Para navegar, utilizou o vento. Para moer, utilizou o vento ou as aguas correntes. Em 1775, com o primeiro ensaio de máquina a vapor, começou uma era inteiramente nova. O homem foi deixando de fazer agir sua força muscular e passando a recorrer a varias fontes produtoras de energia, a qual, escreve o sr. Duboin,

"tomada na natureza, exterior ao individuo começou a produzir riquezas cada vez mais abundantes, suprimindo de tal sorte o trabalho humano, que, quanto mais se produz, menos consumidores ha".

Toda essa força que ilumina, aquece, move veículos, dá vida a aparelhos de toda a sorte, dêsde a vassoura eletrica, ao radio alto-falante, vem das quédas de agua. A agua das nações corre nos rios e ribeirões, gorgoleja nas grotas, deslisa sobre os paredões das represas gigantes, despenha-se no abismo rumoroso das cachoeiras e vai produzindo uma quantidade incontavel de força capaz de tudo acionar. Uma companhia qualquer obtem concesões do governo, instala maquinismos e começa a vender eletricidade pelo preço que entende. Durante vinte, trinta anos, paga-se do capital empregado, embolsa juros admiraveis e lucros verdadeiramente mirificos. Terminando o prazo da concessão, tange seus pausinhos, move seus advogados administrativos, distribue gordas propinas, paga a essa cousa imunda que se chama imprensa uma campanha em seu favor e instala-se de novo numa prorrogação ou renovação de concessão. A's vezes por 99 anos. Não

se põe nos contratos por um seculo para evitar o escandalo da palavra...

Desta sorte se explora contra um povo a força natural das aguas que Deus lhe deu. Elas correm e cascatêam generosamente, dia e noite, como o proprio sangue da pátria. O bando negro de capitalistas põe êsse sangue a trabalhar para êle em cada pulsação que produz cada kilowat, cotado a tantos réis! Não contente em explorar os homens, o capitalismo explora os elementos. Sobre essa energia da terra brasileira, por exemplo, que certas companhias captam para vender ao habitante nada pagam ao governo do país. Não ha negocio mais vantajoso. E' vender a retalho uma materia prima que a natureza fornece em grosso. As despesas são sómente as de instalação e funcionamento da aparelhagem necessaria a tirar a energia das quédas de agua.

E' por isso que, por toda a parte, os bandos negros andam açambarcando as cachoeiras. No nosso pobre Brasil, quasi todas, salvo talvez as muito distantes, estão nas mãos de estrangeiros, sobretudo judeus. Eis aí a razão por que se tem feito tanta oposição ao Codigo de Aguas, cujos dispositivos defendem nossas

fontes produtoras de energia. Entre os mais acirrados combatentes contra o referido codigo, figuram certos deputados de alta importancia, co-autores da Lei de Segurança, mas advogados de interesses judaicos e outros que tais. Os jornais que nos atacam elogiam-nos constantemente. São homens que ascendem a todos os postos, simulando talento e valor que não possúem, enfeudados ás potencias das trévas contrárias aos interesses do Brasil.

O sr. Duboin acha que as massas, dirigidas por gente capaz, deviam impôr de qualquer fórma a redução do preço da eletricidade em todas as suas utilizações, de modo que ficasse ao alcance de todos. E pergunta: "Que espera o Estado para recuperar a posse das quédas de agua, das quais sairá a proxima libertação de grande número de trabalhadores?" Nós podemos responder-lhe: espera ser o Estado Forte, o Estado Integral, livre de influencias politicas ou financeiras, para arrancar da mão dos especuladores êsse instrumento que, devendo ser fonte de vida nacional, não tem passado de fonte de renda para os exploradores das nações. Enquanto isso não fôr possivel, os povos engabelados pelo liberalismo impu-

dente ou pelo comunismo mentiroso, verão: no primeiro caso as barragens e instalações se multiplicarem, multiplicando o número dos sem trabalho; no segundo, elas servirem ao Estado para explorar a massa escravizada.

Um joven escritor francês ultimamente publicou um volume sobre o assunto, digno de atenta leitura. Intitula-se "Frankenstein, l'age d'or ou la fin du monde". Êle sintetiza a energia eletrica na figura mais do que conhecida de Frankenstein, a qual energia ou trará para o mundo a Idade do Ouro ou o levará ao seu fim. Tudo depende do modo como a sociedade se organizar e a fórma por que defenda as suas fontes de riqueza, tanto do trust burguês como da ditadura judaica, mascarada de ditadura proletaria-marxista.

Êsse problema hidro-eletrico é importantissimo e está preocupando o mundo moderno. Em França, além das obras já citadas, o jornalista Gaxotte escreve constantes artigos em "La Reaction" e o publicista Paul Le Cour aborda a questão superiormente na sua revista "Atlantis".

Na America do Norte, esboça-se um movimento bastante serio. A "União em pról da

Justiça Social", fundada pelo padre catolico Conghlin, estatúe como uma de suas grandes bases o problema hidro-eletrico. O proprio presidente Roosevelt foi obrigado pelas circunstancias a tomar uma atitude. O clamor contra o preço abusivo da energia nos Estados Unidos é continuo e formidavel. Em 1933, votou-se a lei creando a "Tennessee Valley Authorithy", a qual deve barrrar o rio Tennesseee e produzir força e luz por preço baratissimo. Eis o que a respeito diz Paul Le Cour: "Em todo o vale, a tarefa agricola dos camponezes será muito reduzida pela eletrificação e estão se creando escolas-oficinas para trabalhos em metal e madeira, os quais, graças á força eletrica, poderão ser executados pelos propriòs camponios para assegurar a conservação de suas explorações e residencias. Graças ás obrás do vale do Tennessee e apesar da encarniçada resistencia dos trusts, a eletricidade será em bréve fornecida muito barato aos dez Estados vizinhos. Em janeiro de 1934, depois de haver declarado ao Congresso que todos deviam verificar que a justiça social deixara de ser cousa longinqua e vaga para ter fins precisos, Roosevelt acrescentou: "Que aquêles que, para

fins egoistas, procuram entravar essa realização tomem cuidado antes de se pôrem de través na nossa marcha! O programa da eletrificação será mantido".

O Estado Integral Brasileiro terá, também, seu programa sobre o assunto e nada o deterá na defesa dos interesses brasileiros. Só a realização dum grande plano de eletrificação nacional, feito não para negocio, mas para o bem do povo, será bastante para implantar uma Ordem Social nova, em que, sem tirar dos que teem, dar-se-á o necessario aos que nada teem.

Na questão das minas, outro problema da escravização se apresenta. Ou o capitalismo sem entranhas se apodera das jazidas para explorá-las em seu beneficio, ou para impedir que sejam exploradas, como no caso do petroleo, ou nega a existencia das mêsmas jazidas, ou ainda cria óbices e entraves a qualquer exploração.

Escravizadas nossas fontes de vida, regulada a nossa produção agricola pelos Institutos aconselhados pelos tecnicos judaicos, por êles dirigidos ou por incompetentes que manobram, fica o Estado com um unica fonte de renda á

sua disposição: o imposto. E' isso que o judaismo internacional quer. A tributação vai sendo majorada constantemente, de maneira a empobrecer e revoltar o país. E' um passo gigante na senda do comunismo...

Para se ver a monstruosidade do crescimento constante dessa tributação, tomemos por base o Estado de Minas Gerais êste ano: um boi paga 1$500 por ano; uma vaca, 1$000; cada bezerro, $500; cada porco, idem. Uma casa comercial que pagava dois contos e pouco passa a pagar vinte e cinco. Um engenho rustico de cana, 500$000, afim de acabar a produção domestica de assucar e obrigar o povo a se tornar tributario da grande indústria.

Essas tributações exageradas levam o fisco a se tornar pela penhora um destruidor da pequena propriedade. O Estado liberal ajuda a obra capitalista de proletarização das massas, preparando com as proprias mãos os surtos comunistas que o ameaçam.

AS FORÇAS ECONOMICO-FINANCEIRAS EXTERNAS:

O capitalismo judaico internacional é um conquistador e um colonizador de povos. Não manda contra êles armadas e exercitos. Manda agentes financeiros. Não dá batalhas; realiza emprestimos. A cada um a nação mais se encalacra, mais se afunda e o banqueiro mais nada em ouro.

O mecanismo dessa escravização é facil de ser compreendido nas suas linhas gerais. Exemplifiquemos. O Brasil precisa de um milhão de libras e pede-o a uma casa bancaria judaica. Em geral se pensa que essa abre os cofres e entrega o dinheiro mediante garantias e contrátos. Nada disso. Ela lança o emprestimo na praça, gaba-lhe as condições e empresta-lhe o prestigio de seu nome, feito pela imprensa que lhe é assalariada. Os habitantes das cidades e países onde foi lançada a ope-

ração de credito, desejosos de empregar suas economias em titulos de bôa renda e seguros, seduzidos pelas condições do emprestimo, adquirem seus titulos e é êsse dinheiro que o judeu do banco entrega á nação devedora... Entrega, descontando as despesas, as comissões, as percentagens e o *tipo*, isto é, a diferença entre a divida real e a soma que o Estado em verdade recebe. Suponhamos o tipo de 88: por um milhão de libras que o Brasil ficou devendo e terá de pagar, recebeu somente 880.000. A diferença de 120.000 libras em cada milhão foi dividida entre os banqueiros e os agenciadores do negocio. Explica-se a razão por que banqueiros e homens de Estado gostam tanto de emprestimos, defendem-nos e não podem viver sem êles...

Feito o emprestimo, pelo prazo que durar, vinte, trinta ou cincoenta anos, os banqueiros vão ganhando sempre comissões sobre os pagamentos que façam de juros ou amortizações, pelos resgastes que efetuarem em nome do governo. Cada emprestimo é uma maravilhosa vaca de leite! Mas, pensam que os judeus se contentam com isso? E' pouco para a sua cupidez. Êles começam a jogar com os ti-

tulos do emprestimo, pouco se lhe dando dos prejuizos causados á economia do devedor e do credor, ou á honorabilidade daquêle.

Lê-se por exemplo um dia nos jornais êste telegrama da United Pres:

> "PARIS, 13 (U. P.) — A "Agence Économique et Financiére" afirma que o Governo Brasileiro está tirando proveitos dos boatos relativos á decretação de uma eventual moratoria no Brasil, e que o mêsmo está procedendo a uma aquisição sistematica de titulos brasileiros na Bolsa de Amsterdam, por intermedio de Londres".

Essa noticia ambigua corre mundo. O modo equivoco por que está redigida provoca suspeita. Os titulos brasileiros começam a baixar em todas as bolsas. Os agentes dos banqueiros forçam mais essa baixa. Por que?

Porque os banqueiros judeus ás vezes já estão até de posse das somas para o pagamento do *coupon* de juros semestrais. Compram na baixa os titulos que podem e ficam com o dinheiro do *coupon*. Depois de algum tempo,

lê-se nos jornais outro telegrama da United Press:

> "LONDRES, 20 (U. P.) — O jornal "Financial News" publica hoje um editorial no qual diz que "a situação dos titulos brasileiros revela uma melhora cambial significativa. A confiança no credito brasileiro está voltando evidentemente".

Essas noticias se multiplicam e aumentam de intensidade, habilmente. Os titulos sobem e os banqueiros vendem ao publico os que compraram na baixa com o simples fito de abiscoitar os juros.

Tais manobras indecorosas prosseguem através das décadas sem que haja meio de lhes pôr um paradeiro. E' o roubo organizado contra a economia de todos os povos em beneficio de um bando voraz de banqueiros judeus. E a força dêstes em relação a politicos e administradores é tal que, quando se faz um esquema de nova fórma de pagamentos de juros, como o do sr. Osvaldo Aranha, diminúe-se o *quantum* de tais pagamentos, porem a comis-

são dos banqueiros é paga em relação ao total normal dos juros dos emprestimos.

Anti-banqueirista porque quer libertar o Brasil, o Integralismo não quer o respeito supersticioso das dividas, como o liberalismo, nem o seu cancelamento deshonroso, como o comunismo; porem a solução racional e humana do problema: responsabilização dos banqueiros pelas prevaricações e desvios de fundos, comissões e pagamentos a maior; revisão de contrátos onerosos; estudo dos emprestimos um por um; entendimento diréto com os portadores de titulos; nacionalização de certas dividas e cotação fixa dos titulos em moeda nacional.

O cambio, manobrado pelas potencias judaicas internacionais, é outro escravizador do Brasil, desvalorizando nossa moeda lá fóra, de modo a permitir que, com pouco numerario, o estrangeiro se aposse de nossos bens de raiz e de nossos produtos.

A maneira como as forças ocultas do capitalismo internacional atúam para se apoderarem das nações é mais ou menos a mêsma por toda a parte: desorganizar a economia para desorganizar a politica e a vida social; açambarcar as propriedades na desvalorização sugsequente; pauperizar os ricos, proletarizar os remediados, reduzir á ultima miseria os trabalhadores. E dominar o país arruinado, escravizado como Nicaragua, anarquizado como Cuba, bolchevizado como a Russia.

O processo usado contra Cuba é tipico e digno de nota. A Perola das Antilhas, arrancada pela força iánqui ao diadema colonial espanhol, era a grande fornecedora de assucar ao mundo. Sua exportação era tão grande que a pequena ilha figurava na balança comercial dos povos em posição muito superior ao grande Brasil. Isto era motivo de criticas no parlamento e na imprensa de nossa terra contra nós mêsmos, esquecidos os criticos do comercio interno, da vida economica intrinseca do Brasil, que não figura em estatisticas mundiais e que Cuba não possuía.

O assucar enriquecia Cuba e os cubanos. Logo, o capitalismo internacional resolveu apoderar-se dessa riqueza. Enquanto adquiria terras e fomentava a cultura da cana em ilhas do mar do sul, aproveitando a mão de obra baratissima dos "coolies", sobretudo em Hawai, fazia subir formidavelmente as cotações do as-

sucar. Os cubanos perderam a cabeça com tanto dinheiro e tão facil. Demais, parecia que o assucar não pararia de subir. Os plantadores, os intermediarios e o proprio governo da ilha gastavam nababescamente. A vida em Havana era a mais cara do mundo. Os prazeres e o luxo tinham ali sua capital. Os lavradores aumentavam as plantações, a capacidade das usinas e reformavam a sua maquinária. Os intermediarios construiam palacios, compravam automoveis luxuosos e frequentavam os casinos. O governo reorganizava o Exercito, creava uma Marinha e erigia capitolios. Como, apesar do rio de ouro canalizado pelo assucar, não bastassem os lucros e rendas para tantos gastos, os particulares e o governo faziam emprestimos aos judeus de Nova York, hipotecando as propriedades privadas e os bens do Estado.

De repente, o assucar de Hawai entrou em cena e o de Cuba lá se foi por agua abaixo. O governo caiu, os particulares ficaram na miseria, as massas de trabalhadores rebelaram-se. E foi a anarquia que todos conhecemos, no meio da qual o capitalismo sem entranhas se apoderou das propriedades.

Antes de Cuba, já se tinha feito o mêsmo na America Central com as frutas. Nicaragua fôra reduzida á miseria do mêsmo modo que Cuba. O heroico Sandino foi que encarnou a reação nacionalista contra o açambarcamento judaico da Fruiting Company. E, antes de Nicaragua, a mesma cousa se praticára contra a borracha brasileira. Depois de uma alta formidavel que enlouqueceu os seringueiros, subitamente a borracha do Oriente abarrotou os mercados e lá se foi a economia da Amazonia de aguas abaixo...

Um pouco mais complexo devido a varias circunstancias é o processo que vem sendo posto em pratica ha décadas contra o café. No fundo, porém, é o mêsmo. Já houve a alta e, depois, só não sobreveiu a baixa completa, devido a esforços terriveis. Mas bastou essa baixa para causar o mal estar que permitiu a vitória da revolução de 1930, depois da qual o judaismo invadiu o Brasil.

Chegou agora a vez da laranja. O cultivo da laranja foi incentivado em varias regiões do Brasil e o seu comercio prosperou rapidamente. Muita gente empregou seus capitais na produção nascente; outros hipotecaram suas ter-

ras para plantar laranjas e montar os apare lhamentos técnicos precisos. A laranja brasi leira começou a ser cotada e a dar bons lucros justamente quando o café descia a escada. Er uma esperança. Pois o capitalismo judaico va matá-la. As plantações de laranjeiras da Pales tina já estão dando frutos e a laranja brasilei ra vai levar a breca. Só no ano passado a In glaterra comprou cinco milhões de caixas de laranjas á velha Terra da Promissão! Imedia tamente, sob a ação dos "judeus inglêses" vie ram as medidas aduaneiras contra a nossa la ranja: 2 libras e 6 dinheiros por caixa brasi leira; isenção para o produto da Palestina. A luta é impossivel.

Além da perda do melhor mercado, que é a Inglaterra, o nosso produtor tem contra si a intromissão dos agentes compradores ju daicos e a indiferença do governo liberal. Ama nhã, vencidos os compromissos e hipotecas, o judaismo será dono de nossos laranjais.

O algodão, se não acordarmos a tempo passará pelos mêsmos transes e acabará da mêsma maneira.

O capitalismo internacional é o abutre de todos os povos.

As agencias telegraficas, que são os mo ços de recado do judaismo explorador dos po vos, enchem os jornais cariocas e paulistas, de vez em quando, de auspiciosas noticias a respei to de nosso credito no estrangeiro. Varios jor nais financeiros referem-se elogiosamente ás nossas condições de prosperidade e, como con clusão, lá vem a bôa nova: *os titulos brasilei ros subiram de cotação nas bolsas.*

Passa-se o tempo e pelas mêsmas agen cias, sabemos que muitos jornais da Europa e da America do Norte veicularam noticias da suspensão de pagamentos da divida externa por parte do Brasil. Quando o nosso governo desmente o boato, são passados dias. E que aconteceu durante êles? *Os nossos titulos bai xaram de cotação.*

O Jéca explorado, o indiferente, o igno rante, o burguês passivo e egoista, o comunis ta amancebado com o capitalismo judaico, *et reliqua,* pouco se inquietam com isso. Essas altas e baixas processam-se lá por longe e não nos afetam. Quem estuda e conhece as ques tões sociais, quem estremece sua pátria fica a vibrar de indignação, porque o bom nome do Brasil serve a meia dúzia de banqueiros in-

ternacionais para espoliar a economia dos portadores de titulos.

Vejamos com clareza o mecanismo dessa infame trapaça feita á sombra das leis, a sombra da chamada liberdade. A imprensa, quando não pertence ao banqueirismo judaico, está amilhada por êle. Recebe ordem de dar notas e artigos favoraveis á situação do Brasil, de modo a nosso credito aumentar na opinião publica e os titulos de nossa divida subirem de valor. Isto quer dizer, segundo a lei da oferta e da procura, que ha muitos compradores de titulos brasileiros e poucos vendedores. Então, os banqueiros tomam os titulos que possuem e os escoam discretamente com alta cotação, ganhando rios de dinheiro na diferença.

Pouco tempo depois os jornais espalham um boato falso como êsse ou fazem cerrada campanha contra as finanças brasileiras. Logo, os titulos baixam, isto é, ha muita gente que quer vender seus titulos e pouca que os quer comprar. Os banqueiros entram, então, discretamente no jogo bolsista e começam a adquirir por menos aquêles mêsmos titulos que venderam por mais.

Nêsse jogo de altas e baixas, o banqueirismo judaico vai empobrecendo as economias de todos os povos, sugando-lhes continuamente a vitalidade. Não ha remedio, no Estado Liberal Democratico, para curar as chagas produzidas por êsses vampiros dos povos, nem para afugentá-los ou acabá-los. Daí o seu combate ao fascismo, ao integralismo, aos regimes em que não poderão mais, pela força das cousas, exercer sua pirataria.

Voltemos ao caso de nossa laranja, é tipico do sistema judaico de parasitarismo e roubo organizados. A laranja começou a dar dinheiro e se incentivou o seu plantio, de certo tempo a esta parte. Algumas regiões do Brasil cobriram-se de magnificos laranjais, melhoraram-se as especies, prepararam-se as terras, montaram-se fábricas, obteve-se mão de obra, enfim organizou-se a agricultra e a industrialização do produto, o qual ia obtendo preços que permitiam esperar grandes lucros no futuro. Estava realizado todo o trabalho preparatorio, que é o mais arduo. O brasileiro agira, trabalhara, se esforçara, realizara; mas, na maioria dos casos, afim de plantar seus laranjais e de montar sua usina de beneficiamento,

até mesmo de comprar a terra, apelava para o credito e hipotecava a propriedade da qual contava haurir recursos no futuro para pagar a divida, cobrir os juros e poder, livre de onus, enriquecer. Pois, o preço da laranja não prometia mundos e fundos?

O preço era a isca do anzol judaico de fisgar o peixe cristão. Israel é o parasita que não trabalha e vive do trabalho alheio. Israel precisa agora apoderar-se das terras, dos laranjais, das usinas, das freguêsias, de tudo o que custou o duro trabalho dos outros. Senhor da imprensa, dos bancos, das bolsas e dos mercados, provoca a queda do preço da laranja. O que a laranja passa a dar não chega para o serviço de juros, as despesas, etc. do lavrador de jaranjais hipotecados. As hipotecas vencem-se. Estão nas mãos de Israel e êste fica com as propriedades beneficiadas e aptas a uma produção rendosa. Aí, então, o preço da laranja voltará á cotação que dê lucros aos novos donos dos laranjais.

O mecanismo da expoliação é claro como agua. Não o vê quem não o quer vêr. Assim, se despojam os povos de todas as riquezas, produtos de seu trabalho, em beneficio do unico

povo que não trabalha. Essa expoliação atinge o cúmulo no jogo aladroado dos cambios. Quem fixa o curso do ouro? Os governos dos povos livres? Não. O super-governo israelita dos povos escravizados. Segundo noticias documentada do *Blackshirt* de Londres, no seu numero 98, de 1935, todos os dias se reunem no escriptorio dos srs. N. M. Rotschild and Sons os seis magnatas judeus que dirigem o cambio e jogam de caso pensado, de cartas marcadas, com todas as moedas, canalizando para suas burras rios de dinheiro: Rotschild, Mocatta-Goldsmid, Samuel Montagu, Pixley-Abell, Sharps-Wilkins e Mathey.

Hitler foi o unico estadista que compreendeu o problema e teve a coragem de resolvê-lo no seu país. Os outros povos cristãos, ao invés de lhe seguirem o exemplo, ajudam o judaismo a combatê-lo. Agora, para que se não diga que o caso é de odio religioso tão somente e não de defesa social, o governo do Afganistão, país mussulmano, acaba de decretar contra os judeus as mêsmas medidas com que a idade média soube se defender da sua infiltração. No jornal *Kurjer Polski*, que se publica em Lvov, na Gallicia, terra quasi toda povoa-

da de judeus, no número de 18 de maio ultimo, vem a noticia dessas medidas, com a reprodução do decreto das autoridades da cidade de Herat: ali foi creado o *Ghetto* para os judeus; êstes devem vestir-se de modo diverso dos outros habitantes, trazendo á cabeça um gorro pontudo e uma roda vermelha no peito; não poderão andar de carro nem a cavallo; tambem não lhes será facultado construir casas mais altas do que as dos mussulmanos.

Os afgans já estão providenciando contra a exploração futura dos arranha-céus..

Longe de mim preconizar essas medidas de caráter medieval; mas sim ensinar ao povo o que é o judeu e o que é o *mal judaico*, afim de que êle se defenda e não crie climas favoraveis ao judaismo; tambem pugnar por um regime de corporativismo, de economia integral, de moralidade e de energia, que não permitta o parasitarismo israelitá. Senão, nessas altas e baixas, não só o Brasil, mas o mundo irão á garra.

A GRANDE INTRIGA

Uma simples frase revela, ás vezes, um mundo de cousas. Encontramos uma dessas frases profundamente significativas á pagina 161 da obra de Theodore Fix — "La guerre du Paraguay": "L'Amérique du Nord et l'Angleterre voyaient avec manvaise humeur le déploiement de force du Brésil...".

Fix era capitão do estado-maior francês e escreveu sua obra em 1870, com a documentação que pôde obter no momento. Ela tem defeitos e erros, mas é interessante e rica de observações dignas de nota, dando um resumo geral da campanha, bem elucidativo e bem escrito. A observação mais precisa, porem, é a citada acima.

Analisemo-la.

Apesar dos emprestimos com que Rotschild nos vinha escravizando dêsde a independencia, o Brasil atingira o apogeu de sua gran-

deza e projecção politica e moral no continente. Tinha uma situação financeira relativamente folgada, apesar de cinco anos de guerra estrangeira. O cambio era magnifico. Seu papel moeda alcançava ágio sobre o ouro! Situação economica próspera. Coesão nacional perfeita sob a égide da unidade imperial, cimentadas as provincias pelo sangue que, juntos, sem filhos haviam derramado nos mêsmos campos de peleja. Um exercito veterano, aguerrido, com chefes de alto prestigio como Caxias, Osorio, Porto Alegre, Cámara. Uma marinha excelente com chefes tambem altamente prestigiados como Tamandaré, Inhaúma, Angra, Ivinheima, Barroso. Os Estados Unidos haviam saido combalidos da guerra da Seccessão. As forças armadas do Imperio, glorificadas por dezenas de vitórias navais e terrestres, eram as primeiras, talvez, das Americas. E a moralidade do governo imperial se impunha no concerto das nações.

Até aonde poderia ir como força na sua unidade e na sua influencia moral o Imperio do Brasil? Não se tornaria, em alguns anos, uma grande potencia, polarizando o sentido do continente meridional e falando aos donos do

mundo em igualdade de condições? Os Estados Unidos e a Inglaterra, confessa o oficial do estado-maior francês, viam de máu humor êsse desdobramento de forças do Brasil. Por trás de seus governos aparentes, é preciso não esquecer, estavam já os governos ocultos do judaismo internacional. Não convinha a êstes a grandeza do novo Imperio. Era preciso destrui-la e impedir a formação duma grande nação, capaz de agrupar em torno de seu prestigio as republicas sul-americanas, libertando-as da escravização judaica que se exerce através das intrigas politicas, das ameaças de intervenção, dos emprestimos, das concessões aladoradas e até mêsmo do ridiculo.

O governo judaico do mundo deu suas ordens e as forças ocultas, a Burschenchaft, a maçonaria, etc., aliadas a inteletuais e a politicos, se puseram em ação, minando a pouco e pouco o Imperio, sob a proteção do liberalismo cego de D. Pedro II, que não conhecia o poder dessas forças e não podia compreender o problema.

Constantemente se fez uma propaganda soez contra o conde d'Eu, depois dêle se recusar a tomar parte nas festividades maçoni-

cas e nas tricas dos partidos, muito proprias tambem a inutilzá-lo. Comandára com galhardia, bravura e capacidade o nosso Exercito, num áspero periodo da guerra do Paraguaí. Mas a campanha na imprensa e no congresso fez com que se esquecessem seus inestimaveis serviços. A figura dum Silva Jardim, maçonicamente posta a seu lado, nos derradeiros anos do Imperio, anulou-lhe os esforços de popularidade. Assim, se tornou impossivel pouco a pouco o *terceiro reinado*. Estava virtualmente afastada a sucessão de D. Pedro II. E a grande intriga frutificou em outros sectores.

Essa campanha começou no proprio tempo da guerra, continuou com acusações levianas e ridiculas, como a dos *cortiços* e só terminou quando o principe da Casa de Orleans mergulhou no sono eterno. Marechal do Exercito, tendo-o comandado com bravura e competencia no último periodo da luta contra o Paraguaí, vencedor de Peribebuí e de Campo Grande, aos seus despojos mortais as forças ocultas impediram que fôssem prestadas honras militares. E isso numa época em que o generalato, que absolutamente não deve ser dado honorariamente, o que é ridiculo hábito sul-

americano, galardoava os serviços das guerrilhas de caudilhos mirins, desonrando-se até em personalidades cangaceirais da rodinha do padre Cicero...

A guerra do Paraguaí terminou a 1.° de março de 1870. O grão-mstre da maçonaria, visconde do Rio Branco foi o encarregado de organizar o país vencido e deserto. Era o homem dessas encomendas. Em 1865, ao raiar do ano, nos frustara com uma convenção apressada, de parceria com o diplomata maçon italiano Barbolani, o verdadeiro triunfo contra o Uruguaí, concertando uma das eternas pazes sem vitória definitiva dos contendores, tão do agrado do judaismo, por permitirem a continuação dos dissidios. A brasilidade de Tamandaré explodira, revoltada. E o Imperador demitira Rio Branco, embora não pudesse repelir o tratado que assinára.

Um ano após a guerra, se iniciou a luta interna no nosso país contra o edificio monárquico. Um dos seus pilares, infelizmente, era a escravidão. Ela nos fôra imposta, no ciclo do assucar, pela cupidez dos judeus. Não podendo explorar o indio como desejava, o judeu explorou o negro. O tráfico é invenção sua e seu

negocio, o que está historicamente provado. A lepra ficou, depois, com a sociedade brasileira e lhe causou mais males do que beneficios. Os beneficios fôram aparentes; os males fôram secretos. Os beneficios já se acabaram; os males continuarão permanentes. Retirar, porem, êsse pilar que sustinha a economia nacional não era nada fácil. Precisava-se tempo, cuidados e o preparo de novo pilar. Havia muito tempo que o jogo politico-economico dos judeus inglêses suspendera o trafico. A escravaria somente se ia mantendo e poderia manter pela procreação. Em 1871, atacou-se esta, tornando-se o *ventre livre*, graças ao grão mestre Rio Branco.

Uma cousa é ver a aparencia das cousas; outra, ver a essencia. A lei é humanitaria e seu humanitarismo lhe dá tentadora beleza, a qual encobre os verdadeiros propósitos do ato grandemente enfraquecedor da economia do imperio. Então, perguntarão os maldosos, alguem se atreve a condenar a lei do ventre-livre? Não. A lei é uma conquista magnifica, mas não se tomou nenhuma medida para encher o vasio que ela ia abrir na vida economica da nação. E aí é que está o erro. Tambem a escravidão era odiosa, é o que ha de mais odioso e infame; mas era uma realidade brasileira e com ela tinhamos de contar como componente de todos os nossos problemas.

Foi em 1871 que outro grão mestre maçon, Saldanha Marinho, lançou seu "Manifesto Republicano". Já os *bucheiros*, como Campos Sales, de mãos dadas aos maçons, se agitavam em S. Paulo. Os sôpros que vinham das lojas enfunam as velas dos ideais republicanos. A propaganda estava lançada.

Em 1872, um craque misterioso abalou a bolsa do Rio de Janeiro. O panico financeiro percorreu o país. Os capitais estrangeiros se encolheram e mudaram de pouso. Os capitais brasileiros deixaram o Brasil e passaram a ser empregados em Buenos Aires. Erà do plano crear na America outra nação mais ou menos forte, que, um dia, se pudesse contrapôr ao grande Imperio. A Argentina, base de operações de nossas forças de terra e agua no Paraguaí, enriquecera-se com a guerra que o maçon Bartolomeu Mitre fizera *trainer em longueur* contra o maçon Solano López.

A Argentina opulentara-se com a caudal de ouro que o Imperio despejava no Prata. Agora, os capitais estrangeiros e brasileiros re-

fluiam do Rio de Janeiro para Buenos Aires. Uma nação importante e rica surgia na America do Sul. Mais tarde, com a República no Brasil, o maçon Quintino Bocaiuva quasi lhe entregou o controle de todo o nosso territorio meridional com seu famoso tratado das Missões. Leia-se a critica exaustiva de Eduardo Prado e os mapas que a acompanham, nos "Fastos da Ditadura Republicana", e se estremecerá de horror!

Minava-se o terceiro reinado com o descredito do Conde d'Eu; minava-se a base do trabalho com a lei do ventre-livre; minava-se a hegemonia imperial, favorecendo o desenvolvimento argentino; minava-se a vida financeira do país com o panico bolsista; minavam-se as intituições imperiais com a propaganda republicana. Minar-se-ia o resto, como veremos.

De 1872 a 1873, veiu a lume a malfadada questão dos bispos de Olinda e Belem. Por trás dela se perfila a figura do grão mestre Rio Branco. Sete anos depois, quando morreu, o "Mundo Maçonico" fez-lhe o necrologio, celebrando-o textualmente como "instigador da perseguição contra os bispos". Até 1872, a Igreja Católica gozára no imperio da mais completa tranquilidade e do mais alto prestigio. Nêsse ano, no predio da maçonaria, á rua do Lavradio, houve grande festa para celebrar a lei do ventre-livre, na qual um padre maçon ou maçonizante pronunciou um discurso, depois publicado pela imprensa. Sendo a Maçonaria uma instituição condenada pela Santa Sé, á autoridade episcopal suspendeu o sacerdote de ordens. A loja reuniu-se e resolveu atacar o episcopado. As pranchas viajaram por todo o país e, em toda a parte, os maçons provocaram insolentemente os bispos. E, ao mêsmo tempo, os dois Grandes Orientes do Brasil, o da rua do Lavradio, de tendencia monarquica, obedecendo a Rio Branco, e o dos Beneditinos, de tendencia republicana, obedecendo a Saldanha Marinho, se uniram num pacto solene contra a religião da maioria dos brasileiros.

Para desfeitearem o arcebispo do Rio de Janeiro, fizeram anunciar uma missa por um maçon morto. O arcebispo, fraco, cedeu, consentindo fôsse celebrada. Mêses depois, no Recife, uma loja provocante declarou pela imprensa que faria dizer uma missa no dia do aniversario de sua fundação. O bispo de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, pru-

dente e sábio, não querendo lutas nem escandalos, escreveu uma carta *confidencial* aos vigarios, recomendando-lhes que não podiam celebrar uma missa dessa natureza. E a missa não foi dita.

A Maçonaria voltou a carga, procurando um pretexto que lhe desse aparencia de razão, tornando o bispo provocador ou infiel a seus deveres. Tentaram os pedreiros-livres conseguir uma missa por um maçon falecido, á qual deviam assistir, paramentados com suas insignias rituais, todos os irmãos. O bispo agiu com discreção e a missa não foi celebrada. Desencadearam contra D. Vital as fúrias da imprensa. Nem resposta. Os jornais maçonicos mostraram que o bispo despresava os maçons, mas que êstes enchiam as irmandades religiosas. O mêsmo silencio. Então, lançaram artigos torpes contra os dogmas da Igreja, sobretudo ò da Conceição de Maria. Deante da abominação, o bispo recomendou ao clero desagravasse Nossa Senhora tão vilmente ofendida. Houve procissão e oficios de desagravo.

Os *irmãos* não esfriaram. Publicaram a lista de todos os maçons que faziam parte do clero e das irmandades do bispado, em todos

os jornais. Punham, assim, D. Vital entre a cruz e a caldeirinha. Informado dos nomes e gráus daquêles pedreiros-livres, ou cumpria seu dever episcopal ou se desmoralizava. No primeiro caso, o apoio do poder público á Maçonaria contrariaria as punições impostas, em razão da ligação entre a Igreja e o Estado.

A mêsma luta, de técnica igual, estava sendo levada a efeito no Pará contra o bispo D. Antonio de Macedo Costa.

Em dezembro de 1872, a autoridade do bispo de Olinda se manifestou, ordenando aos vigarios que convidassem os maçons membros das irmandades a abjurar a maçonaria ou a se retirarem. Todos recusaram. Algumas irmandades responderam logo, outras demoraram em responder. O bispo fez segunda e terceira circular sem resultado. Então, foi interdictando as irmandades á proporção que lhe chegavam suas recusas.

O que acontecia em Pernambuco repetia-se no Pará como num espelho.

As irmandades insubordinaram-se contra o interdicto e, imprudentemente, ocultaram todos os objetos do culto, até as próprias especies eucaristicas, de modo a pôr os sacerdotes na

sua dependencia para a imposição de qualquer sacramento ou a celebração de qualquer misterio. Travada, assim, a luta pelos maçons das irmandades, êstes se dirigiram aos maçons do ministerio para lhe pôrem paradeiro. O ministerio maçonico baixou o decreto de 12 de junho de 1873, ordenando o levantamento da interdicção, baseado na legislação que regulava as relações *temporais* da Igreja e do Estado. O caso, porem, era da alçada *espiritual* e, apoiado pela Santa Sé, o bispo recusou obediencia ao governo. Publicou tambem o breve de Roma. O governo processou-o por essa publicação sem autorização oficial, pensando atemorizar o episcopado. Não atemorizou e teve de recuar. Mas arranjou outro processo, por desobediencia, o qual culminou com a prisão violenta de D. Vital, em janeiro de 1874, e sua condenação a quatro anos de trabalhos forçados que o Imperador comutou em quatro anos de detenção simples numa fortaleza.

Mal sabia o Imperador que estava cobrindo com sua autoridade uma intriga odiosa e covarde contra êle proprio, destinada a minar seu prestigio na consciência católica da nação, a separar o episcopado perseguido e humilhado do seu governo, a arrancar-lhe o apoio da religião...

D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará, seguiu o mêsmo destino e recebeu a mêsma sentença. Dois anos após, D. Pedro II indultava os dois venerandos e dignos prelados.

Até 1879, a perseguição maçonica contra a Igreja, sustentaculo natural do trono, continuou fervendo. Em Belem, com a cumplicidade dum presidente de provincia maçon, as lojas amarguraram a vida de D. Macedo Costa, derrotando-o na suja questão da irmandade de Nazareth, em que estava coberto de razões, vaiando-o e humilhando-o publicamente. O grão mestre Saldanha Marinho, presidente do conselho de ministros de 1879 a 1880, declarara, maçonicamente, num discurso celebre: "Reivindico deante de vós e deante do Brasil a responsabilidade de combater por todos os meios morais para restringir o poder da Igreja Romana aos limites de sua jurisdição espiritual, afim de que a liberdade humana possa se afirmar em base solida no nosso país".

Que faltava ainda arrancar ao imperio, para atirá-lo ao chão? O apoio do Exercito, a força da Marinha e a base da vida economica.

As forças ocultas entram em ação. A pena venenosa dos Apulcro de Castro obedece ás ordens das trevas. A questão militar dia a dia se agrava. A politica procura diminuir o Exercito. O positivismo se infiltra através da cátedra na alma da mocidade, materializando-a, envenenando-a com o pacifismo, as chapas sectaristas das "pequenas pátrias", do "Grande Ser", do "viver ás claras", o despreso das tradições e o esforço em deprimir o Brasil, elevando o Paraguaí, meio de apagar a aureola da vitória e de condenar o apogeu a que a monarquia conduzira a nação, apogeu que, segundo as meias palavras de Fix, os Estados Unidos e a Inglaterra, isto é, os judeus, que os governavam ás escondidas, viam de mau humor.

A questão militar e a abolição, alienando do imperio, que já perdera, como vimos, as outras forças, o soldado e o fazendeiro, trouxeram a proclamação da republica e esta, através das primeiras comoções revolucionarias internas, trouxe a Burschenchaft, a *Bucha* paulista. O governo das forças secretas instalou-se no Brasil, dividindo-se em vinte Estados rivais com tendencias positivas a "pequenas pátrias".

A revolta, o crime de Canudos e os constantes pronunciamentos da Escola Militar e de outras tropas, um dêles sob o comando diréto do grão-mestre Lauro Sodré, levaram ao cúmulo a nossa desorganização militar. Quando conseguimos sair um pouco fóra dela e contar com alguma eficiencia nêsse sentido, uma epidemia de surtos revolucionarios nos salteou: 1922, 1924, 1930, 1932. O Exercito quasi se dissolveu na desmoralização politica geral. Antes, haviam creado sob o nome de policias, verdadeiros exercitos estaduais, que enfraqueceram e ameaçaram o Exercito Federal. Todas as traves de ligação do Brasil fôram quebradas; todos os laços de união, cortados. O exercito ficou sendo o derradeiro elo verdadeiramente nacional que nos restou. E' preciso, pois, acabar com êle, de maneira que o imperialismo capitalista ou o imperialismo sovietico, visando ambos a mêsma finalidade, não encontrem, no Brasil, óbice á destruição da pátria e, na America do Sul, barreira entre sua cupidez petrolifera ou sua expansão judaica.

A obra monstruosa da grande intriga aí está visivel: em 2 de outubro de 1930, os generais depuseram o presidente da republica e

o general que se opôs a isso foi morto pelos oficiais sob seu comando; em 27 de novembro de 1935, os oficiais se rebelaram contra seus comandantes e prepararam uma trama para aprisionar e fusilar todos os generais; amanhã — se o Integralismo não puder impôr ordem á nação — os sargentos matarão os oficiais, como alguns já fizeram; depois, os cabos liquidarão os sargentos; afinal, os soldados acabarão com os cabos... Será o cáos.

A Marinha tem sido morta no Brasil de inanição; marinha sem navios não é Marinha; o Exercito, a poder de veneno, covardemente. Ainda agora. Prometeram-lhe melhoria de ganho. Apregoaram a idéa pelos jornais. Nomearam uma comissão para organizar o reajustamento. Depois, com choves-não-molha, desculpas e tergiversações irritaram o Exercito. Acabaram dando o aumento, mas pondo em relêvo a situação dificil da nação e negaceando quanto ao aumento aos funcionarios civis. Qual o fim? Tornar o Exercito odioso á nação como estando a fazer exigencias em momento de aperturas. Crear incompatibilidades e desconfianças entre êle, o executivo e o legislativo... Separá-lo da nação. Torná-lo odioso ao funcionalismo como tendo obtido o que êste não obteve por não se achar armado. Dividi-lo dos funcionarios. Torná-lo antipatico a todos e, portanto, fraco, sem raizes na nação, sem alma, presa fácil do comunismo. O golpe de 27 de novembro mostrou o que o comunismo póde fazer do Exercito. E êsse exemplo não deve ser esquecido pelos brasileiros.

As forças secretas vêem de *máu humor* o crescimento do Brasil, sua maravilhosa colonia, e o impedem, defendendo a mamata. A libertação do Brasil depende da sua união; elas o dividem. Para isso, lançam mão de todos os meios.

Depois que, esquecendo seus mais sagrados deveres de brasileiros e de militares, alguns oficiais do Exercito se atiraram na amoralissima aventura comunista, as forças secretas assopraram á imprensa e aos comentadores e criticos de esquina ou café esta palavra de ordem: assoalhar nas rodas militares que o comunismo somente apareceu devido ao Integralismo, como reação a êste, e que, se acabando com o Integralismo, se acabará *ipso facto* com o comunismo; asoalhar tambem que o Integralismo com sua milicia quer acabar com o exer-

cito; assoalhar nas rodas civis que o comunismo é um produto exclusivo da ambição e indisciplina do Exercito, que, se não houvesse Exercito, não haveria comunismo, e que o remedio para não haver mais comunismo é extinguir o Exercito.

Avatar monstruoso e vil da grande intriga contra a Pátria! O Exercito Brasileiro, máu grado essa intriga, é ainda o unico laço forte de união nacional. Extingui-lo, será romper êsse laço e dar ganho de causa aos que desejam o esfacelamento do Brasil, aos que fomentam o separatismo e expõem até em livros as bases separatistas. O Integralismo cumpre seu dever, embora arroste todos os perigos, esclarecendo a consciência nacional sobre êsses manejos judaico-maçonicos. Brasileiros, meditai sobre estas revelações e orai e vigiai por vossa Pátria ameaçada!

Com a República, a riqueza produzida pelo café ameaçou de novo tornar grande o Brasil. Vejamos como outra grande intriga a arrazou.

A TRAGEDIA DO CAFE'

Alguem que assina "Lavrador Paulista", mas sabe admiravelmente onde tem o nariz, publicou uma série de artigos monumentais no "Diario Popular", de São Paulo, de 29 de junho a 5 de agosto de 1935, analizando "O drama da Lavoura Nacional". Êsses artigos tiveram a iniciá-los o seguinte trecho, que não podemos deixar de transcrever: "Em artigo recentemente publicado, que repercutiu largamente em todo o Estado e até na capital da República, esta fôlha referiu-se á existencia de um tenebroso plano de destruição da pátria brasileira. Tal plano está filiado á conspiração mundial que, pela subversão da ordem, aniquila todas as civilizações de tipo diferente daquela a que pertencem ou aspiram os conspiradores. O primeiro passo para alcançar êsses diabolicos intuitos é a destruição da ordem economica "O plano vem de longe", de muito mais lon-

ge do que se póde razoavelmente supôr, e vem sendo executado com uma paciencia e pertinacia dignas de melhor aplicação. Não pretendemos expôr aqui todos os fenómenos que o denunciam. Basta dizermos que êles se manifstam em todos os países e se estendem por todos os setores da atividade humana".

Mais um soldado de valor fórma nas nossas fileiras. Mais uma grande voz se junta á nossa para despertar a nação de sua atonía ante o perigo que lhe ameaça a vida. Mais uma inteligencia esclarecida reconhece conosco que êsse perigo é o judeu internacional, o parasita destruidor das economias e das pátrias.

Depois dêsse introito, o articulista passou a estudar toda a nossa chamada politica caféeira, afim de mostrar a terrivel ação judaica que nela se exerce em detrimento do Brasil.

Durante muitos anos, a lavoura caféeira prosperou socegadamente. São Paulo mandava seu café para o estrangeiro e recebia utilidades e ouro. Com parte do ouro adquiria aos outros Estados os produtos de que carecia. E a vida nacional estava equilibrada.

Mas o desenvolvimento da produção caféeira, com o tempo, demonstrou a possibilidade de formação de uma grande pátria cristã dêste lado do Atlantico, o que não convém á camorra judaica oculta por trás das nações. Quando o imperio chegou ao seu apogeu com a guerra do Paraguaí, a mesma possibilidade se deu. Então, de mãos dadas á maçonaria, o judaismo agiu e vimos a sucessão de fenómenos que culminou na proclamação da República.

Pois bem, a mêsma ameaça de grandeza que fôra o Imperio, se tornou o café em certo periodo.

Escreve o articulista do "Diario Popular":

"E' que o café entrava, assim, a fornecer meios para a formação de uma grande pátria, de tipo nitidamente cristão, que não tardaria em influir poderosamente nos destinos do mundo. Essa riqueza, creada pelo genio audaz de nossa gente, sem nenhum recurso estranho, tornou-se, por isso, odiosa. Fez-se mistér não só interromper o seu crescimento, mas extingui-la. Começou, então, a guerra sem treguas, que prossegue ainda em nossos dias, para seu aniquilamento. Insidiosa, a principio. Hoje, ás claras.

Para mostrar como a produção do café cresceu e nos beneficiou de modo formidavel, quando não teve intervenções a seu favor nem contra si, basta apontar as seguintes cifras: na década de 1891 a 1900, nosso saldo na balança comercial foi de 34 milhões e meio de libras; na de 1901 a 1910 de cento e cincoenta e quatro milhões!

Êsse desenvolvimento espantoso foi dando vida a parasitas e industrias, foi gerando novos elementos de troca e de circulação, foi permitindo a invenção de todos os truques possiveis para explorar a riqueza creada pelo lavrador. Em lugar dos modestos comissarios antigos, vieram os Armazens Gerais com suas emissões de "warrants". Nasceu a jogatina de bolsa. Amaram-se as arapucas. Cresceram os intermediarios de toda a especie. Todos os pulgões se instalaram para sugar o café seivoso. E, fiel aos principios da economia naturalista, o governo liberal cruzou os braços: "laissez faire — laissez passer".

A intromissão dêsses parasitas desorganizou os velhos e sérios costumes do comercio nacional, desviou para bolsos alienigenas parte do lucro, multiplicou as despesas do produto e chegou a influir no preparo e acondicionamento do mêsmo. Além disso, a creação de uma grande empresa portuaria, monopolizando a carga e a descarga, trouxe a diminuição dos lucros dos antigos trabalhadores no café e os problemas operarios com seu sequito de gréves e outras perturbações.

Outros elementos agiram na imprensa, agitando opiniões contrarias, lançando idéas novas, creando fórmas de bonzos financeiros. Complicou-se, assim, a vida caféeira. E os parasitas passaram a explorar consumidores e produtores, provocando com as falências fraudulentas as quebras dos comerciantes honestos.

Os comissários depostos pelos Armazens Gerais, tornaram-se compradores de café pelas fazendas. Os parasitas tambem. Daí a desordem no comercio interno, a luta. E, afinal, as famosas caixas de liquidação, a jogatina de alto bordo, a jogatina de espelunca, todos os meios de sugar o ouro negro nascido do suor do brasileiro ou do imigrante regando a terra roxa dos sertões paulistas.

A essa urubuzada miúda, que consegue perturbar, mas não acabar com a lavoura caféeira, sucede um dia a propria alta finança in-

ternacional. O grosso do exercito judaico entra em cena. As altas e baixas, as oscilações naturais entre a oferta e a procura, são ocasiões propicias para as suas manobras. Baralham as cousas. Enquanto seus agentes financeiros perturbam o ritmo das bolsas, seus agentes jornalisticos clamam, pela imprensa, a intervenção oficial em favor da lavoura e seus agentes parlamentares fazem o mêsmo. E começaram os emprestimos encalacrantes e os arrendamentos ou concessões de transportes, pondo em mãos judaicas a sorte de vastas regiões.

Crescem os emprestimos e crescem as taxas adicionais que oneram o produto. Mal o equilibrio se vai refazendo, graças ao aumento do consumo devido aos preços baixos, os agentes provocam as altas ficticias. Os preços triplicam, quadruplicam, em mêses. A jogatina é terrivel nas bolsas e os lucros correm para o bolso dos provocadores, que jogam com cartas marcadas.

Felizmente, a Caixa de Conversão impede a especulação no cambio. E' preciso entrar nêle tambem para arruinar o país. Como David Campista, é o seu defensor intransigente, o judaismo agita a politica, manobrando seus

titeres. Com medo de uma espada, morre o velho Afonso Pena, e o candidato militar, vai ao Catête. Bulhões, na Fazenda, acaba com a Caixa de Conversão. E começa o jogo do cambio a completar o jogo do café.

Com o protecionismo e a guerra européa, o judaismo cria a nossa indústria ficticia e adultéra nossos generos de exportação para nos correr a freguêsia depois do conflito. Os jornais a soldo das forças ocultas, se batem contra a alta cambial provinda do desaparecimento da Caixa de Conversão, fomentando a importação até que se dá a baixa ou, melhor, degringolada. E' a crise comercial. "Lavrador Paulista" escreve e chama a atenção para as suas palavras:

"E o comercio brasileiro que, digamos de passagem, *de brasileiro só tem o nome*, fica desacreditado em toda a parte."

O café aguenta ainda êsse repuxo. O judeu precisa acabar com êle. Fomentava por toda a parte as "autarquias" economicas. A' sombra delas, brotam os tributos mais terriveis contra o café. Então, através dos jornais, associados ou não associados, o judaismo sopra as

idéas de proteção ao café que culminam nos tragi-comicos Institutos. Dentro dêles se enchem nos cambios negros e quejandos negocios, os Rolim Teles e os judeus Wallace e Simonsen, tendo por trás os grandes abutres da finança internacional. E, sem esperar pelo acumulo de suas proprias taxas, os Institutos fazem emprestimos e se entregam, atados, ao judaismo sem pátria e sem coração. E eis o resultado: "Nestas alturas, deflagra-se a luta politica para a sucessão presidencial, que termina na convulsão de outubro de 1930. Tantos desatinos no terreno economico, acompanhados de muitos outros de diversa natureza, haveriam de dar em alguma cousa. Deram na desordem politica, da qual resultou apenas uma troca de figurantes..."

A politica do café continuou na mêsma. Nós, retendo as safras á custa da lavoura escorchada, ou queimando o nosso café, e os judeus plantando café, em outros países, como fizeram com a borracha do Amazonas, com o assucar de Cuba, as frutas da America Central e vão fazer com o algodão. Em 1910, produziamos 9 milhões e meio de sacas contra tres

milhões e meio do resto do mundo; hoje, são dezeseis milheios e meio contra onze milhões. Os outros vendem toda a safra; nós vendemos "a diferença entre o consumo e a produção dêles... e queimamos o resto".

Depois de estudar detidamente as "brocas" financeiras do café paulista, o autor dos belos artigos do venerando "Diario Popular", detem-se em esmiuçar as ultimas injeções de morfina, isto é, os ultimos emprestimos da usura judaica, concluindo com estas patrioticas palavras: "E ha gente separatista nesta terra. Ha. Porque tambem estão a serviço do "plano"!".

Os artigos de "Lavrador Paulista", deviam ser tirados em folhetos e distribuidos ao público. Deviam ser lidos e comentados em todas as escolas. O brasileiro precisa ser instruido sobre a mola secreta das cousas, precisa conhecer a razão de certas atitudes e campanhas, precisa capacitar-se de que seu verdadeiro inimigo — como o de todos os povos — é o judeu internacional, afim de defender-se e de libertar-se.

E ha gente que ataca o Integralismo, fingindo-se contrária ao capitalismo internacional

e dizendo que nós somos páus mandados dêsse capitalismo; e ha gente que não nos suporta e condena, sobretudo, o nosso antisemitismo, afirmando que Hitler nos paga. Ha, Por que?? Porque tambem, estão a serviço do "plano"!...

REAJUSTAMENTO MORAL

Ha um pouco mais de meio seculo, o Japão era um país pobre e inteiramente incógnito, sem a menor sombra de prestigio no concerto ou, melhor, desconcerto dos egoismos internacionais. Um homem de fibra fóra do comum, um dos maiores vultos da história contemporánea, talvez a maior figura de seu século, o Mikado Mutsuhito, compreendeu que precisava impôr-se ao mundo, afim de viver tranquilo e de resolver em proveito de sua pátria os problemas vitais do Pacifico. Bastava já a afronta duma esquadra inglêsa bombardeando Kagoshima, deante dos bravos Samurais lividos de raiva, mas impotentes nas suas couraças de escamas. Para que isso se não repetisse, era necessario armar-se, ser forte moral e materialmente, fazendo-se respeitar. Para se armar, porém, havia necessidade de dinheiro.

Então, deu no velho Japão aquela guinada de leme que se chama a Grande Reforma. Impulsionou o desenvolvimento das forças economicas nacionais e administrou o país de tal sorte que êle progrediu de maneira assombrosa. No mapa do Grande Oceano, faz uns trinta e cinco anos, entre os dois colossos, separados pelas ondas e apontados a dêdo por toda a gente, o Império Russo e os Estados Unidos, começou a surgir, como escreve Joséph Barthélémy "un audacieux petit homme, le Japon". Êsse aparecimento tornou-se mais notavel quando estourou a guerra entre o arquipélago dos Samurais e a China. Então, a Europa verificou com espanto que não estava mais sozinha com os iánquis nas vastidões do Pacifico. Alguem se erguia a reclamar tambem sua parte ao sol. E essa transformação japonêsa só póde ser denominada com o termo que lhe aplicou Maxence Bibié — MIRACULOSA.

A velha e manhosa diplomacia européa, a serviço das forças ocultas judaico-maçonicas, sentiu o perigo da grandeza niponica e resolveu entravá-la. Capitaneadas pela Moscovia tzarista, as potencias deram o basta na questão chinêsa e não consentiram que o japonês obtivesse tudo quanto pretendia. Um grande comentador de cousas internacionais escreveu a propósito: "Tranquilamente, sem que uma centelha lhe passasse pelas pupilas, o Samurai inclinou-se. Embainhou o sabre e cuidou de outra cousa. Todavia, se a gente de Petersburgo pudesse ler através dêsse sorriso, compreenderia que, dentro de um dia, de um século, ou de 10 anos, na primeira encruzilhada diplomatica, êsse Samurai tão bem educado se atiraria sôbre ela e vingaria a injúria feita ao Filho dos Deuses, com muito sangue". E a guerra que esmagou a Russia nos plainos da Mandchuria e nas ondas de Tsushima foi o segundo e definitivo degráu da ascensão do Imperio Niponico para o ambicionado e limitado ról das pretenciosissimas Grandes Potencias, atrás de cujas caudas anda de rastos o mundo...

A verdade é que o Japão com suas deficiencias de territorio, sua superpopulação, sua falta de ferro e outros minerais, seu carvão de pessima qualidade e seus violentos terremotos, fala de igual para igual á Grã-Bretanha, aos Estados Unidos, á França, á Alemanha e á Italia. Não é possivel que êsses povos cheios de soberba e de preconceitos sintam grande prazer

nisso; porém os cabôclos do arquipélago do Sol Nascente teem um exercito de primeira ordem e a terceira marinha de guerra do globo...

A lição niponica, por ser a dum povo fóra do ámbito europeu, devia ser o nosso espelho. Não é, porque não temos tido governo nacional, porém agentes de politicagem ou das forças ocultas na direção do país. Será o nosso espelho no Estado Integral. Nós temos mais elementos para um surto ainda mais miraculoso do que o japonês. Possuimos ferro e carvão. Possuiremos petroleo. Temos de regularizar a nossa vida economica e de nos libertarmos da escravidão aos banqueiros internacionais. Então, nos armaremos para sermos respeitados como devemos. A história e a experiencia de cada um mostram claramente que, entre os póvos como entre os homens, só vale quem tem — como diz o rifão popular. Os ideais pacificos e não pacifistas são admiraveis e devemos prégá-los, porque êles irão pouco a pouco polindo as gentes; mas entricheirar-se nêles e deixar-se cegar por êles, enquanto por toda a parte trabalham egoismos sem entranhas e fervem competições sem escrupulos, ou é ser imbecil ou é agir de má fé a soldo do judaismo, porque

é contribuir para deixar seu país inerme, exposto á diminuição de capacidade e a tragar os peores insultos. No dia em que o Brasil, envolvido sem querer nas malhas duma conflagração, ou ameaçado por qualquer esquadra cobradora de dividas escravizantes, sofrer as duras consequencias da falta de patriotismo de seus administradores, da estupida voracidade de suas holoturias politicas, de não se ter feito caso das advertencias do bom senso e de nada se ter aprendido com admiraveis lições contemporáneas como as que as ilhas do Mikado nos dão, aí choraremos lagrimas de sangue e veremos quanto foi horrendamente prejudicial aos nossos destinos a indiferença dos poderes publicos ante o nosso desarmamento, a insidiosa e vil propaganda do pacifismo cretino dos positivoides ou do pacifismo dissolvente dos agentes comunistas.

Indiferença e pacifismo de encomenda. O povo, em geral, só vê a fachada dos governos. Nós, Camisas Verdes, já estamos instruidos de tal sorte que sabemos vêr o que se passa por trás dela, as forças ocultas puxando os cordeis dos titeres que se apresentam aos olhos do Brasil como lideres parlamentares, ministros e

chefes de governo. Isso é tão verdade que, quando êsses bonécos de engonço são postos de lado pelos seus manobradores, nunca mais conseguem nada. Nem se fala no nome dêles. Incapazes de escrever um livro de valor, de pôr sua palavra ou sua pena a serviço de qualquer idéa nobre, constrangidos ao silencio, porque teem culpas secretas no cartorio daquelas forças, seu fim é vegetar na mais triste mediocridade. Os exemplos são ás dezenas.

Relembro a lição niponica para fazer vêr aos brasileiros a imprescindivel necessidade de colocar nossas forças armadas em situação de eficiencia tanto material como moral. Nosso Exercito e nossa Marinha serão as bases de aço do futuro Estado Integral, que as porá numa altura moral tão grande que lhes não chegarão mais os respingos da politiqueira e a baba das intrigas peçonhentas. Somente êsse Estado estará em condições de dar ás Forças Armadas um papel social que elas não teem na dissolução da Liberal Democracia.

Olhemos o exemplo do Japão de Mutsuhito como um grande ensinamento, sobretudo nêste instante de incertezas e mesquinharias, em que a teia das intrigas levou o Exercito á

encruzilhada dificil do Reajustamento. O Exercito Brasileiro é a grande tradição de Unidade da Pátria. Num país em que tudo se tornou estadual, regional, o Exercito é a maior, senão a unica, força verdadeiramente nacional. Eu, que o tenho amado nas suas glórias, que o tenho exaltado com a minha pena, na medida de minhas energias, que lhe tenho cantado os feitos e as dôres, que tenho ressurgido suas tradições esquecidas, sinto profundamente, como ferida grave no meu coração de brasileiro, os manejos com que os conluios secretos vão minando e dividindo a derradeira ossatura que aguenta a unidade nacional.

As necessidades materiais do Exercito e da Marinha deveriam ser compreendidas e resolvidas pelo poder público de modo tal que não estivessem sujeitas á exploração dos jornais escandaloses; de fórma tal que jámais fôsse necessario partir uma reclamação de qualquer especie dessas corporações de caráter sagrado para a Nação.

Não são o Exercito e a Marinha que precisam de reajustamento de vencimentos. E' a Nação Brasileira, desmembrada, desmoraliza-

da, descurada e despistada que carece com urgência dum *reajustamento moral*. E, para isso, na consciência nacional só ha uma esperança: — o Integralismo!

A GUERRA DE RAÇAS

Dêsde que os negros de Henrique Dias, os indios de Camarão e os brancos de Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira derramaram juntos o seu sangue, em defesa do mesmo ideal brasileiro, nos campos das Tabocas e dos Guararapes, até os tristes dias que estamos vivendo, nunca os filhos desta grande e infeliz pátria repararam na côr da pele ou na qualidade do cabelo uns dos outros. Pela sua história, séculos além, prolongára-se o abraço fraternal das três raças unidas contra o mercenário invasor pago pelos judeus de Rotterdam e de Amsterdam. O Brasil era dos brasileiros e os brasileiros só tinham uma mêsma côr, a côr do Brasil. Passados eram os tempos da conquista em que se caçavam indios, passados seriam mais tarde os tempos do Tráfico em que se traziam os negros da Africa, passada seria ainda a Escravidão. E o Brasil se plasmaria, ao influ-

xo das tres raças, na mêsma comunhão de afé-
to, de pensamento e de sangue vertido na are-
na dos combates, do monte das Tabocas ás mar-
gens do Aquidaban.

Lentamente, o indio fôra entrando na co-
munidade brasileira. O negro fez parte da do-
mesticidade e da familia. O leite da Mãe Pre-
ta tornára-o colaço do branco. E os cabôclos,
creoulos, mamelucos, cabras, pardos, mulatos,
curibocas e cafuzes encontraram sempre aber-
tos todos os caminhos.

Além da posição geografica contrária aos
Estados Unidos, nós ostentámos deante dêles
a diferença ainda maior da nossa falta absolu-
ta de preconceitos de raça e de côr. Não afas-
támos de nosso meio o descendente do indio e
não tornámos num achincalhe a negrura do
preto. Lembramo-nos sempre do indigena, do-
no do país, auxiliar do sertanista, catecúmeno
de Anchieta e o tratámos como irmão. Recordá-
mo-nos sempre de negro arroteador das matas
virgens que ensopou de suor as plantações das
grandes fazendas da velha aristocracia rural e
o integrámos, sem limitação, na vida brasilei-
ra. O homem de côr esqueceu-se da sua côr e
galgou todos os postos na paz e na guerra, na

diplomacia e na ciência, nas letras e nas artes,
na politica e na governação. E o escritor ame-
ricano Johnson, autor do livro "The Negro in
the New World", verificando êsses fátos, de-
clarava que o homem de côr podia atingir ás
mais altas posições, tanto assim que o sr. Nilo
Peçanha, um "euro-africano" legítimo (tex-
tual) chegára a presidência da República.

O contraste com os Estados Unidos salta
aos olhos. Lá o negro é um réprobo social. Vi-
ve á parte e sofre perseguições. Por isso, ao in-
vés de desaparecer no seio da civilização norte-
americana, é um quisto espantoso destinado a
rebentar mais dia menos dia. Sabendo disso,
os agitadores comunistas do mundo têem pro-
curado lançar mão dêsses dez milhões de pá-
rias, afim de conduzí-los ao assalto da ordem
pública, estabelecendo os sovietes iánquis com
os judeus a dirigí-los embiocados no rótulo:
Ditadura do Proletariado.

A mêsma ação maléfica quer estender-se
sobre nós, fomentando aqui o problema das ra-
ças, que nunca existiu no Brasil, envenenando
os homens de côr, que são a maioria da nação
e não uma minoria isolada e oprimida como nas
terras do Norte. O plano merece reparo pela

infamia de que está sobrecarregado e pela feição monstruosa de que se reveste em relação a um país como o Brasil, onde o odio de raça nunca teve guarida.

Na sua loucura vã de dominio universal, os autores dos famosos "Protocolos dos Sábios de Sião" programaram a guerra das raças, depois da guerra social, da guerra civil e da guerra politica, como um dos ultimos estalões para a conquista daquêle dominio. Os tempos vão se encarregando de demonstrar a veracidade dêsses "Protocollos" como a realização do esquema nêles traçados. O judeu atirou as nações no incendio da Grande Guerra, atirou os partidos, dentro das nações, ás guerras civis (as ultimas efetuaram-se no Brasil, Argentina, Perú, Grecia, etc.), atirou as classes nas guerras sociais (lá está o exemplo de Cuba) e agora pretende atirar as raças umas contra as outras dentro da mêsma pátria. Divide e imperarás! Divide, mêsmo derramando lagrimas de mães, suor de agoniados, sangue de martires!...

Ha nos Estados Unidos uma organização de defesa dos homens de côr denominada "American colored men Association", que hoje se acha intimamente ligada a Moscovo, de

onde recebe fundos e instruções para propagar o comunismo entre os negros pobres e incultos da America do Norte. Ultimamente, as ordens dadas a essa associação, fôram de fazer essa propaganda entre os negros das colónias européas da Africa e os homens de côr do Brasil. A direção geral dessa campanha de larga envergadura foi entregue, num Congresso Internacional de gente de côr, realizado o ano passado na Russia, a um negro, que era delegado da Africa Inglêsa, o sr. Bell.

Decidiu-se no mêsmo congresso que o trabalho referente ao Brasil ficaria a cargo da legação sovietica em Montevidéu, devendo a ação ser intensificada sobretudo nos nucleos negros do Rio de Janeiro e da Baía. Com êsse fito, varios agentes sovieticos-judaicos vieram ao nosso país, acobertados sob a capa de comissários comerciaes de uma agencia de compras para o governo russo, a qual funcionava em Porto Alegre.

Ao tal congresso, compareceu um delegado da colonia portuguêsa de Angola, norte-americano de origem, que fala o inglês e o português admiravelmente. Foi êsse o escolhido para chefiar interinamente a ação bolchevizan-

te entre os negros do Brasil. Para êsse efeito, o Governo Sovietico já se articulava convenientemente com muitos elementos do nosso conhecido Bloco de Operarios e Camponêses, com as células comunistas do país, com os judeus que nos invadem as cidades e com a Confederação Geral do Trabalho no Rio de Janeiro, Niteroi, São Paulo, Baía e Porto Alegre. O serviço está sendo executado de modo eficiente e seguro por meio de contátos dirétos e secrétos. Para essa obra miseravel no setor brasileiro, Moscovo destinou um crédito, arrancado ao pobre operario russo, de 250.000 rublos ouro, isto é, cerca de 2 mil contos de réis, que ficou á disposição da legação sovietica em Montevidéu.

Nós, Integralistas, queremos unir sob a mêsma bandeira, com o mêsmo sinál de somação, debaixo do pano verde de nossas camisas, fazendo-os marchar no mêsmo ritmo seguro e entusiasta, todos os brasileiros, nossos irmãos. Não os dividimos por Estados, partidos, castas, classes, seitas, credos religiosos, sangue ou côr da pele. Unimos todos no mesmo amplexo fraternal, na mêsma idéa de um Brasil maior e melhor, livre de lutas, de facções e de

judeus internacionais sugadores das economias do povo. Pois bem, contra nós o judaismo internacional desencadêa suas iras e obriga os cúmplices que tem ás ordens a arranjar uma "lei de segurança"... Contra os manejos miseraveis daquêles que não trepidam em querer dividir os brasileiros, aliás, já tão divididos, pela côr da sua pele, não se toma providência alguma. Dêsde fins de 1934 que êles agem "secretamente" á vontade...

O Brasil não será, porém, esmagado pela pata do urso moscovita a serviço dos Rothschilds "et reliquae"... O Brasil não quer ser mais uma COLONIA DE BANQUEIROS. O Povo Brasileiro não é preto, nem branco, nem vermelho, nem amarelo. E', simplesmente, o Povo Brasileiro. Antes dos Sovietes, o ditador Lopez pretendeu tambem sublevar os negros e pardos do Brasil. Pardos e negros uniram-se como no campo dos Guararapes e o levaram na ponta das baionetas até a beira do Aquidaban, onde perdeu a vida. Brancos, indios, negros, mestiços, hoje, todos, ó mandatarios de Rotschild, só teem uma côr, a Côr Verde de uma Camisa Gloriosa, e, vestidos com ela, todos vos varrerão do cênario nacional e da me-

mória nacional, bem assim os vossos amos e senhores do Kahal Kadosh de Londres! Nós, Camisas-Verdes, só temos um senhor, que é o Brasil, só temos um amo, que é Deus! Homens assim não temem as vossas leis, fruto de manobras judaicas como denunciou o "Correio da Manhã". Seus corpos podem ser presos ou castigados. Suas almas serão sempre livres. As vossas almas, ao contrario, são almas de escravos, ó infelizes!

LIBERDADE

Não ha palavra que tenha sido mais empregada sem significar nada, embora na essencia signifique muita cousa. Por isso é que Henri Bergson disse: "A liberdade é um problema falso".

Que se entende por liberdade? Qual o verdadeiro sentido da palavra liberdade?

Em primeiro lugar, tem dois sentidos: o teorico e o pratico. No teorico, a liberdade abarca o mundo. No pratico, fica adstrita ao campo individual. Em ambas as acepções, é limitada. No universo, pelas leis naturais. No homem, por essas e pelas leis da sociedade em que vive. Tanto num como no outro ámbito, a liberdade é relativa, condicional, limitada.

O universo, submetido a leis naturais e fatais, não tem liberdade. E' um relogio que obedece á corda que lhe foi dada por um relojoeiro. Os materialistas reconhecem a existen-

cia do relogio, mas negam a do relojoeiro. O relogio creou-se e move-se por si mêsmo. Os positivistas reconhecem a existencia do relogio e se absteem de indagar da do relojoeiro. Os espiritualistas afirmam a existencia de ambos e chamam ao relojoeiro Deus.

A liberdade do homem como animal, como ser vivo, não póde ser absoluta, porque falta liberdade absoluta ao universo, do qual êle é parte. E' parte, sim, quanto á realidade sensivel. E, assim, sua liberdade é limitada pelos meios naturais de que dispõe e pelas condições ambientes em que vive.

Fóra da realidade sensivel, porém, existe uma realidade que não é sensivel e sómente perceptivel para a alma humana que dela participa. Nessa região, é que se pode exercer a verdadeira liberdade do homem. Nem todos os seus gestos e átos na vida emanam de sua liberdade. Todavia, seus átos essenciais, na escolha entre o Bem e o Mal, dela emanam.

Sem a liberdade, compreendida como deve ser, liberdade moral, liberdade não do *individuo* e sim da *pessôa* humana, não haveria responsabilidade. E sem responsabilidade não se poderia aplicar nem a justiça humana nem

a justiça divina. O conceito da Igreja exprime uma verdade eterna: *Ubi spiritus Dei ibi libertas;* onde está o espirito de Deus aí se encontra a liberdade.

Os racionalistas querem que todos os átos humanos resultem do jogo de causas proximas ou remotas. No fundo, são ditadas pelo determinismo. Entretanto, são obrigados a fazer continuamente certas concessões aos instintos e á moral.

Por que o universo está privado dessa verdadeira liberdade e o homem não? Porque Deus determinou leis imutaveis para o universo, enquanto que soprou uma alma aos homens, nêles acendendo uma centêlha divina, uma *consciência.* O determinismo é meramente cosmico; a liberdade moral é divina: *ubi spiritus Dei...* Mas quem não nos dirá que é a nossa miopia mental que não encherga uma consciência, uma liberdade nas maravilhas siderais do Cósmos?

Jacques Tréve, por exemplo, diz: "O mundo se move em *absoluta liberdade,* magnificamente. Ordem não implica escravidão. Pelo contrário, implica uma inteligencia perfeita e perfeitamente livre. E' livremente que os

astros, obdecendo á sua vontade interna, traçam suas órbitas maravilhosas. Unicamente na nossa miopia existe o mecanismo universal. Uma visão mais larga e uma logica mais segura nos darão a chave do misterio".

A ser verdade que a *inteligencia das cousas* não esteja fóra delas, mas seja intrinseca, em parte alguma do universo haveria o determinismo cégo das leis naturais e fatais, porque em todo êle resplandeceria a liberdade em Deus!

Entretanto, o que o comum dos homens entende por liberdade é a falta de ordem, a ausencia de ritmo perfeito, o abuso da mêsma liberdade, a licenciosidade e a licença. Aí está todo o mal. Não querendo sujeitar-se voluntariamente, racionalmente, inteligentemente ás disciplinas morais e ás disciplinas universais, o homem pensa ficar livre e se torna o peor dos escravos, o escravo do proprio abuso. E os seus males individuais crêam os seus males universais.

Qual o remedio?

E' ainda Jacques Tréve que o indica: "As sociedades humanas devem compreender que se teem de organizar pelo modelo das gran-

des sociedades cósmicas, dos sistemas solares, os quais realizam a perfeita liberdade, não na anarquia revolucionaria, porem na harmonia hierarquizada. Que força livre realiza êsse milagre? A gravitação, responde-nos a ciência. Na humanidade, a gravitação chama-se Amor. Renasçamos para o Amor, E, na suave servidão voluntaria que nos propõe, os individuos, os povos e as raças renascerão para a alegria divina da Liberdade".

Da verdadeira Liberdade! Em Patmos, o misterioso Presbitero João respondia a todas as perguntas de seus discipulos com êste eterno lema: "Meus filhos, amai-vos uns aos outros!" A base moral do cristianismo repousa na liberdade do amor de Deus e dò amor ao proximo como a si mêsmo. E o grande poeta da idade-média definiu Deus como o Amor que move o sol e todas as estrelas.

Pregando a ordem, a hierarquia, a disciplina, a sujeição voluntaria, consciênte e inteligente, ás leis morais, combatendo o determinismo materialista do marxismo e a licença do demo-liberalismo falso, batendo-se pela organização da sociedade de acordo com as

harmonias eternas dos movimentos universais, o Integralismo afirma a verdadeira Liberdade.

Pregando, segundo a palavra do Chefe Nacional, a técnica de Cristo em contraposição á técnica de Sorel, isto é, a Revolução Interior contra a Revolução Exterior, a Revolução Espiritual contra a Revolução *unicamente* Politica ou Economica, o Integralismo afirma o Amor.

O Liberalismo é tão somente afirmação do individuo, afirmação de *liberdades individuais* contra a verdadeira liberdade. Todas as liberdades são permitidas ao individuo e chamam-se *liberdades públicas*. O limite que se lhe impõe decorre dum conceito falso que encheu a oratoria demagogica do seculo XIX: "A liberdade dum cidadão termina onde a liberdade de outro cidadão começa".

De fáto, o que ocorre é o seguinte: os individualismos mais fortes se afirmam com mais força sobre os invidualismos mais fracos; e onde começa a liberdade dos que dominam termina de vez a liberdade dos que são dominados. Senão vejamos dois exemplos concretos: um homem pobre possúe uma pequna casa de residencia. Ao seu lado ou á sua frente,

um homem rico levanta uma arranha-céu que lhe tira a vista, o ar, a luz e o calor do sol. De que lhe serve a liberdade de tambem poder erguer um arranha-céu no local de sua casa, se não possúe meios para isso? Na verdade, a sua liberdade de gozar a sua propriedade terminou e começou a liberdade do proprietario do arranha-céu.

Um pequeno comerciante localiza-se em em certo local e com o correr dos anos adquire bôa freguezia. Organiza sua vida e constitúe família. Vem outro comerciante que dispõe de mais recursos e propõe-lhe a compra do negócio, seduzido pela freguesia e pelo ponto. O outro recusa, pois não quer tentar estabelecer-se noutra parte. Então, o rival se estabelece perto ou defronte dêle e começa a fazer-lhe concurrencia com vantagens de preços, devido ao seu maior capital ou á sua falta de escrúpulos. De que serve a liberdade de comercio ao pequeno negociante que se asfixia? A sua liberdade terminou e começa a liberdade do concurrente tomar-lhe os freguêses.

Todavia, num regime em que o proprietario e o pequeno comerciante não estivessem *individualizados* dentro das famosas *liberdades*

públicas, mas se enquadrassem nas suas corporações respectivas, essas os defenderiam, não permitindo fôssem espoliados do que haviam conquistado e estavam fruindo. Uma impediria a construção do arranha-céu. A outra indicaria outro local para o negocio do concurrente mais poderoso. E as liberdades das duas vitimas da *liberdade* estariam garantidas.

Nos tempos do absolutismo monárquico, havia mais garantia de liberdade, tanto assim que o moleiro de Sans Souci fazia respeitar o seu moinho pelo rei da Prussia, lembrando-lhe que ainda havia juizes em Berlim...

A liberdade do liberalismo não é mais do que a permissão do crescimento e hegemonia dos mais fortes em detrimento dos mais fracos. Por isso, assistia grande razão a Lenine para condená-la com raiva, declarando que á sombra da liberdade se tínham organizado todas as tiranias.

E' curioso, pois, que, havendo o sumo sacerdote da seita comunista condenado furiosamente a liberdade, seus propagandistas vivam pregando demagogicamente a liberdade... Foi a última degradação a que sujeitaram essa palavra inteiramente sem significação real no

sentido em que a empregam... O século XIX a achava divina; mas já nêle Carlyle escrevia: "A liberdade, quando se torna liberdade de morrer de fome, não é nada divina!..." E concluía: " A liberdade exige nova definição!"

E' essa nova definição de liberdade dada pelo Integralismo que o liberalismo não póde compreender e que o comunismo não quer compreender...

IGUALDADE

A igualdade no sentido em que é pregada pelo liberalismo é a maior das mentiras.

Não ha igualdade no universo. Os corpos planetarios são desiguais. Não ha na natureza duas fôlhas iguais. Os homens são inteiramente desiguais, materialmente e espiritualmente. Ha cousas e homens análogos, parecidos, semelhantes, mas não iguais. Aliás, se houvesse a igualdade, não haveria o universo. A propria palavra universo, que quer dizer *diversidade de manifestações em unidade de essencia*, demonstra isso. A humanidade obedece em tudo á diversidade de manifestações com unidade de essencia.

A igualdade dos homens perante a lei é uma burla, porque se julgam do mêsmo modo criaturas diferentes. Essa igualdade preconiza em teoria uma justiça social e, em verdade, cria na prática uma injustiça social. Tanto

assim é que o legislador, quando sái do ámbito do direito constitucional, do direito civil ou do direito comercial e entra no ámbito da aplicação definida do direito penal a casos concretos, abandona o criterio da lei igual para todos e adota o da lei desigual para todos. Não havendo dois crimes iguais e dois criminosos iguais, o equilibrio da justiça tem de ser restabelecido em cada caso pelo jogo das circunstancias agravantes e atenuantes.

Se um cidadão diz: — "Tenho seis filhos em casa e ganho somente 400$000 por mês. Não posso viver com isso. Mas Fulano ganha os mêsmos 400$000 e vive regularmente, porque é solteiro", o Estado liberal forçosamente tem de responder-lhe, de acordo com a pureza de sua doutrina individualista: — "Nada posso fazer. A lei é igual para todos".

Prendam-se num espaço fechado um boxeador e um homem franzino, declarando-os em igualdade de condições, é facil adivinhar o resultado da luta. E' essa a luta que se processa, na pratica, pela *igualdade teorica perante a lei*, no campo da democracia-liberal. Resulta dela o mêsmo que do conceito da liberdade de um terminar onde começar a liber-

dade de outro: os fortes esmagando os fracos, fatalmente.

Como a liberdade, a igualdade é uma ilusão. Ambos levam o homem ao estado natural, aos lobos contra lobos de Hobbes. Violadas ou iludidas as fracas sanções da obrigação teorica de respeitar os direitos alheios, a igualdade se torna a causa de todas as perturbações sociais, de todos os desequilibrios que vão gerar as revoltas contra os abusos que ela propria permitiu se creassem. A prova é que, sob a bandeira da igualdade, se processou a mais profunda, terrivel e calamitosa divisão social de que ha noticias, entre o Capital e o Trabalho, entre os que exploram e gozam, e os que são explorados e padecem. E, como se a cegueira dessa igualdade criminosa fôsse definitiva, as classes sofredoras se deixam embalar pela ilusão ainda maior duma igualdade teorica ainda mais lata: a igualdade impossivel do comunismo.

Os homens somente são iguais na sua essencia. Todos teem direito a ser tratados dignamente como pessôas. Mas, na organização pratica da sociedade, a unica igualdade possivel é a correspondente aos valores, aos direitos e aos deveres. A uma igualdade de valores corresponde uma igualdade de direitos e a uma igualdade de direitos corresponde uma igualdade de deveres.

Isto quer dizer que, só tratando os individuos, que são desiguais, desigualmente, se poderá impôr uma verdadeira justiça social. Em toda a obra do judeu Mardoqueu, vulgo Karl Marx, talvez a maior verdade seja a contida nesta pouco citada frase sobre a igualdade: "E' preciso que o direito seja desigual e não igual". Êste é um dos fundamentos da doutrina marxista. E os comunistas, quando apregôam a igualdade no seu regime, ou mentem pela gorja ou não sabem o que estão dizendo...

FRATERNIDADE

Para amar, é necessario conhecer. Não se ama aquilo que se não conhece. E ama-se mais o que está mais perto de nós. O juizo do povo é admiravel: "longe dos olhos — longe do coração".

A humanidade, no seu conceito geral, está longe de nós. Por isso, a expressão *fraternidade universal* é vaga e romantica, não exprimindo absolutamente uma realidade. Com o senso divino da realidade humana, Jesus Cristo preceituou: "ama ao *proximo* como a ti mêsmo!"

O proximo é aquêle que está junto de nós, junto de nossos olhos, mais susceptivel, portanto, de estar junto de nosso coração. Quem ama ao proximo ama naturalmente a quem conhece. E êsse amor, no seu desenvolvimento natural, é capaz de ir se estendendo pouco e pouco aos que estejam mais afastados.

E' o amor da nossa familia que nos leva a amar, de certo modo, as outras familias da nossa gente. E' o amor do pequenino rincão onde nascemos e fomos creados que nos leva a amar a religião onde êle está situado, e o amor dessa região que nos leva a amar a pátria da qual essa região faz parte. Eis porque, quando alguns sentimentos separatistas abrolham sinceramente, depois de graves injustiças cometidas pelo todo nacional, exprimem uma mágua patriotica, um amúo de filho que se revolta por ter sido injustamente castigado. A infamia está em provocar êsses sentimentos e em explora-los vilmente contra a unidade da nação.

A fraternidade perde-se no indeterminado. O amor ao proximo tem objeto determinado. A fraternidade é imprecisa. O amor ao proximo é preciso. A fraternidade é uma fórmula. O amor ao proximo é um mandamento.

Profundamente cristão, o Integralismo prega o amor ao proximo que leva ao amor da familia, ao amor da pátria e, por último, ao amor da humanidade, ao invés da fraternidade que se perde no tempo e no espaço.

COMPREENSÃO E AMOR

Integralismo é compreensão. Só quem compreende a doutrina integralista póde ser integralista consciente. Ha muitos modos de compreendê-la. Ha a compreensão pelo estudo de seus pontos basicos e a comparação com o liberalismo e o comunismo. Ha a compreensão pela graça do sentimento. E ha ainda, a maior, a compreensão pelo amor.

Uns estudam nossos livros, ouvem nossas conferencias, lêem nossos jornais e compreendem o que queremos. Então, se decidem e formam conôsco. Outros sentem as dôres da nossa pátria escravizada e judaizada, experimentam as mêsmas angústias que experimentamos, se estorcem no mêsmo sofrimento e, com a alma a transbordar de emoção, correm para as nossas fileiras.

Mas o grande exercito verde, o que marcha do fundo do interior, composto dos homens

humildes do campo, tão abandonados e tão explorados, êsse vem para nós pelo amor instintivo do Brasil. Êsses homens rudes e descalços vivem em permanente contáto com a terra brasileira, vivem familiarmente com o chão, o rio, a grota, a serra, a mata verde, o céu azul rendilhado de nuvens brancas, o céu negro pontilhado de pingos de luz. Suas narinas haurem o efluvio das campinas floridas e das florestas que acordam aos beijos do sol. Seus olhos demoram longamente no esplendor solitario e silenêioso das vastas paisagens. Sua bôca conhece o gosto acre das frutas silvestres e o mel dos favos das jatis e das jandaíras. Suas mãos remechem os folhiços, apalpam as madeiras tocam nos animais, escarvam as glebas atorroadas com os encaroçados dêdos, negros e torcidos como raizes, arrancando da sua fertilidade os tuberculos e os frutos, enterrando no seu seio as sementes das mésses futuras. E os seus pés rachados pelo calor ou pelo frio como a lama dos massapés, riscados de talhos pelas arestas vivas das pedras, crivados de furos dos estrepes, cosidos de cicatrizes, muitas vezes até mordidos de cobra, pés, que são o obscuro poema dum herói silencioso dos sertões, pisam o

chão do Brasil dia e noite, em pleno campo, em plena estrada, em plena casa, porque as habitações são de terra batida.

Pelos olhos que vêem, pelos ouvidos que ouvem, pelos lábios que provam, pelas mãos que empunham o cabo do alvião ou da enxada, ferindo a terra, pelos pés que a calcam, a pisam e se cobrem com a sua poeira, parece que nêsses homens penetram as forças telúricas da nossa pátria, as correntes vivas da terra, aquelas *erzstrahlen* de que falam certos sábios alemães.

O homem da cidade está afastado da terra brasileira. Perdeu o contáto diréto com ela. Sente-a pela inteligencia. Não a sente pelo instinto e pelo amor. Tudo o separa dela. Os rumores urbanos fazem com que esqueça o gemido das fontes, o gorgolejo dos rios, o canto dos passaros e a taboada da saparia no pántano. O cheiro da gazolina, dos oleos, dos asfaltos e dos perfumes raros apagaram no seu olfáto o das veigas enluaradas, das pradarias batidas de sol ou das matas que adormecem ao crepúsculo. O gôsto das iguarias cosmopolitas embotou-lhes o paladar. Suas mãos não tocam mais o chão, os troncos, as fôlhas, os bichos. Seus pés teem sempre entre êles e a terra a sola do sapato, a meia, o assoalho, o ladrilho, o paralelepipedo e o lençol de asfalto.

O outro não sabe lêr. Não compreende porque não estuda. Compreende porque ama. O seu instinto lhe diz que a doutrina nova será a salvação. Êle dá-se á doutrina nova e morre heroicamente por ela.

Por que?

Porque o pombo correio, lançado ao espaço, gira sobre si e, sem búsola. encontra a direção de seu pombal. E' o instinto do amor pelos filhos.

No homem do campo, é o instinto do amor pelo Brasil.

Justamente por ser amor é que o Integralismo é construção. Somente quem ama é capaz de construir. O odio é destruição. Reparai como nas épocas de decadencia social, de materialização, de materialidade, toda a creação desaparece do cenario inteletual, em que unicamente florescem, se florescem, os cardeiros da critica. O critico analisa, disassocia joeira, separa, divide, não produz, não reune, não crêa. Incapaz de organizar e de crear, esforça-se por demonstrar que é capaz de esmiu-

çar defeitos e de corrigir, para se apresentar capaz de alguma cousa. Quando as aguias de Roma começaram a fechar as asas, apareceu um Luciano de Samosata. Quando se carregavam os canhões para a Grande Guerra, apareceu um Anatole France. E que faz toda essa bulhenta e vazia imprensa de hoje?

Cria? Não. Critica tudo, critica todos, acaba criticando a si propria.

O Integralismo é o amor pelo Brasil, o desejo de vê-lo grande, próspero, feliz, poderoso. E' a creação dum sentido novo da vida para chegar a êsse fim. E somente é possivel essa creação pela educação e pelo ensino. Não é possivel ensinar e educar, odiando. Ensina-se e educa-se, amando.

Dentro do movimento integralista, portanto, o integralista não deve criticar, mas suprir. Suprir os defeitos dos companheiros. Suprir as falhas dos proprios chefes. Supri-las sem que os proprios supridos dêem por isso. No Integralismo, o movimento está acima dos individuos, as idéas sobrelevam as pessôas. Na sua profundez cristã, o seu amor não se personaliza: é amor ao proximo seja êle quem fôr.

ORGANIZAÇÃO

Quem diz Integralismo diz organização.

Ha muita gente que costuma perguntar sempre, farizaicamente, mêsmo depois de lêr jornais, folhetos e livros de propaganda integralista: — Afinal de contas, que é Integralismo?

A resposta está nesta unica e curta definição: Integralismo é organização.

O Integralismo quer organizar o Brasil, organizá-lo. Organiza-lo-á.

Perguntarão de novo os farizeus: — Então, o Brasil não está organizado? Responderemos corajosamente: — Não! O Brasil está inteiramente desorganizado, vive completamente desorganizado, desorganizado administrativamente, militarmente, financeiramente, economicamente, politicamente, socialmente.

Ninguem se entende no Brasil. Ha um desencontro lamentavel de idéas, de esforços,

de ações e de métodos. O Integralismo quer organizar uma casa onde ninguem se entende, "todos brigam e ninguem tem razão"; quer combater os que afirmam poder organizá-la em nome dum regime morto, como é o liberalismo, ou em nome dum regime anti-social e anti-cristão, como é o comunismo; quer combater todos os que pregam *revoluções* para melhorar a situação do país e que cada vez mais o deixam em peores condições.

Essas *revoluções* podem mudar governos ou homens de governo, mas nada adeantam, porque não mudam a mentalidade dêsses homens nem a estrutura fundamental do país. Do mêsmo modo que existe no Brasil uma organização de fachada sem projeção na profundidade nacional, esses *revoluções* se processam no sentido horizontal e nunca no sentido vertical.

Todas elas teem sido formidaveis desilusões. Levam a mocidade iludida ás trincheiras da guerra civil, atiram irmãos contra irmãos, tornam os dissidios públicos ás vezes até domesticos. Quando triunfam, indisciplinando a força armada nas mashorcas e quarteladas, lançando Estados uns contra os outros, envenenando hegemonias ou fomentando separatismos, apoderam-se do poder e de suas cumeadas declaram, em desalento, pela bôca de seus lideres, plagiando Lamartine (*): "O Brasil é um deserto de homens e de idéas".

São *revoluções*, portanto, que não conseguem nem homens, nem idéas. Que adeantaria ao Integralismo fazer uma dessas *revoluções* para repetir, quando no poder: — Batemonos, lutamos, conquistamos o governo da nação, porem nada mais podemos fazer, porque o Brasil é, em verdade, um deserto de homens e de idéas?

Para que isso não aconteça, o Integralismo prega em primeiro lugar uma doutrina, um corpo de idéas sobre o mundo, o homem, a sociedade, o Estado, a moral, a politica, a economia, a administração, a arte; e, em segundo, forma homens de acordo com essas idéas.

Por isso, enquanto outros conspiram, conchavam, conjuram, tramam contra partidos, governos e instituições, êle estuda, medita, trabalha, ensina, pedindo a todos os brasileiros sem excepção que leiam, se informem, se in-

(*) "Les Confidences", ed. Hachette, pg. 344: "...das ce désert d'hommes, des idées, des livres, des choses de l'âme...".

teressem pela causa pública, pelos problemas nacionais, de maneira a estarem aptos a compreender a situação nacional; suplicando que se arregimentem em defesa da nação ameaçada pela desagregação, sacrificando-se no serviço do Brasil.

CONSTRUÇÃO

Enquanto o liberalismo escora o pardieiro do Brasil, metendo aqui o barrote do Estado de Sitio, ali a solipa da Lei de Segurança e acolá a trave do Estado de Guerra; enquanto o comunismo quer destrui-lo, fazendo explodir nêle uma bomba de dinamite ou arrazando-o com a artilharia das tropas e navios rebelados; o Integralismo condena o escoramento e a destruição.

O Integralismo é construção. Construção continua, ininterrupta, eterna. Construção sem destruição. Assim, reconstruirá a velha casa, sem expulsar seus habitantes, conservando-a sempre em estado de poder abrigá-los. E' necessario concertar um aposento? Esvasia-se êsse aposento e concerta-se. Seus móveis e moradores esperam noutro que êle esteja pronto. Desta fórma, sucessivamente, se processará a

obra reconstrutora, sem destruir nada das partes fundamentais do edificio.

Retira-se o que estiver apodrecido e bota-se abaixo o que não prestar mais para nada. Substitúe-se o que estiver estragado por uma nova organização nacional, cientifica, baseada em principios filosoficos e sociologicos.

Essa grande construção, lenta e dificil, não póde ser obra dum grupo de homens, dum partido politico. Ela só póde ser obra de toda a nação. O Integralismo precisa de toda a nação para realizá-la. Daí o seu apêlo a uma união nacional.

Sua tarefa, em primeiro lugar, é conseguir essa união; sua tarefa, em segundo lugar é realizar a grande construção. Gerações e gerações trabalharão nela e cada vez será maior, mais forte e mais bela!

REFORMAS E REAJUSTAMENTOS

A natureza da inteligencia, é uma, é a *unitate intellectus* de Santo Tomás. As manifestações da inteligencia variam, como tudo o que é universal. Cada cabeça — cada sentença, diz o povo. Daí a necessidade imprescindivel, na sociedade, duma doutrina, duma educação doutrinaria que faça viver sempre juntos "por efeito das almas" os que são obrigados a se afastarem "por efeito dos corpos".

Sem essa educação doutrinaria, a democracia liberal se torna um pandemonio de idéas e de opiniões que necessariamente se reflete na órbita administrativa, com grave prejuizo da cousa pública. Daí seu prurido constante de reformas. Todo novo ministro, todo novo chefe de serviço que entra em funções reforma seu departamento, quasi sempre sem ter apreciado o efeito da reforma anterior.

Para essa mania reformista contribúe tam-

bem o eleitoralismo democratico liberal: a creação constante de empregos para aquinhoar apaniguados e recompensar serviços, sem a menor preocupação de competencia, capacidade mental e moral quanto aos nomeados. Ao invés de se preparar o vasto campo da nação para proporcionar vida digna, atraente, recompensadora nas carreiras liberais, no ciclo das indústrias, do comercio e da lavoura, somente se abrem perspectivas mais sorridentes e, sobretudo, mais garantidas nas esferas esterilizantes da burrocracia.

A execução duma reforma verdadeira, isto é, duma *reforma de vida* e não de *reformas de repartições*, seria a base imprescindivel para se procederem a quaisquer outras reformas, dêsde ás dos serviços menos importantes até ás do ensino, da educação. Pelo esquecimento dessa reforma basilar é que nenhuma outra póde dar o menor resultado.

O Integralismo, antes de reformar serviços públicos, processos e repartições, terá de reformar espiritos e de reformar a vida, alicerçando a vida brasileira na terra brasileira, voltando-se para o campo e para o homem do campo, humildes e esquecidos sustentaculos da

nação, melhorando e garantindo a existencia do camponês para poder melhorar, consequentemente, e garantir a existencia de todos os que o camponês alimenta.

O prurido das reformas é acompanhado do prurido dos reajustamentos, isto é, dos aumentos de salarios e ordenados. Tais aumentos não produzem resultados duradouros e seguem todos o mêsmo *modus faciendi*, em que a observação atilada descobre o manejo habil das forças ocultas. Primeiro, é a grita na imprensa contra a carestia da vida e a necessidade do aumento. Depois, a manifestação dos poderes publicos, executivo e legislativo, com discussões de tabelas, avanços e recúos, manobras destinadas a cansar e desgostar o funcionalismo; ás vezes, o caso é aproveitado para lançar a sizánia entre os contemplados, pela injustiça dos acrescimos, ou para intrigar civis e militares. Segue-se a concessão do abono em forma provisoria. No fim de algum tempo, vem a sua incorporação definitiva aos vencimentos.

Assim se procedeu quanto á tabela Lira; assim se está procedendo agóra.

Êsses aumentos não resolvem as aperturas dos empregados pobres e de baixa catego-

ria. Não reajustam nada. Não passam duma ilusão fomentadora de decepções, injustiças e intrigas. E é justamente para isso que as forças secretas os assopram através da imprensa e dos congressos. Êles criam unicamente um circulo vicioso, do qual o país não se póde mais livrar e cujos resultados favorecem o parasitismo e o revolucionarismo messianico judaico.

Senão vejamos. Não se creando novas fontes de renda para o Estado sem gravame da produção, de onde vai sair o dinheiro destinado a satisfazer o aumento a civis e militares? Naturalmente do aumento da tributação ou da emissão de papel moeda *no vazio*. No primeiro caso, o aumento de imposto aumenta o custo das utilidades. No segundo, a consequente desvalorização da moeda tambem o aumenta. Que acontece? A vida encarece, o dinheiro do funcionario não chega mais, nova gritaria, novas tergiversações do Governo, novas injustiças, novas intrigas e novo abono ilusorio que irá produzir os mêsmos resultados...

Si cette chanson vous embête, nous allons la recommencer, dirão os judeus e seus agentes politicos por cegueira ou por safade-

za. Não é reajustamento o que êles querem, é agitação constante com o nome de reajustamento. Essa agitação divide os brasileiros, desvia sua atenção de problemas mais graves e, de ilusão em ilusão, os conduz ao indiferentismo e ao fatalismo, matando-lhes na alma a capacidade de lutar e o instinto de reação.

Reajustar não é isso, é pôr as utilidades essenciais da vida ao alcance dos meios de todos. Para isso, não é preciso somente aumentar ordenados, fingindo querer resolver o problema dum lado; sim diminuir o custo das mercadorias, olhando o problema no seu conjunto, tendo dêle uma *visão integral*.

O ESTADO CORPORATIVO

Sómente o Estado Corporativo poderá reajustar em novas bases toda a vida nacional sob uma visão de conjunto, porque sómente êle póde, moral e cientificamente, organizar a produção.

O Estado Corporativo realizará a verdadeira união de todos os brasileiros, pois êstes deixarão de se agrupar,no dominio de suas atividades públicas, de acordo com os critérios partidarios ou regionais que tem dividido a nação, passando a se organizarem pelo critério dos interesses espirituais, morais e materiais da profissão.

A organização sindical da atualidade, nos moldes em que tem sido feita, não é mais do que a sistematização da luta de classes marxista, por dois motivos:

1.° — enquadramento de operarios e empregados para a exigencia de reivindicações, que, propositalmente, são exageradas, afim de não serem satisfeitas e manterem o estado de

agitação social, necessario ao desenvolvimento das idéas comunistas;

2.° — as minorias comunistas operantes no seio dos sindicatos se apoderam de sua direção e dirigem sua ação no sentido que desejam. Além disso, a falta de ligação e dum orgão de sanções que completem e imponham justiça á organização, do mêsmo modo que a falta absoluta do sentido educativo e moral nos sindicatos contribuem fortemente para aquela luta. De modo que essa sindicalização defeituosa ao invés de estatuir a harmonia entre patrões e operarios, delimitando suas esferas de deveres e direitos, unindo o todo nacional no mêsmo ideal de grandeza da pátria e na mêsma realização de interesses materiais, nada mais é do que a fomentação de dissidios, desavenças e desharmonias.

Os sindicatos no Estado Corporativo não são, como os do Estado social-democrata, concessões feitas por êste á classe dos trabalhadores e á classe patronal, porem orgãos naturais do proprio Estado por serem grupos naturais da sociedade. Na situação atual, os interesses de qualquer ordem do capital estão divididos pelas idéas liberais e os interesses identicos do

trabalho, pelas idéas comunistas. Capital e trabalho defrontam-se como inimigos acerrimos numa batalha de todos os instantes. Entretanto, são duas fórmas que se completam dentro da nação e de cuja harmonia devem resultar o progresso e a prosperidade desta. O Estado liberal, com o seu individualismo, sómente viu e protegeu os interesses dos capitalistas. O Estado comunista quer monopolizar êsses interesses, apregoando com isso a defesa sómente dos trabalhadores.

Mas na atividade economica da humanidade não existem unicamente capital e trabalho; existe um terceiro factor, que é a técnica, produto do esforço e da inteligencia humana através de lentas e dificeis conquistas seculares. A vida social não é só capital, nem só trabalho: é capital, trabalho e inteligencia. Em qualquer dêsses circulos, ha trabalhadores; trabalhadores do capital, trabalhadores do braço, trabalhadores da inteligencia. E êstes devem ser o laço de união entre aquêles.

Quando ao trabalhador do capital se dão mais direitos do que merecem e esquecem os seus deveres, a hipertrofia de suas vantagens leva-os á exploração anti-cristã do homem.

Quando o mêsmo se faz com os operarios, inverte-se de modo perigoso a direção da vida social e sacrificam-se os outros trabalhadores. O mêsmo aconteceria, se assim se procedesse com os tecnicos e as *elites* dirigentes.

O capital e o trabalho projetam-se no tempo, sobre o presente e para o futuro. A inteligencia, pelo acúmulo das invenções, descobertas e aperfeiçoamentos, é obra de gerações e, alem do presente e do futuro, se projeta no passado. E' um capital de saber e experiencia que pertence não a individuos nem a gerações ou grupos, mas á propria humanidade.

O Estado Corporativo, reunindo os trabalhadores pelo criterio de sua comunhão de interesses profissionais, educa-os e protege-os, regula definitivamente suas atividads, estatúe seus deveres morais, delimita seus direitos, harmoniza-os e dá a todos justiça social, impedindo que o capital explore a inteligencia e o trabalho. O poder de legislar sobre êsses múltiplos interesses não é mais prerrogativa de assembléas politicas, influenciadas por estas ou aquelas forças ocultas ou aparentes, sim emana das proprias Corporações, que conhecem profundamente suas necessidades e defendem seus interesses vitais.

No Estado Corporativo, os sindicatos de trabalhadores do capital, de trabalhadores manuais e de trabalhadores da inteligencia, quando unidos por um *contráto coletivo* de trabalho, formarão uma pessôa de direito público positivo, e êsse contráto, redigido sob os principios basicos morais da Carta de Trabalho da Nação tem força de lei, é uma lei. Assim, os trabalhadores legislaram para êles mêsmos e no ámbito de suas atividades, não sendo mais regidos por leis propostas e votadas em assembléas de politicos profissionais e representantes quantitativos, não qualitativos, do povo, para todo um país, sem preocupações de condições reigionais ou profissionais. As infrações a essas leis serão julgadas pela magistratura especial do trabalho.

Nêsse regime, desaparecem por desnecessarias as greves operarias e os *lock-outs* dos patrões.

Os sindicatos funcionarão no ámbito municipal e elegerão cada um seu representante ao conselho municipal. Êstes representantes elegerão o prefeito. No ámbito provincial, os sindicatos se agruparão em federações de sindicatos, cujos representantes formarão o Conselho ou Camara Provincial e elegerão o Governador da Provincia. As corporações reunirão essas federações no ámbito nacional. Elas elegerão representantes á Camara Corporativa. As profissões de caráter espiritual e inteletual terão organização á parte e seus representantes formarão o Senado, cúpola cultural da nação. Camara e Senado elegerão o chefe do Estado.

Isto é uma organização completa do país, vinda do municipio até a nação, e uma organização de caráter nitidamente democratico. E' uma democracia organica e não um regime de tirania como propalam os inimigos do Integralismo, de má fé. Dizem êles que condenamos o voto. Sim, condenamos o *sufragio universal*, o voto quantitativo, que somente vale pelo número e não pela expressão, o voto mentiroso que não delega representação real, pelo qual milhares de individuos das mais diversas profissões e procedencias elegem um individuo que nada tem de comum com êles, nem espiritual, nem materialmente.

O Integralismo quer o voto consciente, qualitativo, real, que exprima a relação de confiança entre homens do mêsmo interesse, da

mêsma profissão, sincronizados por assim dizer. Êle retira ao *cidadão* o voto incoerente e inexpressivo, que só se exerce no dominio politico, para dar ao *trabalhador* o voto coerente e expressivo, que se exprime em todos os dominios. Suponhamos um *chauffeur* dum caminhão de uma fazenda de café. Êsse homem vota, para o legislativo e, indiretamente, para o executivo municipais, como membro do sindicato de *chauffeurs* do seu municipio; vota, para o legislativo e, indiretamente, para o executivo provinciais, como membro da federação dos sindicatos de transportes de sua provincia; e vota, do mêsmo modo para o legislativo e executivo nacionais, como membro da corporação do Café.

Como as leis sociais são feitas pelas proprias corporações, ás Camaras Corporativas competirão unicamente o estudo e confecção das leis de meios. As grandes leis de interesse nacional serão elaboradas pelas comissões técnicas do Senado. Uma descentralização administrativa quasi completa manterá nas Provincias o seu espirito de autonomia. Uma centralização politica quasi completa corrigirá os erros fatais da autonomia separatista e hegemonica dos Estados.

As bancadas rivais, defensoras de interesses opostos, desaparecerão e serão substituidas pelas bancadas dos grandes ciclos de produção, em cujo seio estarão lado a lado, na defesa dos mêsmos interesses, os representantes dos produtores de varios Estados. Não será mais possivel a um Estado isentar de taxas um produto comum a outros Estados, creando guerras economicas dentro da nação. E o politico profissional terá cessado, felizmente, de existir.

O Estado Corporativo, fundamentalmente cristão, alicerça-se na dignidade da pessôa humana, nos grupos naturais da familia e do sindicato, na autonomia do municipio, liberto do mesquinho choque das competições partidarias pela coparticipação de todas as classes na direção dos negocios públicos, na autonomia administrativa da provincia e na grandeza da nação integral, unida na união de todos os seus filhos.

Segundo a lição de Miguel Reale, o Corporativismo pregado pelo integralismo é mais completo do que o fascista, pois não consideramos apenas as *corporações economicas*, mas tambem as corporações *sociais* e *culturais* da

Nação, como as Igrejas, o Exercito, a Magistratura, as Sociedades de Ciências e das Artes.

De mais a mais, enquanto na Italia ainda subsistem um Senado de base não corporativa e um Conselho originado do Partido Fascista (fóra das corporações), nós integralistas *proclamamos que só é legitimo o poder constituido sobre alicerces corporativos.*

As corporações, portanto, não serão, no Brasil, subordinadas a um poder politico de origem não corporativista: as proprias corporações serão o Estado".

E' o Estado Corporativo Integral, o Estado completo, encarnando todo o espirito corporativista e cristão do seculo XX.

Segundo a lição de La Tour du Pin, o Estado Corporativo assenta em tres direitos: direito da pessôa humana, direito da corporação e direito da sociedade; em tres praticas: a obra-prima, o patrimonio e o voto; e em tres vantagens: morais, politicas e economicas.

O Estado Corporativo, sendo um meio organico contra a usura e a especulação, é a unica organização capaz, por isso mêsmo, de mudar a face do mundo atual.

A ECONOMIA CORPORATIVA INTEGRAL

O corporativismo cristão do Integralismo se basêa na fórmula tomista de que o homem não foi feito para a economia, mas a economia foi feita para o homem. Se o homem tivesse sido feito para a economia, teriamos de aceitar o predominio das leis naturais, como o aceita o comunismo. Mas nós afirmamos o predominio do homem sobre elas, pela força do livre-arbitrio, da razão, da vontade, da inteligencia, modificando a causalidade com a sua interferencia. Entregue á corrente do naturalismo, o homem regressaria pouco a pouco á animalidade primitiva. Contrariando-a e vencendo-a pela espiritualização, o homem é capaz de aperfeiçoamento e de progresso.

Êle não deixa que a eletricidade o domine e dirija; mas capta a eletricidade, a dirige e a domina.

Do mêsmo modo deve agir na esfera da economia. Toda a economia corporativa re-

pousa em bases materiais, porem se desenvolve e é regulada sob bases morais. E' uma economia moral.

A Corporação não é, como doutrina o grande corporativista Manollesco, um instrumento hipócrita de consolidação do Estado, nem uma simples organização economica da nação. Ela é mais, é uma fonte de vida moral e de vida espiritual. No regime integralista, a corporação deve integrar todas as forças espirituais, morais e materiais da nação. Ela não é creada no sentido dos ganhos ou das concurrencias, no sentido da luta, que é o sentido dissassociativo do seculo XIX; é creada no sentido da submissão a um ideal nacional e humano superior, no sentido do ritmo e da harmonia, que é o sentido do seculo XX.

A economia corporativa integral forçosamente ha de compreender forças economico-sociais e forças economico-culturais, as quais legitimirão o supremo poder do Estado "numa sociedade futura em que a preponderancia do capital será substituida pela preponderancia do trabalho e das faculdades organizadoras', devendo-se acrescentar: — sem ser preciso o aniquilamento do capital e pondo-o somente nos limites que lhe competem.

ESTADO-INTEGRAL — HOMEM INTEGRAL

O professor E. Magnin escreve no inicio do prefacio de seu livro "L'Etat" as seguintes linhas: "Dêsde as origens do cristianismo, duas concepções antagonicas da autoridade e do Estado, uma baseada no naturalismo politico, outra no idealismo, se debatem no seio da sociedade ocidental". Essas concepções do Estado naturalmente emanam de concepções filosoficas do homem, umas de fundo naturalista ou materialista, outras de fundo idealista ou espiritualista.

O cristianismo surge em plena decadencia dum mundo profundamente impregnado de materialismo. E o Estado naturalista, materializado, domina despoticamente a vida social.

Vinha de longe êsse conceito. A autoridade dos patriarcas e dos chefes se impuzera aos povos agricolas e nómades, a daquêles em um sentido mais de pátrio poder estendido da familia á tribu, a dêstes decorrendo da habi-

lidade ou valentia na guerra. Quando se fundam as cidades, passo grandioso para a civilização, divinizam-se os fundadores das cidades, os Cecrops, os Romulos, e uma verdadeira onipotencia estatal se estabelece sobre todas as cousas materiais e espirituais. A religião cái sob a égide do Estado. Os deuses, antes das cidades, terafins ou lares, eram deuses da familia, deuses tribais, que, por extensão, se iam tornando deuses dum povo ou duma raça. O homem pertencia ao Estado pelo corpo e pela crença. Quando em uma brincadeira noturna, Alcibiades e alguns rapazes de Atenas mutilaram os deuses Hermes das esquinas, o caso teve mais aspéto politico do que religioso. Todas as liberdades, as da vida particular, as de educação, as religiosas, estavam subordinadas á autoridade do Estado.

A onipotencia do Estado é fruto das concepções naturalistas do homem e da sociedade. A onipotencia do Estado esmaga a liberdade moral do homem, o que é um atentado contra o livre-arbitrio. E o cristianismo o condena.

O mêsmo naturalismo produz a primeira idéa do direito como resultado dum *contráto*

social, idéa que, mais tarde, se projéta sobre a concepção do Estado e que já se observa entre os romanos. Entretanto, do fundo dêsse contráto brotam os primeiros vislumbres duma respeitabilidade humana, a qual se conceitúa somente nos que gozam de privilegios inerentes a tal contráto. Essa qualidade respeitavel é dada pelo titulo de cidadão romano. O proprio S. Paulo o reclama na aurora do cristianismo, como prerrogativa de ordem moral: *civis romanus sum!*

O direito romano, público ou privado, é exclusivista, nasce do povo romano e somente a êle se destina. Justifica o seu orgulho e o seu instinto predatorio. E só se estende sobre o mundo, quando Roma se torna capital do mundo e o mundo se torna uma provincia romana.

O cesarismo do Estado romano se impõe onipotente, como o despotismo asiatico dos antigos imperios. Êle engloba o soberano pontificado, como função do proprio Estado. A politica domina a religião, ao contrário do que se passava na teocracia egipcia, em que a religião estava acima da politica e a influenciava, dependendo o rei da escôlha e inspiração sábia dos colegios tecnicos sacerdotais.

Nem a religião, nem a filosofia, nem a ciência influiram ou modificaram até o cesarismo romano o conceito do Estado. Os deuses mitologicos caracteristicamente humanos, com vicios e virtudes, vivendo como os homens e no meio dêles, dividindo-se em grupos rivais ao sabor das rivalidades de seus adoradores, descendo do Olimpo para comer, beber e amar, não tinham bastante *divindade* para influir nas almas e, através delas, na vida social e no Estado. Em Roma, como acentúam as criticas de Tertuliano e Santo Agostinho, êsses deuses se materializam, se multiplicam e se abastardam ao mais alto ponto. Ha deuses para todos os objetos materiais, até para a dobradiça das portas; deuses para todas as funções do proprio corpo humano, mêsmo as mais abjétas.

E' a religião cristã, conquistando lentamente o imperio pela infiltração e pelo exemplo, irmanando na mêsma vida espiritual os homens de todas as classes, elevando-os idealmente pela mêsma moral, que vem varrer a mitologia naturalista e influir com o seu idealismo profundo na concepção do Estado.

Deus agora é imaterial, transcendente, puro. Mêsmo, descendo a terra para salvar os

homens, tomou a fórma de homem, porem ficou divinamente puro. A religião não é mais desta ou daquela tribu, desta ou daquela cidade; dêste ou daquêle povo. E' uma religião para as almas, isto é, para todos os homens, uma religião universal, que, respeitando os grupos naturais da familia, das agregações e das pátrias, se estende sobre todos os individuos, cobrindo-os com o mêsmo pálio de esperança.

Transformando os homens, o cristianismo transformou a vida social e transformou o Estado. No paganismo, a religião pertencia ao Estado. No cristianismo, o ámbito da primeira é um, o ámbito do segundo é outro. "A Deus o que é de Deus, a Cesar o que é de Cesar". O Reino de Deus não é dêste mundo; o reino de Cesar é dêste mundo. Mas o Reino de Deus engloba o reino de Cesar e, embora êste seja distinto dêle, sobre êle projéta sua influencia espiritual. Cesar recebe o poder, porque Deus o permite, e deve exercê-lo de acordo com a moral que vem de Deus. E' uma revolução formidavel que se opera e um mundo novo que vai surgir das cinzas do mundo antigo. E ela se processa dentro do mais leal e profundo respeito aos principios de ordem e autoridade.

Jesus Cristo, que viéra derrubar a *lei antiga* e crear a *lei nova,* dera os primeiros exemplos, circuncidando-se em obediencia aos preceitos daquela e respeitando no proprio Pilatos o poder que lhe viera *de cima.* S. Paulo recomendára a submissão ás autoridades superiores, porque toda autoridade provem de Deus. E Santo Agostinho concretizava a primeira doutrina cristã do poder, afirmando que a autoridade só podia vir de Deus, do mêsmo modo que de Deus vinha a paternidade, devendo os homens, destinados á Cidade Celeste, se conformarem com as leis da Cidade Terrestre e lhes obedecerem. "Mas, segundo comenta um mestre, se a autoridade tem direito á obediencia, em virtude de sua origem divina, essa mêsma origem lhe impõe deveres determinados e rigorosos".

As aluviões de bárbaros submergiram o imperio. As espadas dos conquistadores germanos, eslavos e uralo-altaicos cortaram nas carnes das provincias imperiais monarquias e feudos. Uma anarquia sangrenta se espalhou pelo ocidente. Reis e barões disputaram terras, senhorios, alódios e direitos. O banditismo campeou á sôlta. E só a instituição da servidão á gléba conseguiu fixar ao sólo as populações andejas, permitindo, á sombra dos muros defensivos de cidades e castelos roqueiros, as primeiras estabilidades da sociedade medieval que se ia formando.

Do fundo dos conventos, abadias e mosteiros, onde se refugiára o saber e a fé, sairam os *clerigos* ou *esclarecidos* que, rodeando os novos governantes, os fôram adoçando, suavizaram-lhes os costumes, pregaram-lhes a religião, impuseram-lhes a moral e, aproveitando certas instituições do seu direito consuetudinario, casaram-nos com as romanas e o espirito cristão, codificando os primeiros *Breviarios* e as primeiras *Capitulares.*

Abre-se o longo periodo da Idade Media que o judaismo rotúla como dez seculos de treva; mas que, em verdade, está cheio tambem de grandes clarões espirituais e em que cada centenario marcou uma etapa notavel da civilização, apresentando carateristicas proprias. Somente a espiritualização do cristianismo o domina, chegando ao apogeu no seculo XIII, seculo das catedrais góticas, dos reis-sábios e dos reis-santos.

Santo Agostinho, durante os primeiros

seculos, continúa a inspirar as doutrinas relativas ao conceito de Estado. Nos famosos concilios da Espanha visigotica, Santo Isidoro de Sevilha não se cansa de afirmar o caráter sagrado da autoridade e de convencer os que temporariamente a exercem dos pesados deveres de seus cargos. A ambição dos soberanos, porem, procura sempre desrespeitar tais dictames e exorbitar de suas funções. Todas as lutas entre a Igreja e o Estado veem dêsses pruridos de absolutismo dominador, até que, com a queda dos carlovingios, o feudalismo se sobrepõe á autoridade real e os nobres passam a governar mais do que os soberanos. A autoridade, dividida, se enfraquece e, enfraquecendo-se, torna-se cada vez mais arbitrária e mais violenta.

"Durante o periodo medieval em que a realeza progressivamente se vai libertando da tutela do feudalismo — escreve Magnin — isto é, *do fim do seculo XI ao fim do XV*, o conflito entre a idéa naturalista do Estado e a idéa cristã continúa, tomando mêsmo, ás vezes, uma fórma aguda; porem a influencia do Evangelho, sem ser sempre dominante, para o que muito falta, é profunda e bastante geral".

A autoridade doutrinária de Santo Agostinho prossegue, modelando-se melhor: eleva-se a pessôa do soberano, mas identificando-a com a função que exerce; considera-se a soberania um dever antes de considera-la um direito; entre o corpo social e o soberano ha uma tal reciprocidade de direitos e deveres que fórmam um *todo*; o poder do rei tem limites e sua finalidade é o bem estar moral e material dos súbditos.

A sociedade feudal se espiritualiza com a cavalaria. O idealismo de sua fé sobreleva todo o naturalismo. E ela se volta inteiramente para Deus. E' a época do *teocentrismo*. Todas as atividades, manifestaçeõs e organizações sociais buscam Deus, ascendem para Deus, e veem de Deus. A sociedade medieval se preocupa com sua origem e sua finalidade: Deus a creára, Deus a dirigia e para Deus ela devia voltar. O homem fôra creado por Deus estava na terra para servir a Deus e no seio de Deus iria repousar de suas atribulações, quando a morte lhe fechasse os olhos, se houvesse sabido cumprir seus deveres de homem.

Sua arte, sua ciência, seu Estado, sua economia, tudo o que é seu visa Deus e em Deus

se inspira. O estilo arquitetural denominado gótico mostra o esplendor dessa inspiração e dessa ascensão. As catedrais se atiram para o céu como uma ansia de pedra, uma cristalização de aspirações para atingir o divino. Na pintura, as figuras se adelgaçam e alongam, se espiritualizam, ganhando em roupagens diáfanas o que perdiam em materialidade corpórea. Vêde-as ainda em Fra Angelico e em Botticelli. As ciências divididas no *trivium* e no *quadrivium*, escalonavam-se das que tocavam nas cousas materiais á teologia, que tocava nas cousas divinas. O Estado se alicerçava no *direito divino*, maravilhosa e logica concepção cristã. O poder — afirmam os escolasticos — é uma necessidade natural da sociedade. Todas as necessidades naturais fôram creadas por Deus, Creador da Natureza. Assim, o poder vem de Deus e deve inspirar-se em Deus. E' divino na sua essencia e confiado como um *munus publicum* ao que o exerce, com a transitoriedade das cousas humanas, para dêle fazer bom uso no serviço dos homens e no serviço de Deus. Eis por que os verdadeiros reis e não os tiranos se intitulavam, como aquêle de Portugal, "procurador dos descaminhos do reino".

Divinizar a pessôa real, como se tentou mais tarde, é ir de encontro a essa doutrina e recair no paganismo.

A doutrina idealista cristã do Estado, que nasce com a sentença de Jesus: "A Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar", e com a sua resposta a Pilatos, no Pretorio; que se consubstancia com Lactancio, Santo Agostinho e Santo Isidoro de Sevilha, atinge seu apogeu no apogeu da idade-media, na obra imortal de Santo Agostinho. *Civitas est totum*. O Estado é um todo, isto é, uma sintese espiritual, moral, politica e economica. O espiritualismo cristão triunfa na amplitude do teocentrismo medievo. Uma moral severa rege a economia corporativa.

Mas o velho naturalismo romano-pagão não estava morto. Êle florescera e frutificara no imperio bizantino, separado por um cisma da obediencia espiritual ao papa, onde a autoridade temporal se sobrepunha á espiritual, como se viu muitas vezes e sobretudo na questão dos iconoclastas, em um cesarismo-papismo. Dentro dêsse cesarismo-papismo, o autocrata era tambem um sumo-sacerdote. Sem uma polegada de ferro desembainhado, os papas ro-

manos haviam imposto aos soberanos reveis do ocidente uma disciplina moral em nome de Deus. Um Roberto o Piedoso, um Sancho, um Henrique IV da Alemanha sentiram o pêso da autoridade do Vigario de Cristo. Bizancio escapara a ela e se orientalizara no culto ao materialismo do ouro e do poder.

Quando invenções e descobrimentos alargaram as fronteiras do mundo e os homens se espraiaram por novas terras, vendo novos horizontes e conquistando novas riquezas, o Estado totalitario medieval sentiu que a sua rigida moldura moral estalava e ia partir-se. O triunfo sobre os mares tenebrosos e nunca dantes navegados, a vitória sobre povos bárbaros, a vida de aventuras nas selvas, serranias e planuras dos sertões ignotos trazem um transbordamento de energias individuais dificil de conter e que se afirma na pujança dos personalismos. Ao mêsmo tempo, naufraga a arca das tradições bizantinas sob o diluvio otomano, com a tomada de Constantinopla, cujo espirito busca refúgio no ocidente.

E' a época chamada do Renascimento, porque nela renascem as fórmas da vida pagã mortas pela idade-média. O homem começa a

se esquecer de Deus e a se voltar para a humanidade, que êle vê forte, audaz e altiva, devassando os oceanos ou, calçada com as botas de sete leguas dos bandeirantes, perlustrando os continentes desconhecidos. Ao *teocentrismo* sucede o *antropocentrismo* em tudo. Tudo o que era divino passa a ser humano. A filosofia é *humanista;* as ciências são *humanidades.* O *humanismo* domina as fórmas da pintura, da escultura e da arquitetura. Ha nelas uma grandeza, ainda, mas é uma grandeza humana. Perdeu-se a grandeza divina do gótico. As *Madonas* são rechonchudas e coradas. Os *Bambinos* e as anjinhos ganhariam premios de saúde em concursos de robustez infantil. Na idade media, ao poema de pedra das catedrais Dante replicára com a Divina Comedia, penetrando no mundo dos espiritos, descendo ao inferno e subindo ao céu. O poema que melhor exprime o Renascimento não é mais uma *comedia divina,* é uma *epopéa humana,* os *Lusiadas,* os heróis lusos. Êstes eram eminentemente cristãos, levavam a cruz da ordem militar de Cristo sangrando nos traquetes das caravelas, ouviam missa nas praias descobertas, em presença dos selvagens nús, impunham a cada terra

nova que achavam um padrão de paú ou de pedra, com a cruz, ou lhe davam o nome de Vera ou de Santa Cruz. Entretanto, a gesta camoneana, que canta os feitos daquêles "a quem Netuno e Marte obedeceram", mal fala de Jesus e da religião cristã, porem move todos os deuses do antigo Olimpo, preocupados com as façanhas do Gama e dos portuguêses.

Êsse naturalismo humanista se reflete no dominio religioso com a heresia da Reforma e seu consequente livre-exame, quebrando a unidade do pensamento religioso do ocidente; reflete-se no dominio politico com a nova concepção do Estado, que se delineava já dêsde as Investiduras e as querelas entre o Papado e o Imperio ou entre o Papa e Filipe o Belo, através das universidades italianas e francêsas. E' uma concepção naturalista, que ressurge, de acordo com êssa época de ressurgimento paganizante, velhos textos do direito romano que sagram o soberano como a fonte do proprio direito: *Quidquid principi placuit legis habet vigorem.*

O absolutismo monarquico vai ser o resultado dessa revolução nas idéas ocidentais. Deus não crêa mais nem inspira mais o Estado. Êste é creação humana e o primeiro de seus homens, o rei, é o creador do direito. Acima de sua vontade, nada. E êle proprio escapa ás leis: *Princeps legibus solutus.* Divinização pagã do soberano.

Não é mais a moral que dirige o Estado, pautando os átos dos soberanos como S. Luiz; porem é a chamada *razão de Estado*, a qual pode estar muitas vezes em desacordo com a moral. Daí as idéas que veem abrolhar no maquiavelismo do "Principe". Apesar das reações espiritualistas contra o absolutismo pagão, materialista, êle se desenvolve e atinge o ápice com Luiz XIV, quando o Estado se personaliza no rei: "L'Etat c'est moi".

A reação espiritualista contra o absolutismo abriu caminho á reação do naturalismo enciclopedico. Bossuet anuncia Rousseau. O seculo XVIII afasta-se mais ainda de Deus do que o Renascimento. Êle abandona a humanidade e passa a ver tudo pelo critério do homem isolado, do individuo. Seu Estado tem de ser feito para o individuo, para o bem do individuo, para a felicidade do individuo. Que se destrúam a ordem antiga, os residuos medievos que resistiram ao absolutismo, o grupo na-

tural decadente da corporação! Tábula rasa para dar a todos as liberdades individuais de pensar e de agir. Derramam-se rios de sangue para se rebaixar cada vez mais o criterio fundamental da sociedade: de Deus passara-se para a Humanidade; da Humanidade se passa para o Homem individualmente.

A reunião dos individuos fórma uma *vontade geral* e essa crêa o Estado. Êsse consenso geral é a fonte de tudo: da soberania, do direito, das leis e da moral. Dessa vontade geral resulta o *contráto social*. Aí está o conceito do Estado liberal. E' agnostico em materia religiosa, a qual pertence ao fôro intimo de cada um. E' abstémio em materia economica, a qual depende das leis naturais e com a qual só a iniciativa particular tem o que vêr. Sua soberania é meramente politica e administrativa, pois que só nêsse sentido se exerce, pelo voto, a *vontade geral*.

Rousseau reconhece que a religião sempre serviu de base ao Estado e por isso quer que certas verdades religiosas sejam impostas sob a fórma de *religião civil*. Os teoristas da Revolução Francêsa procuraram institui-la com a Deusa Razão e a festa do Ente Supremo. A

religião da Humanidade de Comte mamou o leite de Rousseau...

Influindo poderosamente na Revolução Francêsa, o pensamento politico de Rousseau influiu poderosamente no conceito do Estado liberal durante todo o seculo XIX. O naturalismo democratico é seu filho dilêto. Não conseguiu vencê-lo o naturalismo anti-democratico hegeliano em que a onipotencia estatal esmaga o individuo. No liberalismo, a onipotencia individual é que esmaga o Estado. O comunismo não se prende a Hegel somente pela dialetica transformada, mas por essa esmagadora onipotencia do Estado.

Da filosofia naturalista, materialista do seculo XVIII decorrem, alem da concepção liberal do Estado, dois conceitos mais, diferentes na aparencia e na manifestação, identicos no processo e na essencia, o positivista e o comunista. O positivista não pretende, em teoria, organizar e unificar politicamente Estados, mas sim a Humanidade, o Grande-Ser que habita a Terra, o Grande-Feitiço. Deus está, pois, radicalmente eliminado. Prega a necessidade das "pequenas pátrias". A *Ditadura Ciêntifica*, exercida, como o nome indica, pelos sábios,

num Estado republicano, até que os homens estejam tão instruidos e moralizados, que não precisem mais de governos, governem-se por si, levará á extinção definitiva do Estado. O comunismo tambem não visa nações separadamente na sua organização e sim todo o mundo proletario, unido pelo famoso grito de Karl Marx. Nêsse internacionalismo, não ha lugar para as pátrias. Nega Deus e afirma a fatalidade das causas e efeitos naturais sob o nome de determinismo. A *ditadura Proletaria*, na republica sovietica, será, como preceitúa Lenine, "um corredor de passagem" que levará os homens a uma situação ideal de igualdade absoluta, sem classes, sem Estado. Como se vê, ambas as doutrinas são internacionais e ambas destróem as pátrias, fragmentando-as ou dissolvendo-as; ambas são ateistas: o positivismo, porque elimina a cogitação da existencia de Deus; o comunismo, porque o nega peremptoriamente; ambas preconizam uma ditadura, em fórma republicana, transitoria, o positivismo, a de cima, da *elite*, o comunismo, a de baixo; ambas serão coroadas pela anarquia, isto é, a extinção do Estado; emfim, ambas promanam do mêsmo preceito rousseauniano: "cada homem deve ser seu proprio legislador e seu proprio pontifice".

O homem é o material básico com que se fórma o Estado. Todo conceito de Estado resulta dum conceito do homem. Se se considerar no homem unicamente sua alma, seu espirito, se se considerar somente o *homo-sapiens*, o homem nas suas relações com o Reino de Deus, sobre êsse homem só se poderá construir uma teocracia pura, um Estado teocratico. Se se considerar no homem unicamente sua razão, sua vontade, se se considerar somente o *homo-civicus*, o homem nas suas relações com o poder público, sobre êsse homem só se poderá construir um Estado liberal-democratico puro. Se se considerar no homem unicamente seu corpo, suas necessidades materiais, o estomago e o sexo, se se considerar somente o *homo-economicus*, sobre êsse homem só se poderá construir um Estado-comunista.

Vindo após todas essas doutrinas, enriquecido pela experiencia e pelo saber acumulado até o seculo XX, o Integralismo verifica que, em cada doutrina dessas, ha um pedaço da verdade e que o seu erro fundamental é querer impôr êsse retalho de verdade como

verdade inteira. O *homo-sapiens* existe, mas não sozinho. O *homo-civicus* existe, mas não sozinho. O *homo-economicus* existe, mas não sozinho. Um existe em função do outro, na escala descendente. Une-os uma interdependencia. Isolá-los é desvirtuar, deformar a figura do homem, que só se póde compreender na visão de conjunto das tres modalidades. Assim, o homem verdadeiro é o *Homem Integral*: espirito-razão-materia: espiritual-civico-economico. Sobre êsse homem se deve construir um *Estado Integral*: espiritual na afirmação de Deus, da liberdade e da dignidade da pessôa humana; racional na sua feição hierarquica e disciplinada; material na sua organização economica.

Dirão os farizeus, praga de todos os tempos, que isso é um ecletismo, englobando teocracia, liberalismo e comunismo. Absolutamente não. Ecletismo é mistura e o Estado Integral é uma combinação. Quando em quimica se misturam dois ou mais corpos, êles se confundem aparentemente, mas conservam seus caracteristicos especificos. Quando se combinam, perdem êsses caracteristicos e dão origem a um corpo novo, inteiramente diferente dos

que o formaram. Por algumas moleculas de hidrogenio e oxigenio, na proporção requerida, faça-se passar uma faisca eletrica e se terá a agua, completamente diversa dos corpos que a formaram.

Na luta secular do materialismo e do espiritualismo em torno do homem, do naturalismo e do idealismo em torno do Estado, o Integralismo vem dar a última palavra, mostrando que o homem não é só materia, só razão ou só espirito, porem espirito, razão e materia, com a predominancia daquêle sobre estas, mas sem o esquecimento destas; que o Estado não deve ser somente natural, racional ou ideal, porem ideal, racional e natural, com a predominancia do ideal, mas sem o esquecimento do natural e do racional.

Esta concepção completa as outras concepções, do mêsmo modo que o seculo XX completa os outros seculos; é uma sintese do homem e uma sintese do Estado, do mêsmo modo que o seculo XX é uma sintese dos outros seculos.

A VERDADEIRA DEMOCRACIA

Realizou-se recentemente em Roma um congresso franco-italiano das Corporações. Os jornais não deram palavra a respeito. A essa significativa reunião, compareceram os seguintes grupos corporativistas francêses: *Esprit, Homme Nouveau, Ordre Nouveau, Homme Reél, Groupe XX.eme, Siécle, Corporativistes Catholiques, Information, Jeunesses Patriotes, Front Social, Jeunesses Agraires, Front Paysan* (1) e *Confedération Artisanale.*

O contáto entre os corporativistas italianos e francêses foi tão natural, tão expontaneo, tão sem artificialidade que se chocaram com força sem, porém, se dividirem em lutas estereis. Todas as divergencias versaram sobre pontos doutrinarios. Sentiu-se nessa reunião o impulso construtor das novas gerações. Os gran-

(*) O Front Paysan — Frente Camponêsa se estende por algumas colonias, sobretudo a Argelia, e usa camisas-verdes.

des corporativistas italianos Bottai e Fioretti dirigiram o congresso com uma habilidade consumada, apontando resolutamente os problemas, abordando-os de frente com sinceridade e procurando resolvê-los de modo superior, afim de que a reunião não sossobrasse nas chatices comuns a quaisquer congressos.

Uma das questões mais serias de que se tratou, senão a mais seria, foi a da liberdade. Então, claramente, Fioretti disse estas palavras memoraveis: — "Se nós nos tornamos partidarios do Estado Forte, foi por termos para isso excelentes razões revolucionarias. Contra quem lutamos senão contra o capital financeiro? Tinhamos em punho uma alavanca unica e poderosa, a revolta dos combatèntes: empregamo-la para desenraizar essa oligarchia. Mas não sabeis como suas raizes sãd tenazes, como rebrotam por toda a parte e se vão esconder nas posições menos atacaveis: direitos do cidadão, mecanismo dos partidos, liberdade de opinião e de imprensa... Quando se querem afrontar as múltiplas realidades dum país afim de modificá-las, é preciso começar por monopolizar a iniciativa. Não existem trinta e seis maneiras de fazer uma revolução. E' pre-

ciso que o grupo de ação — chamai-o Partido, Convenção, Junta, o que quizerdes — possa concentrar em suas mãos todas as forças num Estado autoritario. Nós somos pela Ditadura, porque a Ditadura é a Revolução".

Êsse partido unico, dominador, não é um pedaço de laranja nacional, porque é, na feliz expressão de Fioretti, a seiva que dá vida, côr, fórma, e sabor á laranja toda. E' a sintese da nação.

No Congresso Corporativista, o sr. Pierre Ganivet, chefe do grupo "L'Homme Reél", declarou que á classe operaria não é a unica que precisa de defesa social e de justiça; tanto quanto ela, estão precisando de ser defendidos e protegidos os pequenos proprietarios, os técnicos, os artezãos. Sobre todos êsses pesa a mão de ferro das oligarquias financeiras e exploradoras.

O Estado Forte é, pois, uma necessidade social para tutelar, apoiado na sua milicia, verdadeira guarda da revolução, a propria revolução, dirigindo-a ciêntificamente, de sorte a que se não esterilize, não mude de rumos ou não sirva ao programa dos arrivistas. Êsse Estado, para poder ser materialmente forte, deve

ser espiritualmente forte. Sua idéa nacional se confunde com sua idéa revolucionaria. Para êle, a Revolução que pratica é a propria Pátria Por isso, diz o velho revolucionario e ministro fascista Rossoni: "A idéa revolucionaria nada é sem a idéa nacional: se não, falariamos de pátria como os outros, conservadores e patriotas, que, todavia, fazem os povos trabalhar contra sua pátria, pois uma pátria partidaria ou capitalista não é a pátria...".

Na pressa de opôr um dique ao diluvio comunista, a reação do Fascismo italiano realizou empiricamente êsse Estado Forte. Sua teoria veiu depois. A diferença essencial entre o movimento fascista e o movimento integralista, como movimentos, dinamicamente, é esta: o Fascismo é pratico e, exercendo a pratica, crêa a teoria; o Integralismo é teorico e exercerá a pratica baseada na sua teoria, modificando os pontos que a experiencia aconselhar sejam modificados.

Toda revolução "fascista" é uma creação de nova consciência nacional. E' por isso que essas revoluções foram, são e serão indomaveis, invenciveis, insopitaveis. Elas estão na profundeza dos espiritos. Como arrancá-las?

O comunismo é como o seu simbolo conhecido. Como um martelo, bate, amolga, destrói. Como uma foice, céga, tosa, corta, nivela... O fascismo, não. O integralismo, não. Êles crêam novas categorias de vida e pensamento, e apagam as barreiras que separavam outras. O Estado não é um administrador mecanico dum povo de escravos que produz para satisfazer suas necessidades materiais, sem familia, sem pátria e sem Deus; é sim um organismo produtivo, confundido com a propria nação, no qual todos podem desenvolver suas capacidades pessoais, de modo que "a circulação de *elites* no corpo social seja assegurada, partindo, para subir, duma base minima garantida a todos". Essa é a grande solução que renova, com as conclusões magnificas de Spirito, Fontanelli e Nasti, todo o sindicalismo soreliano, dando á ação sindical um caráter concreto, dinamico e espiritual.

O Congresso de Roma discutiu essa tese e outras de igual relevancia, vendo-se que muitos francêses se declararam convencidos pelos teoristas italianos. O sr. Galey, chefe do "Front Social", foi um dêles.

Comentando sem opinião preconcebida

essa reunião, um redator da "Europe Nouvelle", expendeu algumas opiniões que demonstram como o fascismo, em geral, é o verdadeiro regime democratico. Basta estudá-lo com isenção de ánimo. Eis o que disse o referido jornalista: "Ir ao povo é o primeiro gesto que prova uma vontade revolucionaria e que corresponde mesmo a uma necessidade vital em um país essencialmente proletario como a Italia. Ora, o regime fascista quis dar lugar ao povo por toda a parte, assegurando-lhe, fóra de qualquer luta ou compromisso politico, mais de metade das cadeiras da Camara, postos nos Conselhos Gerais, nos Conselhos Economicos, nos orgãos mais delicados do Estado. Êle creou 22 corporações que são provisoriamente paritarias, mas que em breve não o serão mais. Entendeu de dar aos trabalhadores um instrumento que lhes permita serem os donos do governo no tempo oportuno, quando fôrem capazes".

O povo, assim, creará para o futuro a sua *elite*. O mêsmo prensamento e ainda mais vasto traz dentro de si o integralismo. Desta sorte, certos jornalistas baratos não imaginam quanto a sua ignorancia é ridicula aos olhos

dos que estudam, quando se metem a chamar-nos de extremistas e de inimigos da democracia. Nós somos inimigos do liberalismo, sobretudo porque êsse regime, que oscila entre as opressões e as licenças, permite que a opinião publica seja guiada por jornalistas dessa ordem...

O Congresso de Roma teve como um dos melhores efeitos abrir os olhos sobre a grandeza do ideal fascista a muitos espiritos que o não haviam compreendido, que hoje o compreendem e cujos comentarios darão volta ao mundo.

No dia em que o mundo todo conhecer a doutrina corporativa, nacionalista e totalitaria dos fascistas, verá que ela exprime a verdadeira e unica democracia. O Integralismo é, pois, a democracia que se levanta para combater a falsa democracia que tem enganado todos os povos, permitindo que os judeus os expoliem e os conduzam a beira do abismo comunista.

OBJETO DE CONTRADIÇÃO

Jesus disse um dia que viera ao mundo para ser objéto de contradição. E o foi durante sua vida e depois de sua morte. Segundo os Evangelhos, alguns dos seus mais proximos o consideraram louco e outros dêle descreram. Pilatos o tomou por um visionario sem importancia e Herodes, por um inocente. Os farizeus diziam que curava e expulsava os demonios pelo poder do maioral dos demonios — Belzebú. Uns o insultaram, outros chasquearam dêle, ainda outros o caluniaram. Emfim, o levaram á cruz.

Ha dois mil anos quasi, a contradição dos homens diariamente o crucifica. Quantas bibliotécas sobre êle dêsde os Sinopticos até os exegetas de todos os tempos, dêsde os Agraphon dos Apócrifos até os historiadores falsificadores como Strauss e Renan, dêsde Flavio Josefo até Merejkovski!

Quantas opiniões contraditorias sobre a sua natureza entre os gnosticos de todas as épocas, entre os docetas de todas as eras, entre os sectarios de todas as idades, entre os mitologos de todos os periodos! Mito solar, invenção semita, lenda, ilusão, mentira, homem, profeta como os outros, santo, Deus Vivo! Todas as afirmações em torno da suave imagem eterna que marca a nossa civilização. E cada vez maior, reinando, imperando, impondo aos homens a disciplina da fé e a couraça da moral, como se tantas contradições fôssem o alimento de sua imortalidade.

O Integralismo tambem tem sido e continuará a ser objéto de contradição. Seria ridiculo que nos passasse pela cabeça compará-lo a Jesus. Mas é a sua grandeza cirstã que ofende todos aquêles que precisam ser anticristãos para justificar sua vida, e faz com que se irritem e rebelem contra a nossa doutrina. Jesus era a acusação viva e é a acusação viva em face dos que pecam. E' preciso destrui-lo. O Integralismo é uma acusação viva em face do liberalismo e do comunismo. E' uma pergunta que os faz estremecer: — Servos do Judaismo, aonde quereis levar o mundo? E' preciso destrui-lo. Destróem-se as idéas, caluniando. Então, se calunia o Integralismo. Mas a calunia é contradição e a contradição em torno duma idéa dá-lhe força imortal. A unica cousa que a poderia matar seria o silencio, e os que a idéa vergasta na face, como um azorrague, uivam de dôr ou blasfemam de desespero...

Que vagas de contradições espumantes se veem quebrar com fragor na nossa muralha verde! Somos escravos do capitalismo, vanguardeiros dos reacionarios, exercito do imperialismo, criados do governo ou da burguêsia, para os comunistas. Somos ditatoriais, violentos e arbitrarios para as *pombas sem fel* da maçonaria, que arrulham lôas á liberdade, á igualdade e á fraternidade. Somos a pestilencia das pestilencias, os criadores da tirania e os fomentadores da guerra para os positivistas mumificados. Somos monstros, assassinos, bandos armados para os judeus cinicos e medrosos. Somos o extremismo da direita, tão perigoso quanto o da esquerda, para a imprensa judaizante e escrava. Somos os canceladores das liberdades públicas para os liberais. Somos pagãos para certos padres que prefe-

rem os proventos da politica aos deveres do altar. Somos protestantes para certos católicos que não gostam de nós. Somos católicos para certos protestantes que nos detestam. Somos clericais para certos espiritas. Somos espiritas para certos clericais. E até — supremo vituperio — alguns dizem que somos *um comunismo disfarçado.*

Em verdade, o que nós somos é o resultado da profunda angústia, da suprema dôr da Pátria Brasileira envilecida e explorada. Somos a reação natural de seus instintos de defesa!

OS PARTIDOS

Os partidos dividem a nação. Partido é um substantivo formado com o participio passado do verbo *partir*, isto é, dividir, quebrar, separar. O liberalismo, creando os partidos, dividiu as nações, suscitando grupos diferentes em torno de idéas diferentes, agitando bandeiras diferentes, para a conquista do poder e sua permanencia nêle. Sua finalidade é a mêsma — o poder. Seus processos, seus métodos para atingi-la variam. E o interesse do partido nessa luta continuada acaba sobrelevando todos os interesses, mêsmo os mais sagrados interesses da pátria.

A maior prova de residir nos partidos a fraqueza das nações é, em presença de inimigos estrangeiros ou nos graves momentos de comoções intestinas, se pregar, se formentar e se realizar uma *união sagrada dos partidos*, uma

frente unica, pois somente o todo nacional é capaz de resistir aos embates serios.

O processo de divisão nacional que se inaugura com os partidos prossegue dentro dêstes. Em cada partido surgem *alas* avançadas, que, naturalmente, se contrapõem a *alas* mais conservadoras. Depois, essas alas se afastam e passam a constituir novos partidos, de sorte que, dentro de muito pouco tempo, a vida politica da nação está inteiramente fragmentada.

Tivemos no Brasil, durante a monarquia, dois partidos tradicionais, que se alternavam no poder, no eterno jogo de empurra de nosso parlamentarismo bisonho. No fim de sua existencia, êsses partidos se achavam *partidos* em grupos rivais. Os liberais, em dois ou tres; os conservadores, em outros tantos. Tomemos para exemplo a provincia do Ceará. Os liberais ou *Ximangos* estavam ali divididos em *Minús* e *Ripardos;* os conservadores ou *Carangueijos*, em *Graúdos* e *Miudos*. O odio entre as facções dum mêsmo partido ainda é maior do que entre partidos rivais. E êsses fátos povôam a história do liberalismo em todos os países.

Entre nós, hoje, essa divisão atingiu sua

culminancia. Estão registrados no Supremo Tribunal Eleitoral 158 partidos, todos locais, todos creados para a disputa do poder e dos cargos no municipio e no Estado. Um unico se afirma no ámbito nacional, vendo os problemas do Estado e do municipio abaixo dos grandes problemas nacionais ou em função dêles, o Integralismo.

Dividida e subdividida a opinião nacional dessa maneira, os que estão dentro do rodamoinho dos partidos, preocupados com a luta quotidiana dos mêsmos, não podem enchergar alem do panorama em que se movem. Sua visão se restringe, galinaceamente, ao terreiro onde cantam seus galos politicos. Imaginem-se, porem, as vantagens que levam os que, sem pátria, sem compromissos e sem escrúpulos, de fóra dos partidos observam o seu jogo de interesses, inflúem nêle, manejam os homens e vão tirando todos os proveitos á custa do povo iludido com a sua decantada soberania e que não desconfia que é justamente dela que veem todos os seus males.

Êsse é o regime propicio á ação deleteria e parasitaria do judeu. Gozando dos mêsmos direitos que os naturais do país, falando a ca-

da passo do seu patriotismo, mas solidario no intimo unicamente com seus interesses étnicos, o judeu está de palanque no liberalismo, apostando e ganhando, na certa, na corrida de cavalos dos partidos politicos...

A divisão duma pátria em partidos facilita seu dominio áquêles que se não deixam apaixonar por êles, de sangue frio os impelem á arena e de sangue ainda mais frio recolhem os despojos. O sistema é tão velho quanto o mundo: dividir para reinar. Forças politicas e forças financeiras intrigam, corrompem e dividem o Brasil, afim de sugá-lo por se não poder defender ou por estar distraido com a rumorosa competição dos partidos.

Os grupos aparentes ou ocultos que representam tais forças, incapazes de impôr sua vontade pela virtude, pela inteligencia ou mêsmo pela força, a impõem pela astúcia, intrigando, dividindo e reinando. Enfraquecem a maioria da nação dividindo-a em Estados e em Partidos, provocando rivalidades entre êles, suscitando hegemonias e impedindo a grande unidade nacional que seria a morte de todos os parasitas.

Dividido e desunido, estremecendo constantemente ao choque das dissensões internas, o Brasil se tem prestado a todos os desgovernos que o entregaram á voracidade de todos os exploradores.

Para acabar duma vez com isso, que temos de fazer? Naturalmente, o contrario do que foi feito: acabar com as divisões e unir todo o Brasil num feixe unico, numa união sagrada, num como exercito nacional composto de todos os brasileiros patriotas e conscientes. Só assim libertaremos e organizaremos o Brasil. Só assim lhe daremos verdadeira justiça social e o lugar que lhe compete no mundo.

Como acabaremos com as divisões que minam a unidade brasileira? Acabando com os Estados e acabando com os Partidos. Os Estados passarão a Provincias com ampla *autonomia administrativa* e os partidos desaparecerão. Êsse desaparecimento dos partidos assombra os homens enfronhados nos preconceitos das famigeradas *liberdades públicas*. Perguntam de olhos voltados para o céu: como circulará e se manifestará a opinião pública? Sem partidos, que são os orgãos naturais dessa opinião, ela sossobrará para sempre...

Não é verdade. A opinião circulará e se

manifestará sem choques, naturalmente, sem estar sujeita a fraudes, por outros orgãos, pelas Corporações dotadas de faculdades electivas e legislativas.

O sigma integralista é o simbolo da união e congraçamento de todos os brasileiros em torno de nossas idéas. Por isso, trazemos sempre a bandeira do sigma junto da bandeira nacional. No dia em que a nação estiver unida num feixe unico, o pavilhão integralista se confundirá com o pavilhão nacional. Então, os partidos dormirão o sono da morte no fundo do cemiterio da história e estará restabelecida a unidade da Pátria! Um grande Brasil resplandecerá na America e deslumbrará o mundo com a pujança do seu espirito novo! Potencia que falará de igual para igual ás outras potencias, seus filhos se orgulharão dêle e êle se orgulhará dos filhos que fôram capazes de engrandecê-lo.

Êsse é o espirito do seculo XX e nêle o Integralismo integrará o Brasil.

PARTIDO OU MOVIMENTO?

O Integralismo é e não é um partido politico.

Não é, porque é uma ação social e politica — Ação Integralista Brasileira; um movimento de cultura, uma renovação espiritual, uma mobilização de idéas, uma marcha da mocidade para o futuro. Mas isso não podia ser compreendido nem tolerado pelo Estado liberal, medroso deante da amplitude de nossa propaganda e acionado pelas forças ocultas que governam os povos.

Ao principio, quando o Integralismo era um grupêlho de duas centenas de rapazes de camisa-verde, acharam graça. Seriam aquêles bôbos os renovadores do Brasil, sem um medalhão á sua frente, sem os fundos da plutocracia e do judaismo, sem as intrigas das Buchas e maçonarias, sem cavações do erario e sem manobras politicas? Uma gargalhada so-

nora sacudiu o ventre falstafiano da burguesia liberal. O comunista não gargalhou, sorriu e procurou meter a ridiculo. O judeu farejou o perigo com o nariz adunco e tentou uma aproximação...

O movimento cresceu. O sangue dos mártires selou um pácto solene entre vivos e mortos. A camisa-verde foi plantada no sólo sagrado da Pátria. Então, as ondas do mar integralista rolaram sobre todo o Brasil. O Estado liberal e o comunismo tiveram mêdo.

O mêdo do liberalismo manifestou-se através de sua mentalidade policial. Esta não admitia ações sociais ou politicas, movimentos de cultura, marchas, mobilizações ou renovações. A lei não previa nenhum dêsses casos. O formalismo liberal não consente nada que não esteja previsto na lei, que somente cogita da organização e existencia de partidos politicos. Para viver mais ou menos em paz com os delegados de policia do Estado liberal, o Integralismo matriculou-se ou registrou-se como partido politico. Eis por que é e não é um partido.

A mentalidade do delegado de policia liberal está lindamente expressa nêste conto sertanejo: havia numa pequena cidade um homem probo, trabalhador, bondoso, excelente chefe de familia. Por isso, lembraram-se de fazê-lo delegado de policia. De posse da nomeação, o homem transformou-se por encanto. Em estado quasi vertiginoso, correu para a praça pública. Precisava prender alguem, porque não compreendia fôsse possivel inaugurar seu cargo sem prender alguem. A função precipua do delegado para êle, como para a maioria dos delegados, é prender, seja por que fôr, seja quem fôr, seja como fôr.

Começou a dar encontrões provocadores em toda a gente, mas as pessôas o conheciam e atribuiram aquilo a um desequilibrio nervoso. Afinal, um pobre matuto, que passava com muita pressa, pisou-lhe inadvertidamente os calos. O delegado exultou:

— Está preso!

— Eu, sr. delegado; mas que fiz para ser preso?

— Pisou no pé da lei!...

O Integralismo não é partido politico; mas se fez partido politico, afim de não pisar no *pé da lei*...

EXTREMISMOS E EXOTISMOS

Nunca se falou tanto em extremismos como agora. A democracia liberal agonizante, ameaçada dum lado pelo comunismo, que ela gerou em conúbio com o capitalismo, e do outro pelo Integralismo, que é a reação natural das forças vivas da nação contra a morte que a ameaça, produto de seu profundo instinto de conservação; a democracia liberal agonizante procura, pela oratoria de seus politiqueiros e pelas trombetas de sua imprensa, englobar as duas doutrinas sob o mêsmo rótulo, estabelecendo a confusão. Chama, pois, ao comunismo — *extremismo da esquerda* e ao Integralismo — *extremismo da direita.*

Ora, nada mais falso do que isso. Se ha extremismos, êles são, sem a menor sombra de dúvida, o liberalismo e o comunismo, porque são ambos unilaterais, resultam ambos duma análise. O Integralismo não póde ser extremismo, porque é uma sintese, um todo, não se colocando em extremo algum, porem no meio, não caminhando para os lados, a distanciar-se cada vez mais do centro, porem marchando com êsse centro na sua direção normal, para a frente.

E' facilimo provar, começando pela ontologia de cada doutrina, pelos seus principios filosoficos, pelo seu conceito do homem, e terminando pelas soluções dos problemas materiais.

Bastarão, para isso, alguns exemplos. Quanto aos principios filosoficos, o comunismo só admite como base o determinismo das leis naturais que tudo gera; o liberalismo, a vontade geral dos homens que tudo produz; e o Integralismo vê êsse determinismo, essa vontade e mais o espirito que os domina e controla. Quanto ao conceito do homem, o comunismo o encara como homem-economico; o liberalismo, como homem-civico; e o Integralismo, como homem-economico-civico-espiritual. Quanto ao ámbito social, o comunismo só vê o operario e cria a sua ditadura; o liberalismo só vê o patrão e cria a tirania do capital; e o Integralismo traça limites ás exorbitancias dum

e do outro, em nome da justiça e da moral. Quanto ao ámbito da politica, o comunismo só considera as classes em luta; o liberalismo, os partidos em luta; e o Integralismo faz cessar as lutas de classes e de partidos, na harmonia do todo nacional e para a defesa de seus interesses superiores. Quanto ao ámbito da economia, o comunismo só enxerga as necessidades coletivas; o liberalismo, a iniciativa particular; e o Integralismo, alem delas, as funções de supervisão do Estado. Quanto ao problema dos emprestimos, o comunismo cancela as dividas sem excepção; o liberalismo paga-as da mêsma maneira; e o Integralismo estuda emprestimo por emprestimo, eliminando os intermediarios desonestos, cancelando os emprestimos aladroados e já pagos, satisfazendo com honra até o fim os honestos, tomando medidas adequadas a cada caso particular.

Êstes exemplos poderão ser multiplicados em relação a todos os ámbitos e problemas nacionais. Onde, pois, o apregoado *extremismo da direita?* Extremismo é o liberalismo. Extremismo é o comunismo. Integralismo não póde ser extremismo, porque é Integralismo, soma, totalização. O extremismo somente póde

estar nas parcelas, nas pontas, nos extremos e não num corpo inteiriço. Êste terá angulos, terá extremidades, mas não é nem pode ser em si um extremo, uma extremidade.

Outra acusação tôla e de má fé a politica ignorante e a imprensa venal fazem ao Integralismo é a de *exotismo*, de doutrina exotica. Isso, porque o nazismo tem uma camisa parda e o fascismo, uma camisa preta. Pensam que o Integralismo é uma camisa. O Integralismo é uma doutrina. Tem alguns pontos de contáto com os fascismos, por que todos os movimentos nacionalistas da especie exprimem o espirito do seculo XX, espirito de sintese e de ordem; mas se inspira na realidade brasileira e a consulta.

Os movimentos politicos-sociais de qualquer natureza sempre se espalharam pelo mundo, revestindo-se em cada país de caraterísticas locais. O sentido liberal da Revolução Francêsa se espalhou por toda a parte. O sentido comunista da Revolução Russa tem tentado se espalhar. Que é a federação brasileira, com seu letreiro esmaecido de Estados Unidos do Brasil, senão uma cópia da federação iánqui, dos Estados Unidos? Consultou essa fórma rèpu-

blicana a realidade brasileira? Não. A realidade brasileira era a descentralização administrativa das provincias na centralização politica do grande todo nacional. A autonomia politica dos Estados foi um exotismo que nos custou e ainda ha de custar muito caro. Que é a propaganda comunista no Brasil senão macaqueação dos processos judaicos da Rússia para engastar, segundo a opinião do Knomintern, a mais linda das perolas no colar das Republicas Sovieticas? Acaso isso consulta á realidade brasileira? Não. A realidade brasileira é a tradição do sentimento cristão, do amor á pátria unida e livre, do respeito á familia e á propriedade. O comunismo é outro exotismo que nos está custando e custará muito caro.

O Integralismo consulta ás realidades brasileiras fundamentais: Deus, Pátria e Familia; é brasileiro em todas as suas manifestações, cultúa as tradições do Brasil e quer libertá-lo dos exotismo que o destróem: o exotismo democratico norte-americano e o exotismo sovietico judaico-russo.

Denominá-lo extremismo e exotismo é uma prova de refalsada impudencia, de espantosa hipocrisia por parte dos dois extremismos

e dos dois exotismos em questão. Lembra a anedota vulgar do gatuno que corre, gritando: — Pega o ladrão! para enganar seus perseguidores. A arraia miúda tem razão, quando ironicamente aconselha: — Chama antes que te chamem...

O INTEGRALISMO E A IGREJA

Alguns católicos ignorantes ou fanaticos, alguns intrigantes soezes procuram indispôr o Integralismo com a maioria católica brasileira, argumentando com o fáto de contarmos em nossas fileiras protestantes e espiritas. O movimento integralista não é um movimento religioso, porem um movimento nacionalista politico-social, inspirado nos principios básicos da civilização cristã, porem destinado a organizar as cousas dêste mundo e não as do Reino de Deus. Querendo unir todos os brasileiros sob a mêsma bandeira para salvar a nação da desordem e da escravidão, não poderia excluir de seu seio aquêles que, embora representando pequenas minorias, não comungam na mêsma fé católica da grande maioria.

Aliás, o Integralismo nêsse ponto está plenamente de acordo com a Igreja, que é quem dita, no momento presente, o seu procedimento, pela bôca do Santo Padre. Tomemos a Carta Enciclica de Sua Santidade Pio XI, *Caritate Christi Compulsi*, e encontraremos no capitulo *Por Deus e contra Deus* o conselho da união, numa "frente unica e compacta contra as multidões dos máus inimigos de Deus, não menos do que dos homens". O Papa põe a grave questão do momento atual do mundo nos seguintes, admiraveis termos: "Nesta luta discute-se verdadeiramente o problema fundamental do universo e se trata da mais importante decisão proposta á liberdade humana: por Deus ou contra Deus. E' esta a escolha que novamente ha de decidir da sorte de toda a humanidade: na politica, nas finanças, na moralidade, nas ciências, nas artes, no Estado, na sociedade civil e domestica, no Oriente, e no Ocidente, em toda a parte se apresenta o problema como decisivo...".

Não se poderia dizer mais nem melhor. Com uma elevação verdadeiramente inspirada do alto, o Vigario de Cristo continúa: 'Nós, portanto, suplicamos pelo Senhor, tanto aos individuos como ás nações, que abandonem, deante de tais problemas e em tempo de luta tão encarniçada e tão vital para os homens, o

individualismo mesquinho e o egoismo baixo que cegam mêsmo as inteligencias mais perspicazes, tornando esteril toda iniciativa, mêsmo a mais nobre...' E determina, paternalmente: 'Unam-se todos, mêsmo com graves sacrificios, para salvar a si proprios e toda a humanidade. Em tal união de almas e de forças, devem naturalmente estar em primeiro lugar aquêles que se gloriam do nome de cristãos, que teem a tradição gloriosa dos tempos apostolicos, quando 'a multidão dos crentes formava um só coração e uma só alma' (Act. IV, 32); para isto concorram com lealdade tambem todos os outros que ainda admitem um Deus e O adoram, afim de afastar da humanidade o grande perigo que a todos ameaça. Com efeito, o acreditar em Deus é o fundamento inabalavel de toda a responsabilidade sobre a terra..."

Notai bem que Sua Santidade emprega a palavra *cristãos* e não a palavra *católicos*, aludindo para melhor clareza de seu alto pensamento á tradição apostolica que gloriosamente os unia antes do cisma bizantino e da Reforma protestante. Êle une, assim, com uma tolerancia maravilhosa, na luta contra o materialismo brutal, todos os que crêem em Jesus Cristo sem olhar a indisciplinas e heresias. Sua Santidade quer uma *frente unica*, uma união de forças e de almas. Nela reune aos *cristãos* — TODOS OS OUTROS QUE AINDA ADMITEM UM DEUS. E afirma a crença em Deus como o fundamento inabalavel de toda responsabilidade sobre a terra.

Que é o Integralismo? Uma frente unica de brasileiros, uma união de forças e de almas que se destina, não só a salvar o Brasil como a se alargar num sentido social e moral humano. Afirma Deus como o fundamento inabalavel da ordem social. E ajunta á sombra de sua bandeira todos os cristãos e todos os que ainda acreditam em Deus.

O Integralismo está *in totum* de acordo com a doutrina aconselhada pelo Santo Padre. Os católicos que precipitadamente o condenam ou não sabem o que dizem e o que fazem, ou querem ser mais católicos do que o Papa. Aos clerigos que tambem, ás vezes, excepções raras e tristes, o atacam, não se póde atirar a pécha de ignorancia; porem se póde dizer que obedecem aquêle individualismo e egoismo

mesquinhos, rasteiros, a que se refere a propria Enciclica.

Releva notar que o judaismo tambem se infiltra na Igreja com grave dano para ela. Eis porque o judeu não é admitido na Companhia de Jesus, o grande exercito da Fé Católica. Essa infiltração se dava na propria idade-media. Imagine-se hoje! Quem conhece a obra do judeu David Mocatta, traduzida em alemão por Kayserling, 'Die Iuden in Spanien und Portugal', sabe pela sua inconfundivel documentatação que nêsses países viveram gerações e gerações de judeus, que se mantinham em segredo fieis á sua raça e ao seu culto, mas se misturavam aparentemente á sociedade, ocupando altas posições no Estado e *especialmente na Igreja*. George Borrow, autor do velho livro 'Bible in Spain', conheceu pessoalmente o famoso judeu Abarbanel, financista ratoneiro que servia ás cortes de Lisbôa, Madrid e Napoles no seculo XV. Conversando com Borrow um dia, Abarbanel falou-lhe dum arcebispo espanhol que era judeu e 'não se esquecia do que aprendera a reverenciar dêsde a infancia". E acrescentou: "Ha uma festa especial durante o ano em que quatro dignatarios da Igreja

não deixam de me visitar. Então, após as ceremonias que praticamos, em segurança, de portas fechadas, sentam-se no chão e amaldiçôam o cristianismo'. As severidades da Inquisição na busca de judaizantes tinham por fundamento fátos dessa natureza em todas as esferas sociais.

E' conhecidissimo ainda o caso de monsenhor Bauer, judeu, que foi confessor da imperatriz Eugenia, mulher de Napoleão, a serviço das forças secretas, abandonando, finda a sua missão, escandalosamente, a batina em Paris e passando a viver uma vida de orgias.

Aliás, uma das provas da divindade da Igreja, na nossa opinião, é justamente a resistencia que ela oferece aos escandalos internos e ás infiltrações de forças dissolventes. Os imperios da força, da opressão, do materialismo e do mal teem desabado continuamente em torno dela; continuarão a desabar.

A documentação de que hoje se póde dispôr sobre o judaismo aconselha a encarar com certa desconfiança os membros do clero que, sem razão plausivel, se atiram contra o Integralismo, sobretudo os de nomes estrangeiros que tráem o *foetor judaicus*...

A ABSTENÇÃO POLITICA

Um povo precisa ser eminentemente politico para não ser explorado pela politica.

Porque, se todos os filhos dum país ou a sua maioria se absteem de coparticipar da vida politica, se alheiam da atividade politica, uma minoria operante de politiqueiros profissionais se apodera dessa vida, dessa atividade e a dirige como bem lhe parece, creando as camorras que escravizam as pátrias aos seus interesses subalternos.

Que se diria dos habitantes duma casa que se não preocupassem com sua conservação e estado? Que eram desidiosos ou inertes, pois um dia ela lhes cairia na cabeça. Desidiosos e inertes, pois, são os brasileiros que, encolhendo os ombros, declaram pouco se importar com a politica. E' obrigação precipua de todo brasileiro ser politico no alto e bom sentido do termo, isto é, preocupar-se com a vida da nação, estudar seus problemas, vigiar em sua defesa, opinar sobre seus destinos, afim de que os sindicatos de exploradores externos e internos, ou ambos de mãos dadas, não tomem conta da nação para sugá-la e reduzi-la á miseria moral e material.

Um exercito tambem precisa ser eminentemente politico para não ser explorado pela politica.

O judaismo-maçonico acastelado na governação da França, sua presa dêsde a derrocada de 1871, assoprou ao mundo através de livros doutrinarios e da imprensa a teoria do Exercito Mudo, isto é, do exercito tecnico, profissional, ignorante das cousas politicas, afastado delas, servindo a nação sob qualquer regime ou fórma de governo, de olhos vendados.

Isto equivale a desenraizar um exercito duma pátria, arrancando-lhe a espiritualidade, descarnando-o e mecanizando-o, de maneira a torná-lo o mais terrivel de todos os instrumentos de opressão do povo desarmado, manobravel por não importa que mãos manobrem as alavancas do poder.

Um exercito representa uma nação, a sua glória, o seu passado, o seu espirito, a sua per-

sonalidade no presente e deve amar o que ela foi e conhecer o que ela é, para defendê-la no momento oportuno, não só contra o inimigo estrangeiro, como contra o inimigo interior, ás vezes muito mais perigoso do que aquêle. O exercito que ignora os problemas fundamentais de seu país que nada entende de politica no bom e nobre sentido da palavra, é um exercito que a manha dos politicos atira facilmente no brazeiro dos pronunciamentos inglorios e na fogueira das rebeliões esterilizantes; é um exercito que talvez saiba combater, porem que certamente não se sabe defender de lábias, insidias e cantos de sereia. O exercito que não ama as tradições de sua pátria e com elas não comunga facilmente se prestará aos manejos das forças ocultas empenhadas em desintegrá-la.

A abstenção da politica, nessas condições, por um povo ou pelas suas forças armadas, é um dos peores males que possam afligir a uma nacionalidade.

OS LATIFUNDIOS

A palavra latifundio vem á tona em todos os manifestos, panfletos e jornais comunistas e comunizantes. Acho que a julgam bonita e que entendem que faz um belo efeito para o público. Não devem saber bem o que realmente significa, senão não a aplicariam assim a êsmo, sobretudo tratando-se dum país como o Brasil, em que as terras se estendem por êsses araxás afóra, desertas e inaproveitadas em formidaveis extensões.

Tomar os latifundios, isto é, as grandes propriedades territoriais, pois julgo que é a essas que se referem os comunistas, retalhando-as pelos não proprietarios de terras, não resolveria o problema agro-pecuario do país. Antes peoraria tudo.

Num monstro territorial como é a nossa pátria não se precisa *tomar* terras de ninguem, mas *dar* terras ao maior número possivel. Êsse

dar deve ser condicionado com a educação e os meios suficientes para o dono da terra poder aproveitá-la. Dá-la ao brasileiro e aproveitá-la para o brasileiro.

De que serve entregá-la a certos imigrantes estrangeiros que se tornam verdadeiros quistos inassimilaveis no organismo ou a falsas colonizações como a judaica, que vende as riquezas florestais e do sólo, transportando-se para as cidades, onde vai viver parasitariamente, agravando o urbanismo?

Em primeiro lugar, é preciso convir que nem todo o sólo brasileiro é aproveitavel e que muitos latifundios ha onde é bem pequena a parte que se pode utilizar. Ha terras pobres e terras ricas, umas aptas para um genero de cultura ou criação, outras para outros. Ha terras que para nada servem. Não é só dividir a terra que resolve a questão. Isso só acudiria a inteligencias primarias, sem reflexão. Os comunistas lançam a idéa, contando com a irreflexão do povo.

O Integralismo terá de estudar as terras brasileiras, de ver quais as mais proprias, para esta ou aquela exploração, de calcular suas "unidades economicas" e de determinar onde

pode haver latifundio, onde minifundio, onde ambos, onde nenhum dos dois e sim a mão poderosa do Estado Integral. Ha sólos em que sómente a lavoura ou a criação em grande escala compensam as despesas de produção. Outros ha em que só a pequena propriedade é economicamente possivel. Ainda outros podem permitir as duas especies.

Não é só pegar a terra e dividi-la. E' estudar suas carateristicas economicas e sua habitalidade. E' estabelecer áreas cultivaveis. E é povoa-las, preparando os habitantes para aproveitá-las, convenientemente.

O primeiro passo para garantir a posse dos pequenos proprietarios e tornar segura e prospera a sua existencia, condição imprescindivel para aumentar o número de sitiantes dessa natureza, povoando e enriquecendo o país, é desoprimir os pequenos sitios do peso dos impostos e livrá-los da voracidade judaica que se exerce através do fisco, arrematando por um dez reis de mel coado em hasta pública a casinhola e a terrinha de pobres familias que a tributação excessiva e impiedosa rèduziu á miseria.

Êsse é um problema mais sério, mais ur-

gente, mais vital do que o dos latifundios, *grosso modo,* que os comunistas apregôam na sua insincera demagogia.

Se o Integralismo garantir a desopressão do pequeno agricultor brasileiro das mesquinhas malhas fiscais e a restituição de todas as pequenas propriedades confiscadas pelo Estado por impostos atrazados que estão na mão de aproveitadores, restituindo a êstes somente os magros vintens com que delas se apoderaram em leilão, realizará somente com essas medidas uma revolução de tão beneficos resultados para a vida nacional quanto seria prenhe de resultados maleficos a preconizada e primaria divisão ou confisco dos latifundios.

A MILICIA

O primeiro cuidado do judaismo, no longo e bem articulado preparo dum surto comunista no Brasil foi acabar com a milicia integralista. Um deputado classista apresentou a emenda a respeito, á lei chamada de Segurança, e os deputados liberais a aceitaram, aprovaram e votaram. Obedeceram á ordem judaico-maçonica do *covenant* do Grande Oriente, de 1934. Os comunistas sabem que a existencia duma milicia verde é a impossibilidade dos seus golpes. Porque êles se podem infiltrar em todos os corpos sociais, empeçonhá-los ou manejá-los, menos na milicia dos Camisas-verdes.

E' inutil que se apresentem ás suas fileiras e façam o juramento de fidelidade com o intuito de desarticulá-la. A disciplina esmaga as suas manobras e, se ousarem abrir a bôca, serão descobertos e expulsos. Sua ação nefasta ao mais que póde chegar é á infiltração de cer-

to derrotismo que o espirito miliciano destrói em pouco tempo.

Força unicamente ao serviço da nação, norteada por uma doutrina que está acima dos homens, a milicia é a grande defensora da sociedade ameaçada de destruição. Acabar com ela foi retirar do caminho do comunismo a unica barreira que lhe poderia deter a marcha. Daí o afan de todos os jornais comunistas contra o que êles chamam "os bandos integralistas".

Além de instrumentos de propaganda das idéas integralistas, de seminario de estimulos, de linha de defesa social, de escola de disciplina, a milicia forma, articulada com as forças armadas de terra e mar, e com as policias estaduais, transformadas em forças de Segurança Nacional, o grande triangulo de ferro sobre que repousa o Estado Integral.

Consultando a realidade do interior brasileiro, onde a mocidade se perde, ás vezes, na bebida ou no jogo, por falta de emulação na pratica de átos meritorios; enraizando-se na tradição militar da nação pelos seus postos e designações de unidades, pelos seus simbolos e insignias; educando o homem fisica, moral e

espiritualmente nas suas escolas de oficiais, nas suas organizações de atletismo, nos seus cursos e conferencias especializados; englobando nas suas grandes divisões todos os brasileiros em qualquer idade, a milicia é o enquadramento completo da nação numa moldura magnifica, é uma organização integral do Brasil, é uma reserva de soldados e marinheiros para a defesa completa da nação.

No Estado Integral, todo brasileiro é miliciano. Dos sete aos quatorze anos, faz o escoteirismo como pliniano. Dos quatorze aos vinte e um, pratica o avanguardeirismo. Deixando essas classes da juventude, aos dezoito ingressa na milicia, da qual sómente sái pela porta da incapacidade fisica ou moral, e da morte. Atrás do Exercito, da Armada e das Forças de Segurança Nacional, com a milicia, o Brasil poderia ouvir o retumbo dos passos de 3 milhões de milicianos!

A MOCIDADE

Sendo o Integralismo uma preparação para o futuro, dirige-se de preferencia á mocidade que vai ser êsse futuro.

O exercito verde do Integralismo é uma força de defesa nacional que conjuga todos os brasileiros sem distinção de côr, crença, posição, classe ou idade. Mas êle prepara homens para dirigir a nação e êstes, naturalmente, teem de ser de preferencia moços. Porque, com raras excepções, os mais idosos se ressentem de educação viciosa, politica e social, mêsmo cientifica; de preconceitos adquiridos e de prejuizos estratificados pelo tempo; de vicios e de erros, nos partidos e na administração; de hábitos inveterados e de compromissos antigos.

A mocidade é que tem de ser, em verdade, preparada pelo Integralismo. Para destinos novos, homens novos. A renovação das idéas

somente poderá ser realizada *in totum* em almas novas.

Levados pelo impeto e pela fé da mocidade, exercito idealista que não precisa de orçamento, as idéas integralistas chegarão um dia ao poder. Inquerido pela policia após os acontecimentos de 6 de fevereiro de 1934 em Paris, o capitão Vallin, companheiro do coronel La Rocque, chefe da Cruz de Fogo, disse o que estou repetindo: "Quand nos ideés seront au pouvoir..."

Enganam-se redondamente os de dentro ou de fóra da Ação Integralista, que ainda estão mergulhados em personalismos. Num movimento dessa natureza não póde haver pessôas. Os individuos são contingentes, passam; as idéas ficam e vão se desenvolvendo pela força da propria propulsão.

O Integralismo precisa de longos anos de trabalho, preparo e educação, para estar apto ao exercicio do poder. E' mais uma das razões por que apela para a mocidade. No dia do seu triunfo, coroados de rosas como os vencedores de Salamina, os moços do Brasil poderão dizer que fizeram a Grande Revolução, aquela que, ao chegar ao governo, não avistou mais um de-

serto de homens e de idéas, porém sim uma floração de idéas e de homens.

O capitalismo creou no seu luxo uma mocidade digna de pena, os chamados meninos-bonitos, que passam os dias no volante das baratinhas e as noites nas orgias dos cabarets, cabeças recheadas de enredos de cinemas e de leituras perversas, senão de todo vasias. São êles os cidadãos do futuro, homens que não sabem viver nem morrer, mas que sabem suicidar-se.

Êsses moços riem duma camisa verde e não acham de bom tom o bárbaro grito — *anauê!* Mas os rapazes integralistas, que passam as noites de prontidão á espera do ataque comunista, que dormem nas táboas duras dos assoalhos, que sabem viver e morrer por uma idéa, teem profundo dó daquêles jovens que se perdem nos teatros imorais, nos cinemas indecentes, nas praias frascárias, nos cabarets e nos casinos, nos sensualismos e nos entorpecentes.

Que profunda piedade merecem êsses jovens! Como dêles se penaliza a mocidade do Sigma, a mocidade que compreende o formidavel esforço integralista, esforço que não mira triunfos imediatos! O moço que vier para o Integralismo pensando obter isto ou aquilo, para já, é melhor que não venha ou que vá alistar-se num P. R. qualquer. Vote com êle e verá satisfeito o seu *grande* anseio. Nas fileiras integralistas, só ha lugar para os moços capazes de fé e de sacrificio. Porque elas se destinam a salvar a Pátria, solidarizando as gerações do passado com as do futuro pelo élo magnifico da mocidade do presente.

A obra do Integralismo é uma obra para muitos seculos. Os moços de hoje estarão velhos, quando vierem os dias das grandes colheitas do que agora foi semeado. Preparamos um Brasil para nossos filhos ou, melhor ainda, para nossos netos. Pensando assim, pensamos desinteressadamente. Agindo assim, agimos desinteressadamente. Êsse desinteresse tem de ser o grande apanagio da mocidade integralista.

Ela reconstruirá a Pátria, sem data marcada para isso. Ela não sabe quando chegará ao poder, mas sabe que chegará. E isto é o principal. Nada mais lhe interessa. Chegará! Quando? Pouco importa. Quem chegará? Tambem pouco importa. Alguem de camisa-verde chegará, e levará consigo a mocidade, e a mo-

cidade estará toda impregnada pelas nossas idéas.

O seu espirito será o espirito do seu seculo e não o do liberalismo do seculo XVIII ou o do comunismo do seculo XIX, será o espirito de sacrificio, de heroismo, de bondade, de coragem, o espirito cristão eternamente moço. Êle não se aletargará mais nos prazeres egoistas, porem se orgulhará da sua fortaleza magnifica, do esplendor solar de suas atitudes de renúncia e de culto á grandeza moral e material do Brasil.

A TRADIÇÃO

Tradição é uma cousa; saudozismo, outra. A tradição vivifica; o saudozismo mata. A tradição é um olhar que se deita para trás, afim de buscar inspiração no que os nossos maiores fizeram de grande e imitá-los ou superá-los. O saudozismo é o olhar condenado da mulher de Lot, que transforma em estatua de sal. A tradição é um impulso que vem do fundo das idades mortas dado pelas grandes ações dos que permanecem vivos no nosso culto patriotico. O saudozismo é um perfume de flôres fanadas que envenena e enerva. A tradição educa. O saudozismo esteriliza.

Amar as tradições da terra, da raça, dos heróis é buscar nos exemplos do passado a fé construtiva do futuro. Mergulhar dentro delas para carpir a pequenez do presente deante de sua grandeza é confessar a propria impotencia e a propria incapacidade.

Da tradição nos veem gritos de incitamento. Do saudozismo nos veem lamentos e jeremiadas. Uma nação se constrói com aquêles gritos e se perde com essas lamentações.

Por isso, o Integralismo é tão tradicionalista quanto é anti-saudosista.

O PACIFISMO

Ser pacifico, ter intentos pacificos, querer a paz é uma cousa; ser pacifista é outra. Os homens pacificos, as sociedades pacificas amam e cultivam a paz, mas não se arrecêam da guerra, recebem-na como uma provação ou uma escola de heroismo e de sacrificio, enfrentam-na e defendem sua existencia, suas idéas ou sua honra ameaçadas.

O pacifismo é a condenação formal da guerra, venha de onde vier, resulte do que resultar, embora para isso periguem a pátria, as suas instituições e a vida nacional. E' um derrotismo. E' uma efeminação. Os homens pacifistas, as sociedades pacifistas são incapazes de qualquer reação, deixando-se escravizar, a tudo se submetendo contanto que não rompam a paz, isto é, a sua inercia, a sua preguiça, a sua morte moral.

Uma nação póde ser pacifica e ter capacidade guerreira. Uma nação pacifista não tem capacidade guerreira. O pacifismo é uma capa sob que se esconde o judeu internacional para ir dessorando as virtudes guerreiras dos povos cristãos. A raça de Israel é uma raça de parasitismo e crueldade. Foge da guerra. E' a mais covarde de todas as raças. Somente desfibrando os povos valentes poderá judaizá-los, tirar-lhes a força combativa e escravizá-los.

Movimento nacionalista que desperta as mais recónditas energias do povo brasileiro, o Integralismo apregôa-se pacifico, amigo da paz, porém veementemente anti-pacifista, inimigo dêsse sistema de anemisar as nações.

LIBERALISMO POLITICO E LIBERALISMO ECONOMICO

O liberalismo politico nasce da filosofia racionalista e individualista do seculo XVIII. O liberalismo economico promana da mêsma fonte. São gemeos e o segundo sucede imediatamente ao primeiro. Vamos encontrar suas raizes sem dificuldade na concepção do *direito natural*, segundo Rousseau e Kant, que o despiram de toda transcendencia divina e o fizeram baixar até o homem. A Revolução Francêsa declarou-o imanente ao individuo, contrariando a teoria tradicional dos escolasticos, diz Le Fur (1). Isso é o triunfo completo, a vitoria definitiva do naturalismo, na órbita da politica. A consequencia logica dêsse naturalismo politico tinha de ser o naturalismo economico. Assim, quando certos confusionistas pre-

(1) L. Le Fur — "La Théorie du Droit Naturel".

tenciosos, entendem de defender o liberalismo politico, manifestando-se contra o liberalismo economico *et pour cause*, estabelecendo uma muralha entre os dois, ou são ignorantes ou agem de má fé. Ambos teem a mêsma essencia, representam a mêsma época, brotaram da mêsma concepção filosofica do homem e do mundo, destinam-se ao mêsmo fim.

As doutrinas politicas de Rousseau repousam sobre a base da liberdade natural do homem. As doutrinas economicas de Adam Smith repousam na mêsma base. Eis porque, respeitando os principios da liberdade individual, o Estado tem de limitar o mais possivel sua intervenção no campo economico. A livre concurrencia, tanto na politica como na economia, teria de permitir a seleção natural, o triunfo dos melhores, o que facilitaria o progresso da humanidade. Liberdade politica: o individuo póde pensar como quizer e pertencer ao partido que entender. Liberdade economica: o individuo póde exercer a atividade agricola, industrial ou comercial que desejar, onde desejar. Liberdade de trabalho: o individuo oferece, troca ou vende seu trabalho da fórma que achar melhor ou que as circunstancias permitirem, sem obrigação de pertencer a gremios, sindicatos ou corporações.

Adam Smith não fez mais do que codificar os principios economicos que o liberalismo trazia no bojo. A Revolução Francêsa não fôra unicamente politica. Tivera vasto e profundo alcance economico. Ela aboliu, pela lei Chapellier, as corporações de artes e oficios que o absolutismo real, posterior á Reforma, tornára decadentes, mas que eram veneraveis representantes das guildes medievais e das sodalicias romanas, devendo ser restauradas e não destruidas. Essas corporações enquadravam o individuo numa organização disciplinar e moral que o protegia, o educava e o mantinha, permitindo-lhe, pelo trabalho honesto e pelo merito, ascender até a invejavel posição de mestre.

Faltando a corporação e isolado o individuo dentro do pélago de todas as liberdades que conquistara pela Revolução, obedecendo ao instinto fatal de agremiação deante da luta pela vida, os que possuiam dinheiro se ajuntaram dum lado, os que possuiam somente seu trabalho se ajuntaram do outro. E, assim, nas-

ceu o regime capitalista, com a sua luta de classes.

"A verdade — escreve o chefe falangista espanhol Primo de Rivera, prefaciando um livro de J. Perez do Cabo — é que o brilho magnifico do liberalismo politico e economico durou pouco. No campo politico, a irreverencia contra qualquer nórma fixa, a proclamação da liberdade de critica sem limites, levou o mundo em alguns anos a não acreditar mais em nada. E, no campo economico, o sonhado progresso indefinido voltou um dia, inesperadamente, a cabeça e mostrou o rosto crispado pelos horrores da proletarização das massas, do fechamento das fábricas, das colheitas lançadas ao mar, da paralização forçada, da fome... Assim, no seculo XX, sobretudo depois da guerra, o espirito se encheu com o amargo estupor dos desenganos."

CAPITALISMO

O pai de todas as terriveis lutas que se processam no seio da sociedade contemporanea é o capitalismo. O sistema capitalista produzido pelo liberalismo politico e economico implantou a grande indústria, sufocando a pequena e o artezanato, e fez triunfar a máquina, anemiando o valor do trabalho manual.

Se nas organizações de caráter socialista o trabalho se sobrepõe ao capital, na fórma de organização capitalista, naturalmente, o capital predomina. Mussolini traça a sua fórmula: produção em massa, consumo em massa, capital em massa, o que tira o caráter humano da economia. Ela deixa de ser feita para o homem, como preceituava Santo Tomás de Aquino, e o homem passa a ser feito para ela, a ser seu escravo. Essa escravidão é tão verdadeira no regime capitalista quanto no regime comunista.

Em ambos, o homem deixa de ser o agente direto da produção. A máquina o absorve. Êle se transforma num parafuso do grande mecanismo.

O liberalismo, preconizando o individualismo, permitiu as hegemonias politicas e economicas em grupos e pessôas. Os capitais concentraram-se em coligações de toda a especie, afim de evitar, na verdade, a livre concurrencia que matava a vida economica. O *trust*, o *cartel*, o *ring*, o monopolio nascem da necessidade de muitos capitalistas se pôrem de acordo e repartirem mercados e lucros ao invés de abrirem luta entre si.

Para crescer, o capitalismo foi destruindo a pouco e pouco os proprios principios de que nascera, pois êsses eram do seculo XVIII e êle já trazia dentro de si o espirito do novo seculo, do XIX. Mais tarde, ainda na preocupação de defender-se de novos e constantes perigos, o capitalismo exige do Estado que lhe obedece como um criado, medidas de proteção que fraudam a essencia do regime liberal e o desmoralizam antes de matá-lo. A soberania politica do Estado tambem desaparece absorvida pela soberania economica que êle deixou

nas mãos de particulares, que passou para as mãos de grupos e que foi acabar nas mãos das sociedades anónimas, derradeira etapa do capitalismo em que o capital se torna uma abstração...

Permitindo o crescimento dum individuo em detrimento dos outros, o liberalismo consente que as fortunas individuais possam crescer ilimitadamente e se associarem a outras fortunas, embora demolindo toda a economia pública e creando os grandes capitais chamados *de especulação*. O capital-homem passa a capital-grupo e a capital-anónimo, capital-companhia, devorando economias e propriedades. No anonimato das sociedades o capital perde até a responsabilidade. Os que dirigem tais sociedades passam a fruir seus beneficios, despresando os que transformaram seu dinheiro em ações, bonus ou titulos. E' êsse o capitalismo imoral, absorvente e escravizador, resultado fatal do regime liberal, regime que, quando foi pregado pelos filosofos do seculo XVIII, influenciados pelo judaismo e pelas sociedades secretas a seu serviço, viera adrede destinado a êsse fim.

Afirma-se no ámbito nacional e no ámbito internacional, em ambos tornando a nação tributaria quer dos grupos financeiros internos, quer dos grupos financeiros externos.

CAPITALISMO "VERSUS" COMUNISMO

O Integralismo bate-se contra dois regimes, duas forças, dois inimigos, que parecem contrarios um ao outro, que aparentemente se chocam, mas que na essencia são irmãos, se entendem, se combinam muitas vezes por trás dos bastidores. Uma dessas forças é simplesmente o inverso da outra. Ambas não passam do positivo e do negativo da mêsma chapa fotografica. São o capitalismo e o comunismo.

O capitalismo destrói a *propriedade* do maior número em beneficio da *posse* nas mãos de pequeno número; destrói a pátria com a finança internacional, o capital que emigra ao sabor de suas conveniencias, sem se sacrificar por êste ou aquêle país, obediente ao lema: "o dinheiro não tem pátria"; destrói a familia pelo luxo, a orgia, os gozos, a perda da noção de honra ante o poder do dinheiro; destrói Deus com a sua concepção materialista da exis-

tencia, a adoração do Bezerro de Ouro, o mamonismo.

Vivendo de explorar a maioria da sociedade, arranca-lhe as últimas migalhas para aumentar seus proventos e fica indiferente, inerte, ou simplesmente limitado a uma caridade formalista e cabotina, deante do sofrimento dos trabalhadores. Isso gera a revolta dos que teem fome e vêem os filhos com fome. A ostentação do luxo e do sensualismo irrita os deserdados da sorte. O exemplo da incredulidade e do ceticismo nacional os invade.

Então, o capitalismo que gerou todas essas destruições, na sua ansia de possuir, além do poder do ouro, conjuntamente, o poder politico e dominar judaicamente o mundo, assopra, ás massas que tornou rebeldes e descrentes, como unico remedio ás suas dôres o ideal comunista: destruição definitiva da propriedade pelo capitalismo de Estado; destruição definitiva da familia pelo amor livre, o aborto oficial e a entrega dos filhos ao Estado; destruição definitiva da pátria pela sua inclusão numa União Sovietica pertencente a uma Internacional numerada, o comunismo é internacional como o capitalismo; destruição definitiva da idéa de Deus pelas campanhas próateismo.

Vê-se claramente que o comunismo não reage contra o capitalismo, como falsamente apregôa. Antes pelo contrário. Quintessencia seus principios. Torna definitivas as destruições que êle iniciou. Conclúe os arrazamentos. Completa-o. Corôa-lhe a obra.

Essa obra é a obra judaica de dominação universal. Ela se processa por dois flancos contra a sociedade moderna. Dum lado, avança o capitalismo internacional com a artilharia pesada dos emprestimos, da usura, das concessões, dos monopolios que arrancam a última camisa dos povos. Do outro, vem a cavalaria cossaca do comunismo internacional com seu materialismo infame, que escravizará os povos inteiramente ao desabrigo, com a matança das *elites*, com o terrorismo asiatico.

O capitalismo internacional é o capitalismo dos grupos financeiros judaicos. O comunismo internacional é, como pontificou Lenine, o "capitalismo de Estado". Êste nasce daquêle, amplia-lhe a órbita de influencia e ação. No capitalismo, os grupos de judeus teem somente o dominio do dinheiro com o qual in-

fluenciam o governo, o poder. No comunismo, os grupos de judeus se apoderam do Estado, além do dinheiro, ficando tambem de posse das proles, dos individuos escravizados, de todos os meios de produção, da riqueza dos países. O plano está exposto com clareza meridiana nos 'Protocolos dos sábios de Sião". Ao *proletario*, o capitalismo deixou ao menos a prole; o comunismo até a prole lhe arranca.

Sendo complemento do capitalismo, o comunismo não póde ser o remedio preciso para a angústia social de nosso seculo. Mascára-se de reação tão somente. Eis por que, aprofundando bem a questão, se verifica que o capitalismo não é visceralmente contrário ao comunismo e que os elementos judaicos são seus melhores propagandistas. O remedio é o Integralismo que combate os dois e é combatido pelos dois.

Por que êsse combate sem piedade?

Imaginemos que um dia os bacilos de Koch tivessem imprensa diaria, com matutinos graves e vespertinos que tirassem oito ou nove edições, iludindo o público com seus titulos enormes e vazios. Que faria em primeiro lugar essa imprensa? Cerradissima campanha

contra os especificos contrarios ao microbio da tuberculose, contra o pneumotórax, os fortificantes, os sanatorios, o clima de Davos e Campos do Jordão. Naturalmente. Não cairia na tolice sem par de elogiar o microbio da peste branca, muito menos a propria enfermidade. Mas trataria de demonstrar a defeituosa manipulação dos remedios, a ineficacia dos fortificantes, os defeitos dos sanatorios, os inconvenientes do pneumotórax e a insalubridade de Davos e Campos do Jordão.

A imprensa amilhada ao judaismo procede do mêsmo modo. Ela não cái na esparrela de elogiar os usurarios judeus e os comunistas; porem apregôa, adulterando os fátos e os textos, os defeitos e os perigos do Integralismo. Ora, afastada da competição a doutrina integralista, que resta hoje em dia no cenario social? O liberalismo e o comunismo. Toda a gente está farta de saber que o liberalismo já deu o que tinha de dar, está morto e cheira mal. Então, logicamente, a obra de derrotismo da imprensa contra o Integralismo é obra de incentivo comunista. Mais uma vez, capitalismo e comunismo estão de parceria, embora aparentemente se finjam adversarios.

A unica reação possivel contra o capitalismo-comunismo é o Integralismo. Porque, em primeiro lugar, afirma Deus como a suprema nórma moral do Universo. O fiel regulador do Bem e do Mal não póde ser entregue ao homem ou ás instituições humanas, que são variaveis e contingentes no tempo e no espaço. Imutavel e eterno, êle somente póde estar fóra da humanidade. Não ha, pois, moral sem Deus. Não havendo moral, não póde haver justiça social e, se não ha justiça social, não ha pão para todos.

Quando o comunista brada por *pão*, exige um simples fundamento material, o menos que póde exigir. Quando o Integralista afirma Deus afirma o mais, afirma o principio unico de que decorre aquêle fundamento.

Porque, em segundo lugar, assegura a propriedade, resultado do trabalho honesto, condenando a *posse*, ás vezes legal e na maioria dos casos ilicita, dos bens mal adquiridos. A propriedade é a projeção do homem no espaço, do mêsmo modo que a familia é a projeção do homem no tempo. Essas projeções são inerentes á sua natureza e se completam. O erro liberal está em conceder ao homem somente

direitos de proprietario sem exigir-lhe os deveres que o habilitem a êsses direitos. O erro comunista está em abolir êsses direitos. O Integralismo reconhece uns em função dos outros, proclama-os e garante-os.

Porque, em terceiro lugar, afirma a familia como base natural e eterna da sociedade, o primeiro grupo humano, o grupo biologico, que variou nas fórmas, conforme os ciclos culturais, mas que foi invariavel na essencia. Da familia nasceu a tribu, da tribu a cidade ou a nação. Nos povos primitivos, as cidades e nações guardavam a memória das tribus e as tribus, a das familias, iniciais. Vêde-as em Roma; vêde o culto ás familias iniciais de Ba-Hô, na velha China. Afirmar a familia é mais do que afirmar somente a liberdade, como fazem certos comunistas. O individuo isolado torna-se fraco. Reunido a outros, fortalece-se. Se essa união, além de outros laços, tem os do aféto e do sangue, mais forte se torna, sobretudo moralmente. A familia é, pois, o núcleo basilar da liberdade moral do homem. Mergulhado na massa comunista, o *individuo* se torna um *dividuo*, uma parcela sem personalidade. Quem não tem personalidade não póde ter liberdade,

porque liberdade é afirmação. Afirmação é consciencia. E a personalidade do homem se reforça, apoia e emoldura na familia.

Quando o comunista brada por liberdade exige o menos, exige uma simples função. Quando o Integralista afirma a familia, afirma o maximo, afirma o órgão capaz dessa função.

Porque, em quarto lugar, afirma a pátria como uma comunhão dum territorio e do espirito dum povo, uma comunhão de interesses materiais, de sentimentos, de dôres, de esperança, de anseios, de alma, — o casamento dum sólo e dum povo, na frase de Renan. A pátria é a posse dum chão, posse material e moral. Sem essa posse, não é possivel garantir terra a nenhum filho do mêsmo país. A terra internacionalizada é de todos os povos.

Quando o comunista pede terra, pede o menos, a superficie aravel, plantavel, trabalhavel, capaz de produzir searas ou pastos. Quando o Integralista afirma a pátria, afirma o máximo, a terra em superficie e em profundidade, em toda a sua força material de produção e com toda a sua força moral de projeção no passado e para o futuro, a terra adubada com as cinzas de seus antepassados.

Combater o capital — hipertrofia do individuo, hipertrofia do grupo, hipertrofia da sociedade anónima, hipertrofia da finança internacional, hipertrofia do judaismo, hipertrofia, afinal, do Estado com o Capitalismo de Estado de Lenine, é um trabalho de Hercules. O Integralismo não se arreceiou de meter ombros á empresa. E' por isso tão anti-capitalista quanto anti-comunista.

SOCIALISMO E COMUNISMO

Que é socialismo?

E' toda organização social que, suprimindo as diferenças entre os individuos, intervem nas relações entre produtores e consumidores, regulando-as. Em Marx, tanto na obra do proprio punho como na interpretação de Deville encontramos a expressão "socialismo-cientifico" como sinónimo de comunismo. Nitti insurge-se contra ela, declarando-a verdadeiro disparate pela completa ausencia de método cientifico na obra de Marx, na qual ha polemica, literatura, historia, teorias geraïs, só não ha ciência.

Porque consideram o comunismo, que é o *sistema socialista* que põe em comum os meios de produção e o consumo, *socialismo cientifico* é que os pontifices do marxismo contemporaneo deram á Russia Sovietica o nome de União das Repúblicas Socialistas Sovieticas,

U. R. S. S. O professor A. Estrada (1) escreve o seguinte, transcrevendo opiniões de mestres do socialismo: "Quando os burguêses querem distinguir as palavras *comunismo, socialismo, coletivismo,* ou são uns ignorantes ou procedem de má fé — uma cousa ou outra. *Comunismo* significa propriedade e produção *comuns; socialismo* significa propriedade e produção *sociais; coletivismo* significa propriedade e produção *coletivas*. Querer estabelecer distinção entre estas tres palavras é o mêsmo que fazer diferença entre andar e caminhar a pé (1)."

Na verdade, o socialismo é contrário ao individualismo. Surge como uma reação ao isolamento creado pelo liberalismo, reação sentimental, humanitaria deante da áspera luta entre trabalhadores e capitalistas. Era preciso pôr um termo á injustiça social. E a doutrina bebeu inspiração na "Utopia" de Morus, na "Cidade do Sol" de Campanella, na "Oceana" de Harrington, na "Icaria" de Cabet, na *bondade natural do homem* de Rousseau, em Mably, em Babeuf, em Owen, em Saint-Simon, em

(*) "Sintese das reformas sociais contemporaneas", pg. 12.

Fourier. O penultimo se tornou o mais conhecido e, durante algum tempo, ao *socialismo utopico* se denominou *sansimonismo*.

A palavra *socialismo* começa a popularizar-se por volta de 1890. Fala-se no *socialismo utopico*, sansimonista, vaga aspiração de transformar a sociedade; fala-se no *socialismo de Estado*, segundo o qual as leis deviam garantir as estipulações contratuais entre o capital e o trabalho; fala-se mêsmo em *coletivismo*, substituição da propriedade individual pela propriedade coletiva de todos os meios de produção. Dezesete anos depois, é lançado o manifesto comunista de Karl Marx.

O espirito judaico quintessencia-se nessa doutrina. O naturalismo individualista do seculo XVIII cede o lugar ao materialismo historico do seculo XIX. A dialetica hegeliana explica a luta de classes. O *natura non facit saltus* é destruido pelo principio contrário. Novas fórmas em tudo, sinteses, resultam permanentemente de elementos que se embatem, o que constrói, tese, o que destrói, antitese. Como o liberalismo, o marxismo abraça o campo politico e o campo economico, com a diferença de no liberalismo a economia resultar da política e nêle a politica resultar da economia. Ora, o capitalismo é a *tese*, o proletariado é a *antitese*; do seu choque brotará nova *sintese*, nova fórma de vida, nova organização economica e estatal. Teoricamente, pois, o dominio do proletariado não poderá ser permanente. Êle, subindo no poder, se tornará *tese*, sobrevirá nova *antitese* e se verá no futuro uma outra *sintese*...

Olhando o campo economico, o comunismo vê a impossibilidade de continuação do falso sistema creado pelo naturalismo democratico e economico. Reconhece que o valor da mercadoria depende exclusivamente do trabalho que representa, dêsde que o operario tenha ganho o bastante para satisfazer suas necessidades. Se, além disso, continuar a trabalhar sem que o patrão lhe abone o excesso, nisso está a *mais valia*, que constitúe a exploração capitalista (1). Sendo o autor dessa exploração o capital particular, o meio de acabar com ela é transformá-lo em capital público, é passar o capitalismo do individuo para o Estado.

(*) "Economia — Trabajo — Lucha de Clases" — J. O. N. S.

A luta de classes terá de processar-se no seio da sociedade por meio do sindicalismo revolucionario ou anárquico, o qual pouco e pouco vai fazendo exigencias até se tornar o gerente da produção e até destruir completamente o Estado semi-liberal que lhe deu guarida e o aqueceu ao calor maternal de seu seio. Êsse instrumento de conquista do poder fala constantemente em nome das reivindicações proletarias, em movimento de *esquerdas* e aplica os seguintes métodos de atuação: boicote, sabotagem, greve, ação direta, violencia soreliana.

Ao sindicato de operarios se opõe o sindicato de patrões. Então, temos o que deseja e preceitúa o marxismo hegeliano: a *tese* e a *antitese* oficializadas pelo Estado Liberal, a luta de classes oficialmente organizada pelos poderes públicos.

O PAPAGAIO DO GANGES

Deante do idealismo que reçuma da doutrina do Sigma, os utilitaristas e os inertes devem sorrir desdenhosamente. Eu quero por isso contar-lhes uma velha história que está nas páginas do *Tripitaka*, onde se narram as sucessivas encarnações de Buda:

Certa vez, uma papagaio, regressando á floresta onde morava, nas margens do Ganges, pousou instantes numa árvore da montanha proxima. E todos os animais que ali viviam o receberam com as melhores provas de agrado, pedindo-lhe muito que ficasse vivendo com êles. O papagaio recusou polidamente, mas não esqueceu aquela bôa acolhida.

Tempos depois, temeroso incendio irrompeu nas matas dessa montanha e começou a devorá-las rapidamente. Tódos os animais, loucos de pavor, fugiam ou gritavam. As fêmeas corriam aos ninhos para salvar os filhos. O pa-

pagaio, vendo o que se passava, ficou muito aflito. Correu ao rio, meteu-se na agua e começou a voar sobre as chamas. Com a agua que conseguia trazer nas penas das asas aspergia o fogo, afim de apaga-lo. Ia ao rio e vinha incessantemente, repetindo essa manobra, quando um abutre do pescoço pelado, que calmamente esperava o fim do incendio para devorar os pobres bichos grelhados, lhe disse com um risinho de zombaria:

— O' papagaio, que tolice é essa que estás fazendo? Não vês que êsses pinguinhos de agua não extinguirão o incendio da floresta?

O papagaio replicou-lhe com despreso:

— O que menos me preocupa, abutre, é o resultado. Estou cumprindo o meu dever.

A todos os abutres da burguesia, do liberalismo e do comunismo, á espera da carniça dos povos, podemos responder com a sobranceria da ave do Ganges, nêste apólogo budista:

— O que menos nos preocupa, a nós Integralistas, é o resultado que possamos tirar. Estamos cumprindo nosso dever.